Editora ABRIL
edição 2752 - ano 54 - nº 33
25 de agosto de 2021

veja

www.veja.com

UMA DERROTA DA CIVILIZAÇÃO

A volta do Talibã ao poder no Afeganistão é mais um alerta ao mundo para a explosiva combinação entre política e religião — e comprova que, vinte anos depois do 11 de Setembro, o fundamentalismo continua sendo uma ameaça à humanidade

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

Grande São Paulo:
(11) 3347-2121
Demais localidades:
0800-775-2828

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
www.abrilsac.com.br

Grande São Paulo:
(11) 5087-2112
Demais localidades:
0800-775-2112

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Para baixar sua revista digital
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para: licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, 1º andar, Parte A, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450
Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

VEJA 2752 (ISSN 0100-7122), ano 54/nº 33. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA. Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP 36020-110, Juiz de Fora, MG

www.grupoabril.com.br

AP/IMAGEPLUS

CAPT. CHRIS HERBERT/U.S. AIR FORCE

UM ALERTA UNIVERSAL

BUSCA PELA LIBERDADE Refugiados lotam avião para escapar da guerra no Vietnã, em 1975, e afegãos desesperados saem de Cabul: fuga do radicalismo, cujo apogeu foram os atentados de 11 de setembro

CAUSOU HORROR nesta semana a imagem de uma aeronave militar americana abarrotada com mais de 600 afegãos dispostos a escapar de Cabul, mesmo com a capacidade indicada de apenas 100 indivíduos. A cena remete ao desespero de refugiados vietnamitas amontoados em 1975, em busca de alguma saída, em momento decisivo da guerra entre americanos e vietcongues. Embora o pano de fundo fossem conflitos bélicos, os grupos retratados, na verdade, fugiam principalmente da tirania imposta pelos vencedores, um mal ancestral que vem ganhando força na atualidade. Apesar de se vender desta vez como mais tolerante, a vitória do Talibã é — sem dúvida — uma derrota para a civilização. E a multidão afobada é um reflexo disso. Ela quer se afastar da mordaça, do fundamentalismo, que, entre outras insanidades, proíbe as mulheres de viver como seres humanos.

Ressalve-se que a vitória dos radicais, para além do totalitarismo, representa um atentado à natureza do islamismo. Como já observou uma reputada historiadora das religiões, a inglesa Karen Armstrong, que durante sete anos foi freira, "os extremistas sequestraram a biografia de Maomé". Trataram de estabelecer uma leitura do personagem religioso que combinasse com seus anseios violentos. Eis o que afirmou Karen: "Maomé disse que Deus exortou tribos e nações a se conhecer melhor, não a cometer atentados ou odiar. O *Alcorão* diz que matar é diabólico".

A interpretação distorcida de textos religiosos, atrelada a interesses políticos bem mundanos, é recurso milenar que, na era da cacofonia das redes sociais, ressurge assustadoramente em pleno século XXI. Trata-se de uma postura que se alimenta da treva, dos radicalismos e da ignorância. A tinta fundamentalista — que o Talibã representa em seu grau mais nefasto e incomparável — é um exemplo emblemático destes tempos de retrocesso, em que muitas pessoas se arvoram no direito de gritar contra a vacinação, a favor da ideia do terraplanismo e de outras mentiras, na contramão da ciência e dos fatos. Uma indesejável volta ao passado *(leia a reportagem que começa na pág. 44)*.

Convém, portanto, entender o avanço dos talibãs como sinal de alerta universal. A mistura de religião com armas é deplorável, uma combinação que, ao longo da história, tem resultado sempre em desastre. Por isso é preciso permanente vigilância para que o atraso, em nome de falsas profecias e delírios, não vença. Como disse uma vez a ativista paquistanesa Malala Yousafzai, de 24 anos, prêmio Nobel da Paz, ela mesma ferida por tiros de bandos de talibãs que a impediam de frequentar a escola: "Eles acham que Deus é um pequeno ser conservador que mandaria garotas para o inferno apenas porque vão à escola". Uma tristeza que pensamentos tão retrógrados e bárbaros prosperem no Afeganistão ou no resto do planeta. ■

CRISTIANO MARIZ

NÃO VAI TER GOLPE

Titular da pasta da Defesa e da Segurança Pública no governo de Michel Temer, o ex-ministro descarta uma possível ruptura democrática, mas diz haver riscos de conflitos em 2022

VICTOR IRAJÁ

EX-MINISTRO da Defesa e da Segurança Pública durante o governo de Michel Temer, Raul Jungmann tornou-se uma das principais vozes nas questões mais candentes às Forças Armadas. No comando do ministério entre maio de 2016 e janeiro de 2019, ele defende a aprovação de uma Proposta de Emenda Constitucional (PEC) que limita a atuação de militares da ativa no Executivo, assunto que volta à tona com a polêmica participação de oficiais de alta patente no governo de Jair Bolsonaro. Jungmann externa preocupação com a presença de coronéis e generais à frente de cargos importantes para os quais não foram preparados, como o de ministro da Saúde, em plena pandemia. Familiarizado com os bastidores do Exército, Marinha e Aeronáutica, ele refuta a possibilidade de militares embarcarem em uma potencial aventura golpista do presidente Jair Bolsonaro. Mas, nesta entrevista concedida a VEJA, não descarta um cenário de ameaçadora instabilidade para o ano que vem e conta uma versão bastante preocupante para a saída dos comandantes das Forças Armadas em março.

Qual o impacto da crise institucional entre o presidente Jair Bolsonaro e o Supremo Tribunal Federal do ponto de vista das Forças Armadas? Infelizmente, existe no alto oficialato uma visão bastante crítica a respeito do STF, algo que remonta à decisão do ministro Edson Fachin de zerar as ações contra o ex-presidente Lula. Os militares têm uma leitura de que o STF não está deixando o presidente Bolsonaro governar, algo do que obviamente discordo. A Corte, na maioria de suas decisões, tem contido o presidente em seus limites constitu-

cionais. Mas algumas decisões polêmicas embasaram essa imagem que se formou nas Forças Armadas. Existe também a leitura equivocada de que o Supremo teria destruído a Operação Lava-Jato. É algo preocupante.

Mas cabe aos militares esse tipo de posicionamento sobre o STF? Como instituição, as Forças Armadas não se pronunciam e não têm posição a esse respeito. Refiro-me a militares como indivíduos. Essa visão é, sobretudo, presente entre os oficiais da reserva, mais do que entre militares da ativa. Tenho conversado com ministros do Supremo sobre isso e chegou-se a se cogitar uma conversa entre dois ou três deles com os comandantes das três Forças, mas com essa última crise isso não aconteceu. É importante que esses esclarecimentos sejam feitos.

O desfile de blindados da Marinha no último dia 10 foi algo inédito. Como avaliou a parada? Desfile de tropas e blindados nas cercanias dos poderes só é aceitável em datas comemorativas nacionais. Fora disso, é ameaça real ou simbólica — e algo inaceitável. Simbolicamente, dá sequência à série de atos de constrangimento do presidente da República aos demais poderes. Em termos de balanço, o desfile revelou-se uma ópera-bufa. O efeito foi extremamente negativo e, ainda, ocorreu a derrota do voto impresso.

Virou piada a situação dos blindados durante o desfile. Os armamentos brasileiros estão de fato sucateados? O Exército brasileiro tem um conjunto de tanques de alta qualidade, aproximadamente 250 deles estacionados em Santa Maria *(RS)*. Já a Marinha, obviamente, tem seu melhor equipamento nos navios. Aquilo não reflete a realidade das Forças Armadas. Se outros materiais fossem levados a Brasília, a impressão seria outra.

“Em 1964, existia apoio de setores da imprensa, de igrejas, do empresariado, fora uma situação internacional que favorecia um golpe de Estado. Hoje, não há ambiente para isso”

O senhor é um firme defensor da Proposta de Emenda Constitucional que limita a atuação de militares da ativa no governo. Como se daria esse controle? Em democracias consolidadas é o Congresso Nacional que faz a supervisão e a fiscalização das Forças Armadas e fixa o rumo da Defesa nacional, definindo quais políticas o país necessita. No Brasil, o Congresso Nacional se alienou desse papel. Os militares precisam ser liderados pelo poder político representativo. Os civis, por sua vez, não apresentaram nenhum projeto para os militares.

Pelo seu raciocínio, os militares ocupam um vazio deixado pelos civis. Mas não há interesse exacerbado dos generais por cargos na administração pública? Por que o militar recusaria convite para ganhar mais? Eles não são os culpados por quererem ganhar mais. Por isso acredito que quem deve limitar essa atuação é o Congresso, para que não haja politização das Forças Armadas.

Quais cargos são legítimos de ser ocupados por militares? Órgãos como o Gabinete de Segurança Institucional, o Ministério da Defesa, cargos em áreas nuclear e espacial, que são áreas afins às atividades deles. Hoje, existe uma situação de acusações mútuas. A PEC sai das discussões vazias e traz constitucionalidade para o debate, deixando claro quais os limites da atuação no governo.

Como avalia a não punição do ex-ministro Eduardo Pazuello por participar de uma manifestação governista? A decisão de não puni-lo foi indefensável. Assim como a manifestação tosca do chefe da Aeronáutica, Carlos de Almeida Baptista Junior, de que “homem armado não ameaça”. Até então, eu vinha defendendo os generais em cargo político e na reserva. Os comandantes militares estavam mantendo-se enquadrados pelas linhas constitucionais. O que o Baptista fez é muito grave. São dois casos de punição, e foi um erro não puni-los.

O presidente Jair Bolsonaro repete o termo “meu Exército”. Como vê essa reiteração contínua de sua ascendência sobre as Forças Armadas? Existe uma constante atuação de constrangimento por parte do presidente da República, para forçar as Forças Armadas a endossar os atos e as falas dele. Foi por não endossar os achaques ao Supremo Tribunal Federal, ao Congresso Nacional e aos governadores, pelas políticas engendradas na pandemia, que, pela primeira vez, os chefes da Aeronáutica, Marinha e Exército foram demitidos. Eles não se dobraram. Os três foram demitidos porque se recusaram a envolver as Forças Armadas nas declarações e nos atos do presidente da República. Toda vez que ele se sente ameaçado, sobe o tom e desrespeita os outros poderes, constrangendo as Forças Armadas a endossar esse discurso.

A saída dos três comandantes das Forças Armadas, em março, foi, de fato, algo inédito. O que motivou a demissão? O respeito à Constituição. Ele chamou um comandante militar e perguntou se os jatos Gripen estavam operacionais. Com a resposta positiva, determinou que sobrevoassem o STF acima da velocidade do som para estourar os vidros do prédio. Bolsonaro mandou fazer isso, tenho um depoimento em relação a isso. Ao confrontá-lo com o absurdo de ações desse tipo, eles foram demitidos.

Há risco de ruptura democrática nas eleições de 2022? As Forças Armadas não estão disponíveis para nenhuma aventura ou golpe. Em 1964, existia apoio de setores da imprensa, da Igreja, do empresariado, fora uma situação internacional que favorecia um golpe de Estado. Hoje, não há ambiente para um golpe de Estado. Não tem nenhuma força política a favor disso, muito pelo contrário. Seria um raio em céu azul.

Mas o próprio presidente trata de manifestar sua intenção de não aceitar o resultado das eleições sem o voto impresso. Não é preocupante? Existem riscos. A campanha de Bolsonaro para desmoralizar o voto eletrônico envolve, no fundo, retirar credibilidade do Tribunal Superior Eleitoral, sem apresentar nenhuma prova.

Quais os riscos dessa campanha, já que as Forças Armadas não endossariam uma possível tentativa de golpe? Bolsonaro corteja as polícias e afrouxa o controle das armas. Ele é o único presidente da República que vai a cerimônias de formação de policiais. Quando propõe que o povo se arme, ele quebra o monopólio da violência legal por parte do Estado. É grave. Só o Estado tem a prerrogativa legal para o uso da força. Ele propõe jogar brasileiros contra brasileiros. No limite, isso tem o nome de guerra civil. Vamos ter problemas em 2022, não sei em qual nível. Quando o presidente diz que não teremos eleições se não forem eleições limpas, ele prepara o terreno para que vivamos o que os Estados Unidos passaram na invasão do Capitólio, só que de maneira ampliada.

Como? A situação que mais me preocupa é esta: imagine um cenário de motins policiais no ano que vem e suponha que um governador peça ao presidente da República a presença das Forças Armadas para a garantia da lei e da ordem e ele não o faça. Este governador, então, recorre ao Supremo Tribunal Federal e ao Congresso Nacional. Chegamos a um impasse institucional. Só o presidente da República pode colocar tropas nas ruas, mais ninguém. Nunca vivemos isso. Ele é o comandante em chefe.

Qual o impacto para as Forças Armadas do envolvimento de coronéis na suposta corrupção na compra de vacinas? É preciso que seja investigado.

> **“Ele chamou um comandante e perguntou se os jatos Gripen estavam operacionais. Com a resposta positiva, determinou que sobrevoassem o STF acima da velocidade do som”**

Sendo militar ou civil, incorrendo em crime, tem de ser punido. Não faz sentido em um país com sanitaristas de renome internacional e qualidade comprovada em políticas sanitárias ter militares ocupando cargos no Ministério da Saúde. Cria-se um desgaste de imagem, embora eles não representem as Forças Armadas. A gestão do Eduardo Pazuello não teria acontecido se houvesse limites à atuação de militares em cargos políticos.

Mais de 74% dos gastos militares são com pessoal e pensões. Trata-se de um gasto sustentável? O Orçamento do Brasil com Defesa está abaixo da média global, não é exorbitante, mas o gasto com pessoal é demasiado. Desde o Império, adotamos uma estratégia de ocupação de território. As Forças Armadas de países desenvolvidos têm estratégias diferentes, com investimento tecnológico e profissionalização das tropas. Uma grande quantidade de recursos humanos pressiona o Orçamento, que comprime os aportes essenciais. Precisamos de uma Força com alta capacidade de mobilidade e letalidade, tecnológica.

A saída do general Luiz Eduardo Ramos representa uma perda de influência dos militares no governo? É uma disputa por espaço. O Centrão deseja mais cargos, alguns detidos por militares. Até aqui, a batalha tem sido vencida pelo Centrão. Esse governo é frágil e precisa, desesperadamente, de uma blindagem. Bolsonaro viu crescer o risco de um remoto impedimento com as falhas no combate à pandemia e recorreu ao velho presidencialismo de coalização.

Numa possível vitória do ex-presidente Lula, como o senhor acha que o Exército se comportará? Cumprirá a Constituição e baterá continência para o comandante em chefe das Forças Armadas. ■

A TRAGÉDIA COMO DESTINO

PENSE em todas as mazelas do mundo. Elas brotam no Haiti com atavismo, como se o destino da ex-colônia francesa fosse sempre a tragédia. A descontrolada pandemia de Covid-19, a escalada da violência entre gangues, uma enorme crise econômica e o assassinato, ainda cercado de mistérios, do presidente Jovenel Moïse, em julho, ficaram para trás na lista de horrores do país com o **terremoto de magnitude 7,2 no sábado 14.** Pelo menos 1950 pessoas morreram, mais de 35 000 casas foram destruídas e outras 46 000 danificadas, além da ruína de 25 centros médicos. Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), cerca de 540 000 crianças foram afetadas de alguma forma — golpe doloroso para um canto do mundo em que dois terços da população vivem na pobreza e há escassas perspectivas de educação e emprego. Como se não bastasse, depois do tremor veio um vendaval que impossibilitou a livre movimentação das equipes de resgate. Alguma ajuda já foi enviada, mas teme-se a reprise da situação de onze anos atrás, quando o acidente sismológico devastou a capital, Porto Príncipe, e a inépcia e má coordenação da assistência internacional aos mais necessitados foram atalhos para um devastador surto de cólera. Convém, à falta de socorro adequado, sempre lembrar uma bonita frase de Zilda Arns, a pediatra e sanitarista brasileira, coordenadora da Pastoral da Criança, que morreu no terremoto haitiano de 2010: "Não se enganem, uma gotinha no oceano faz, sim, muita diferença". ■

Caio Saad

JOSEPH ODELYN/AP/IMAGEPLUS

“Tomar as vacinas autorizadas pelas respectivas autoridades é um ato de amor. Ajudar a maioria das pessoas a fazer o mesmo também é ato de amor.”

PAPA FRANCISCO, em anúncio veiculado nas redes sociais e na TV

THOMAS DE CIAN/NURPHOTO/GETTY IMAGES

“Se em trinta dias não tirarem os caras, nós vamos invadir, quebrar tudo e tirar os caras na marra.”

SÉRGIO REIS, cantor sertanejo, anunciando uma manifestação de caminhoneiros a favor do governo em 7 de setembro, financiada por produtores de soja. Todos os envolvidos negaram e Reis, 81 anos, ficou deprimido com a repercussão

“A gente respeita não só o Marcio homem, mas o Marcinho VP, o traficante (...), por tudo que você construiu.”

RAPHAEL MONTENEGRO, secretário da Administração Penitenciária do Rio de Janeiro, exonerado e preso, em gravação de conversa e tentativa de acordo com o criminoso. O governador fluminense, Cláudio Castro, diz que ele agiu por conta própria

“O bonito aí não faz nada?”

CRISTHIANE BRASIL, filha de Roberto Jefferson, cobrando atitude de Jair Bolsonaro quando seu aliado político foi preso em investigação sobre mídias digitais

“Não fico enchendo linguiça para me manter na mídia.”

MARISA MONTE, cantora notoriamente avessa à exposição de sua vida pessoal

“Pretendo trabalhar com a Justiça e o novo advogado da minha filha para preparar a transição ordeira para um novo guardião.”

JAMIE SPEARS, pai e responsável pela tutela da cantora Britney Spears desde 2008, devido a questões mentais, anunciando que vai, enfim, sair de cena – uma vitória dela e do movimento Free Britney

"Previmos esta eventualidade. Agir com rapidez e rigor funcionou aqui."

JACINDA ARDERN, primeira-ministra da Nova Zelândia, ao anunciar novo *lockdown* nacional após a identificação de um único caso positivo de contágio da variante Delta no país

"Shia LaBeouf vai fazer o papel do monge."

ABEL FERRARA, cineasta, causando polêmica ao convocar para viver Padre Pio, um santo italiano, em seu próximo filme, o ator processado por violência pela última namorada, a cantora FKA Twigs

"Tem que entrar, respirar e se entregar."

ERIKA JANUZA, atriz, explicando como supera a dificuldade de fazer cenas de nudez e sexo

"As cicatrizes emocionais e os danos psicológicos permanecem até hoje."

JC, iniciais que identificam a autora de um processo contra o músico Bob Dylan por ter sido drogada e abusada por ele quando tinha 12 anos – em 1965. Dylan nega

"Minhas peças favoritas e a maior parte do que está no meu armário têm mais de dez anos."

GISELE BÜNDCHEN, modelo, ativista ambiental e "pessoa muito básica quando o assunto é moda"

"Preciso treinar por questão de saúde, de humor e de ser ariana. Ariano, quando não malha, vira o satanás."

JULIANA PAES, atriz, que aos 42 anos afirma que a relação com o próprio corpo é "bacana"

INSTAGRAM @JULIANAPAES

MATTHIAS BALK/P.A./GETTY IMAGES

TURISMO Charles Duke e o novo mercado: "É algo lucrativo que ajudará a Nasa"

O ESPAÇO ESTÁ MAIS ACESSÍVEL

Aos 85 anos, astronauta que pisou na Lua fala sobre a exclusiva experiência – vivida por apenas doze homens na história –, o absurdo do terraplanismo e a onda de naves da iniciativa privada

Como vê a exploração espacial por companhias privadas? A SpaceX fez grandes progressos. O turismo espacial é uma realidade. É algo lucrativo que ajudará a Nasa. O empresário Elon Musk mantém uma excelente parceria com a agência, tanto que já transportou astronautas americanos até a Estação Espacial Internacional em foguetes privados.

Então concorda com o turismo espacial? Sim. Estou empolgado. Na Rússia, por 20 milhões de dólares, você viaja numa nave Soyuz até a estação espacial. Prevejo uma queda de preços. A SpaceX quer levar turistas até a órbita da Lua. O espaço está mais acessível.

Apenas doze pessoas pisaram na Lua. Todos homens. As novas missões serão mais diversas? Havia mulheres nos primeiros voos com ônibus espaciais. Nas missões Apollo, isso foi evitado, pois não sabíamos como o corpo feminino reagiria à viagem. Não foi discriminação. A Nasa está focada agora na missão Artemis, cujo objetivo é levar a primeira mulher à Lua.

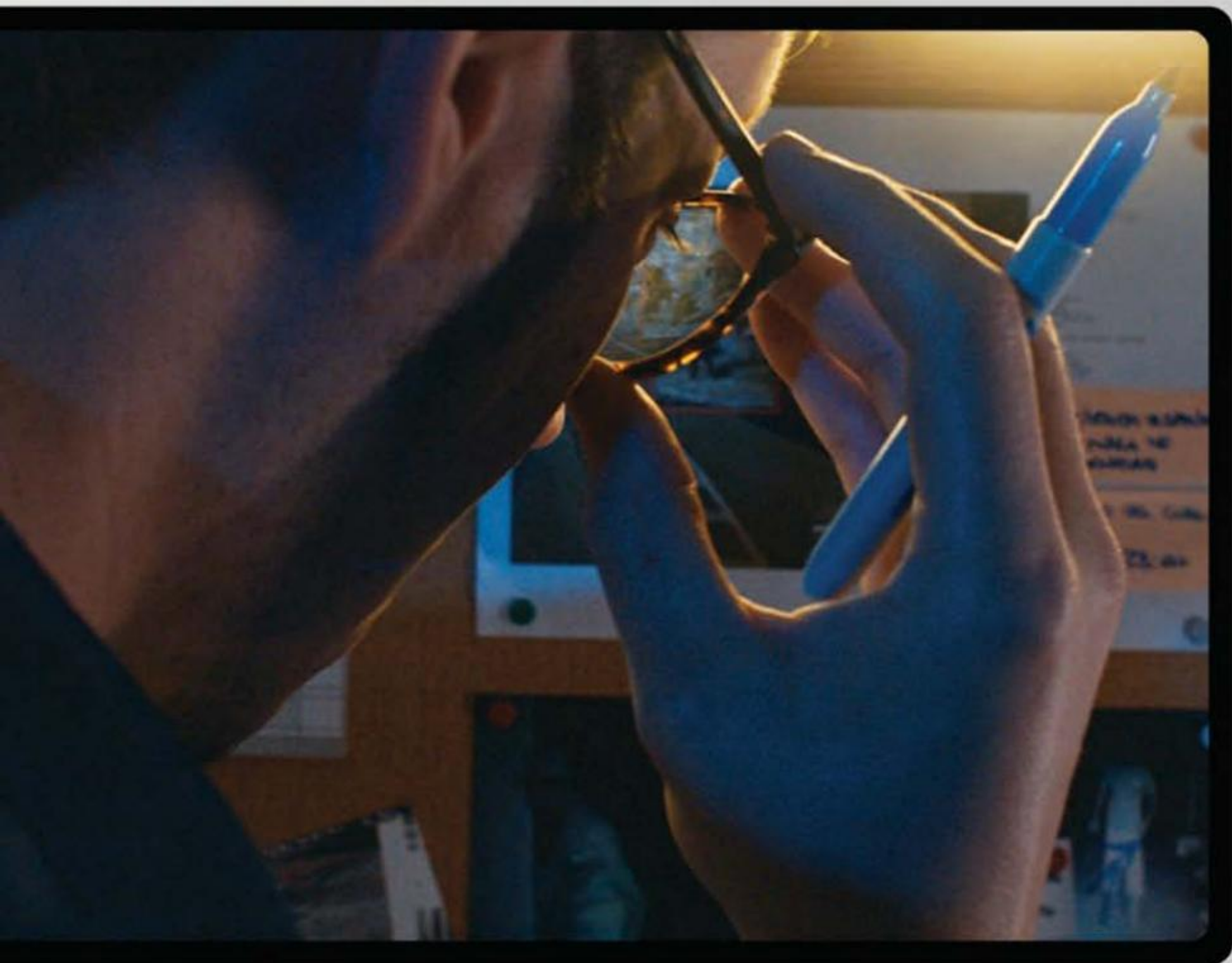
O senhor virá a São Paulo para a exposição *Space Adventure*, com objetos usados nas missões Apollo. Como é rever esses itens? Empolgante. São mais de 300 objetos originais, de trajes a computadores de bordo, além de réplicas da cápsula Apollo e o módulo lunar. É uma visão completa da maior conquista da humanidade.

É verdade que o senhor deixou uma foto de sua família na Lua? Meus meninos eram pequenos e eu queria envolvê-los nessa aventura. Pedi permissão para a Nasa, claro. Atrás estava escrito: "Esta é a família de Charlie, uma pessoa da Terra que pousou na Lua em abril de 1972". Mas sabia que duraria pouco. As temperaturas lá são extremas e há muita radiação. A imagem desbotou. As bandeiras americanas também já devem ter perdido a cor.

O que diz para quem acredita que a Terra é plana e duvida que o homem foi à Lua? Tente caminhar em direção à Estrela do Norte e veja onde vai dar. Eu pisei na Lua, vi a curvatura da Terra e tirei fotos dela. Sobre o homem na Lua, será que fingimos seis vezes? As evidências são avassaladoras. Fico louco com pessoas que duvidam disso.

A Nasa divulgou recentemente registros de óvnis. Acha que são aliens? Não. Mas o corpo humano não suportaria manobras naquela velocidade. Eu nunca vi algo do tipo enquanto voava, mas não duvido dos relatos de pilotos treinados. Fica o mistério. ■

Felipe Branco Cruz

FERNANDO SCHÜLER

O DECLÍNIO DA TOLERÂNCIA

NUNCA tinha ouvido falar da Bárbara. Sou meio alienado dessas coisas e há muito ando cansado do bate-boca político. Fui pesquisar. Bárbara era uma dona de casa que se tornou youtuber. Lançou o canal Te Atualizei e virou sucesso. Mistura bom humor e crítica política, apoia Bolsonaro, difunde as teses tradicionais da "nova direita", bastante conhecidas aqui pelos trópicos nos últimos anos .

Agora seu canal foi "desmonetizado", por uma decisão do ministro Luis Felipe Salomão, do TSE. Junto com ela, um amplo conjunto de canais digitais com perfil semelhante que basicamente se dedicaram, nos últimos tempos, a fazer campanha pelo voto impresso e criticar a urna eletrônica. De minha parte, nunca vi evidência de que nosso sistema de voto digital tivesse algum problema e penso que o país deveria andar para a frente, discutindo como melhorar o sistema, na linha do que vem fazendo o TSE, e não voltar no tempo.

ANN RONAN PICTURES/GETTY IMAGES

PIONEIRO John Milton, polemista inglês do século XVII: as pessoas, e não o poder, é que devem decidir

Mas o ponto não é esse. Uma República não se faz a partir da definição, pelo Estado, do que pode ou não pode ser dito. Não se faz pela "tutela jurídica da opinião", na boa definição que li dias atrás. Uma República não se faz com um órgão de Estado fazendo a "curadoria" da sociedade, signifique isso o que significar.

A decisão do TSE resolveu punir os sites dizendo que eles não fazem "críticas legítimas" nem "propõem soluções para aperfeiçoar o sistema". Diz que os ataques são "infundados", sem "provas concretas" nem "argumentos factíveis", como seria "próprio da democracia e da liberdade de opinião". E que tudo já foi "exaustivamente refutado", pelo TSE e pela Polícia Federal. Por fim, diz que essas pessoas estão ganhando dinheiro com tudo isso, com a agravante de estarem agindo em conjunto, visto que "não apenas se conhecem, como também se apoiam mutuamente, pois não raras vezes mencionam-se ou replicam conteúdos".

Confesso que quando li essas coisas me deu um certo cansaço. O ministro tem razão em dizer que boa parte daquelas críticas não tem pé nem cabeça, mas essa está longe de ser a questão relevante aqui. Não cabe à Justiça Eleitoral ou qualquer autoridade dizer que tipo de crítica tem ou não "legitimidade". Cidadãos têm legitimidade para criticar, em uma democracia, independentemente da opinião dessa ou daquela autoridade. Igualmente não está escrito na Constituição que uma crítica deva vir seguida de "soluções" para esse ou aquele problema. Neste caso havia uma PEC em análise no Congresso, e era a seu favor que os tais sites faziam seu proselitismo. Por fim, não consta que exista em qualquer democracia algo como crime de "apoio recíproco e replicação de conteúdo".

A liberdade de expressão está minguando, no Brasil, há algum tempo. Minguando porque não temos consenso sobre esse tema e porque nos falta uma tradição robusta de direitos civis. No inquérito das *fake news*, tivemos a volta da censura prévia. O próprio Congresso criou um novo tipo de crime, a "comunicação enganosa em massa", para quem disseminar "fatos que sabe inverídicos". Tudo isso vem acontecendo, mas nada se compara a essa recente decisão do TSE. Talvez seja a hora de parar e pensar um pouco a respeito.

Algumas lições vêm da história. Quando John Milton foi ao Parlamento inglês, no século XVII, pedir liberdade para a edição de livros, as razões da censura eram constrangedoramente parecidas. Como era possível editar livros com ideias falsas,

■ *Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de* VEJA

desestabilizadoras, ofensivas a tudo o que há de sagrado, e ainda ganhar dinheiro com isso? Pacientemente, Milton explicou que não cabia ao reino a definição do que era verdade, que ninguém era infalível. E que as pessoas deveriam fazer esse julgamento, e não o poder. Com isso lançou as sementes que fizeram germinar o moderno direito à expressão.

A história brasileira também ensina. Quando observo o ministro Fachin dizendo, em uma sessão da Corte, ser "inadmissível a defesa da ditadura", me lembro que esse mesmo argumento foi usado, 74 anos atrás, para pôr o PCB na ilegalidade. Estava tudo lá. Dizia-se que eram inadmissíveis manifestações "colidentes com os princípios democráticos", que era um erro permitir que ideias autoritárias se alastrassem e que "o preço da liberdade é a eterna vigilância". Hoje os sinais andam trocados, mas na forma tudo me lembra a ironia de Talleyrand: nada esquecemos, nada aprendemos.

"Em sociedades plurais, o direito à expressão é condição do pacto político"

O ingresso da política na lógica da guerra cultural vem gradativamente tornando a liberdade de expressão um tema incômodo. De um lado, cresceram as pautas identitárias e sua "reivindicação do absoluto", como li dias atrás. Os ofendidos não admitem controvérsia. De outro, a reação conservadora e sua carga de ressentimento. Sua entrada em cena foi tomada largamente como ilegítima pelos centros hegemônicos de opinião. Se não há legitimidade do outro lado, por que o direito à palavra? Se já sabemos o que tem e o que não tem "fundamento", por que perder tempo com o que essa gente tem a dizer? Como vaticinou David Goldberger, o advogado ícone da defesa das liberdades civis, "os progressistas estão deixando a Primeira Emenda para trás".

Há um risco institucional nisso tudo. Em sociedades plurais, o direito à expressão é condição para a legitimidade do pacto político. Isso é há muito sabido. Em sua *Carta sobre a Tolerância*, Locke observava que não era a "diversidade de opiniões (que não pode ser evitada), mas a recusa da tolerância para com os divergentes que tem gerado toda a tensão e guerra em torno da religião". Locke se referia à religião, que era a grande fonte de discórdia no século XVII. Essa mesma fonte, em nosso tempo, é a política. Não brigamos mais para saber se Deus é uno ou trino, se é a fé ou a igreja que nos livrará do inferno. Brigamos sobre o voto impresso, sobre Lula e Bolsonaro, sobre a Lava-Jato e até mesmo sobre os vídeos da Bárbara, no YouTube.

Tolerância e a liberdade de expressão nasceram, no mundo moderno, do reconhecimento de que a verdade explodiu. Que as pessoas passaram a cultivar ideias, deuses e valores diferentes, usando palavras distintas e um jeito de falar muitas vezes insuportável para os outros. Este mundo confuso requer igualdade na regra, e a ninguém é dado reivindicar autoridade sobre a verdade. Nem mesmo uma decisão de nossos mais altos tribunais. É essa a condição para que o pacto político seja inclusivo e as pessoas se sintam representadas pelas instituições.

Ajudar a resgatar esse sentimento talvez fosse, no longo prazo, a melhor contribuição civilizatória que nossa Suprema Corte, mas não só ela, poderia dar ao Brasil. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

ANTIBOLSONARISMO
De acordo com a última pesquisa XP-Ipespe para o Palácio do Planalto em 2022, 61% dos entrevistados declararam que não pretendem votar no presidente, o campeão de rejeição do levantamento.

VENDAS DE LIVROS
A comercialização de obras no país cresceu 50% no primeiro semestre, impulsionada por ofertas e redes sociais.

MANCHESTER CITY
O time inglês lidera o ranking dos clubes com elencos mais valiosos do mundo com a cifra de quase 7 bilhões de reais, segundo o site Transfermarkt.

DESCE

MILTON RIBEIRO
O ministro da Educação declarou que a presença nas escolas de crianças com necessidades especiais atrapalha o aprendizado dos demais alunos.

SÉRGIO REIS
O cantor foi alvo de representação de 29 subprocuradores por ter dito que caminhoneiros parariam o país até que ministros do STF fossem afastados.

RAPHAEL MONTENEGRO
O secretário da Administração Penitenciária do Rio foi preso sob suspeita de negociar acordos para garantir regalias a detentos do CV no estado.

O MARKETING SEM IDEOLOGIA

Não seria exagero atribuir ao publicitário baiano **Duda Mendonça** a invenção do marketing político como o conhecemos hoje, sem fronteiras ideológicas. Mendonça ajudou a eleger Paulo Maluf prefeito de São Paulo, em 1992, e Lula presidente da República, em 2002. Foi dele a ideia do slogan "Lulinha paz e amor", que faria o petista mais palatável na disputa contra o tucano José Serra. Mas depois viria a guerra. Em agosto de 2005, em depoimento à CPI, ele admitiu ter aberto uma conta bancária nas Bahamas por orientação do empresário Marcos Valério, o pivô do escândalo do mensalão. O depoimento de Mendonça, que seria absolvido pelo STF em 2012, representou o ponto mais crítico do primeiro mandato de Lula. Ele morreu em 16 de agosto, em São Paulo, aos 77 anos. Enfrentava um câncer no cérebro e, nos últimos dias, foi diagnosticado com Covid-19.

CRISTIANO MARIZ

PROPAGANDA Duda Mendonça: ele ajudou a eleger tanto Paulo Maluf quanto Lula

APAIXONADO POR CARROS

Ele formou-se em medicina, mas gostava mesmo era de carros. Problemas na compra de um Ford Landau o levaram a entrar no mercado automotivo, em 1979, quando deu início ao grupo que tem as iniciais de seu nome, **Carlos Alberto de Oliveira Andrade.** Anos mais tarde, o paraibano de João Pessoa se tornaria o maior revendedor da Ford na América Latina. Em 2019, o Grupo Caoa tentou comprar a fábrica da montadora americana no Brasil, mas o negócio não foi adiante. Hoje em dia, a empresa fabrica as marcas Hyundai e Chery e vende os automóveis Subaru. Desde 2013, Carlos Alberto havia saído da direção da Caoa para se tornar presidente do conselho. Visionário e trabalhador, ele morreu aos 77 anos, em São Paulo, durante o sono, de causa não revelada.

GRUPO CAOA/DIVULGAÇÃO

SUCESSO Carlos Alberto: trajetória brilhante na indústria automobilística

SINÔNIMO DE GOLS

"Der Bomber", o bombardeio, era como os alemães se referiam ao centroavante **Gerd Müller,** artilheiro do Bayern de Munique e da seleção. Não houve, na década de 70, goleador mais eficiente que ele. Com catorze gols em Copas do Mundo — dez em 1970 e quatro em 1974 —, durante muitos anos ele foi o maior marcador em mundiais. Seria superado apenas por Ronaldo, em 2006 (quinze gols no total), e Klose, em 2014 (com dezesseis, depois do fatídico 7 a 1 no Mineirão). Müller lidava havia anos com Alzheimer. Morreu em 15 de agosto, em Munique, aos 75 anos.

KARL SCHNÖRRER/DPA/GETTY IMAGES

ARTILHEIRO Müller: até 2006, o maior goleador da história das Copas

O PAI DO SUDOKU

O conceito do jogo, o chamado "quadrado latino", existia na Europa desde o século XVIII, criado pelo matemático suíço Leonhard Euler. A primeira versão moderna, com a divisão em nove quadrados, apareceu inicialmente numa revista de entretenimento americana. E, então, o professor japonês **Maki Kaji** inventou um nome, Sudoku — a contração da frase "os números devem ficar sozinhos". Kaji nunca teve os direitos da brincadeira, apenas a glória de tê-la feito famosa. "Não se trata de ganhar dinheiro, é puramente a emoção de tentar resolvê-lo", disse. Ele tinha 69 anos. Morreu em 10 de agosto, em Tóquio, em decorrência de um câncer na vesícula biliar. ■

INSTAGRAM @BLOGDOJEFFERSON8

VOU COBRAR Jefferson: esperança de que Bolsonaro o recompense pela devoção

Não deu, mas dará

Pouco antes de ser preso, **Roberto Jefferson** foi questionado por um aliado sobre o que ele ganhava com toda a devoção dispensada a Jair Bolsonaro, um ingrato, na visão do interlocutor. "Na hora certa, ele vai dar. Tô aguardando. Falei isso a ele", disse Jefferson.

Mensagem cifrada

O cacique do PTB diz esperar o mesmo que o presidente costuma buscar nas frequentes viagens a Santa Catarina. "Lá é onde estão os patrocinadores dele. Aquele rico Oeste, combustível eleitoral", diz Jefferson, segundo um aliado. A hora de Bolsonaro pagar o que "deve", pelo visto, chegou.

Fé em Deus

Outro que acredita ter uma fatura a cobrar de Bolsonaro é o pastor Marco Feliciano. Ele sonha em ser vice do presidente em 2022.

Braço curto

Eduardo Pazuello virou um espectro no Planalto. "Ninguém sabe o que ele faz para passar o dia. Trabalhar é que não é", diz um ministro de Bolsonaro.

Conveniência pessoal

Bolsonaro, garante um importante ministro, decidiu que vai se vacinar em breve. O motivo: o presidente quer viajar e precisa do cartão de vacina.

Tá no palácio, seu juiz

Dois meses depois de tornar Filipe Martins réu pelo crime de racismo, a Justiça ainda não achou o assessor bolsonarista para notificá-lo.

Falta de foco

Nessa obsessão pelo STF, Bolsonaro ignora informes de Inteligência que alertam para outras prioridades: aumento do desemprego e da fome, erosão da renda e risco de apagão.

Abençoa, Senhor...

O chefe do Turismo, Gilson Machado, quer encontrar o papa Francisco para pedir sua bênção ao Caminho dos Jesuítas, que passa por 26 cidades gaúchas e outros quatro países.

Nome na lista

Depois da conversa com Luís Roberto Barroso, **Hamilton Mourão** entrou de vez na lista de "ameaças" ao presidente. "Se alguém que você conhece visita um inimigo seu, o que ele vira?", indaga um ministro fiel a Bolsonaro.

Pode espionar

Virar "inimigo", no caso de Mourão, é ter ainda mais risco de sofrer com arapongas do palácio, mas ele não se abala: "Não me preocupo com isso. Não conspiro. Minha agenda é clara".

Melhor assim

Alvo de radicais nas redes, Barroso caminhou pela praia, no Rio, no fim de semana e passou no teste sem ataques.

O jogo sujo continua

A Polícia do Senado investiga ameaças de bolsonaristas a Rodrigo Pacheco. A turma bolsonarista não aprende.

Com reportagem de Gustavo Maia, Laísa Dall'Agnol e Lucas Vettorazzo

Na mesa do amigo

Eunício Oliveira fará um almoço para Lula em Fortaleza na segunda. No cardápio, lagostas, camarões, baião de dois e, claro, uma cachaça para rebater.

Sonhei com você

Gilberto Kassab ganhou um jantar de aniversário da bancada do PSD. Pacheco foi. No discurso, Kassab disse sonhar com o aliado no Planalto.

De volta ao planalto

Michel Temer irá a Brasília na quarta para o lançamento da obra *Brasileiros que Pensam o Brasil,* sobre a crise atual e saídas para 2022.

A vitória da ignorância

Apesar da CPI, dados da startup Medipreço e da Anvisa mostram que a procura por cloroquina já é 58,5% maior que o visto no país em 2020.

Novos amigos

Paulo Guedes se aproximou de Gilmar Mendes e de Luiz Fux. Não quer mais depender da sonolenta AGU para saber das bombas na pauta do STF.

CRISTIANO MARIZ

"É ALEMÃO" Mourão: oficialmente na lista de inimigos de Bolsonaro

JUAN IGNACIO RONCORONI/EFE

NAS MADRUGADAS Rayssa: skate e surfe lideraram audiência histórica na TV

Inimigo íntimo

Arthur Lira duvida do apoio de Bolsonaro à reforma tributária. O mesmo sente Roberto Campos Neto em relação à autonomia do BC no STF. Nos dois casos, Bolsonaro só atrapalha.

A batalha dos trilhos

O Cade deve julgar nas próximas semanas uma disputa milionária que envolve a Rumo/ALL e outros concorrentes da companhia no setor de ferrovias. Briga grande.

Herança da Lava-Jato

A Odebrecht briga com o MP numa ação de quase 50 milhões de reais por danos ao Erário em SP. A empreiteira diz que o MP usa provas entregues por ela na leniência, o que o STF veta.

Fim da briga

Santander e Camargo Corrêa acabam de encerrar — por acordo — o processo em que o banco acusa a empreiteira de sumir com bens penhoráveis para dar calote. Coisa de 80 milhões de reais.

O tal Talibã

A curiosidade do brasileiro pelo Afeganistão e o Talibã explodiu no Brasil entre domingo e terça. A queda de Cabul gerou alta de 3 350% nas buscas do Google por dados do país.

Reviravolta

O criminalista Antonio Figueiredo Basto concluiu o pedido de revisão criminal do caso Evandro, retratado em uma série de TV. Com novas provas periciais, ele tenta absolver uma das acusadas da morte do menino num suposto ritual macabro no Paraná.

Insones e felizes

Dados do SporTV atestam o fenômeno de audiência dos Jogos do Japão: 19 milhões de espectadores nas madrugadas. A medalha de **Rayssa Leal,** por exemplo, foi vista por mais de 2 milhões de insones. ■

Aponte a câmera do celular para o QR code ao lado para ler notas diárias e exclusivas dos bastidores de Brasília. Todo assinante de VEJA tem acesso ilimitado. Basta se logar.

LEIA MAIS NO SITE DE VEJA

MISSÕES DE PAZ

Apesar da retórica agressiva do presidente, enviados do Planalto negociam nos bastidores a diminuição das tensões com o Supremo Tribunal Federal e o Congresso

DANIEL PEREIRA E **LARYSSA BORGES**

Desde o início de seu mandato, Jair Bolsonaro aposta no confronto e testa os limites das instituições. O roteiro é conhecido: ele escolhe um inimigo de ocasião, parte para o ataque com o auxílio de sua milícia digital e mergulha o país na crise da vez. Instalada a confusão, assessores do presidente saem a campo numa tentativa de conter danos e reconstruir pontes, desempenhando o papel de bombeiros que jamais conseguem conter o responsável pelo incêndio. A lógica das investidas de Bolsonaro também é conhecida: quanto mais fraco ele está, mais agressivo fica. E é por isso que o presidente não abandona a sua recente cruzada contra integrantes do Judiciário. Em queda nas pesquisas, Bolsonaro precisa manter sua base mais radical unida, sob pena de perder o apoio po-

RENATO COSTA/FRAMEPHOTO

VITRIÓLICOS Bolsonaro e Heleno: discurso beligerante para a base radical

FELIPE SAMPAIO/SCO/STF

HARMONIA Fux e Ciro Nogueira: ministro da Casa Civil diz que há "consenso" em torno da Constituição

pular que lhe resta — e que hoje lhe garante uma vaga no segundo turno da eleição presidencial e, de quebra, certa proteção contra um processo de impeachment.

O alvo da nova ofensiva presidencial são os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) Luís Roberto Barroso, chefe do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), e Alexandre de Moraes, que comandará o TSE durante a campanha de 2022. Para Bolsonaro, a dupla foi determinante para a rejeição da proposta de emenda constitucional que instituía o voto impresso, tema que substituiu a cloroquina no universo de obsessões presidenciais. Por obra da mesma dupla, o presidente passou a ser investigado formalmente no STF no inquérito das *fake news,* acusado de difundir informações falsas com o objetivo de colocar em dúvida a integridade das urnas eletrônicas e a confiabilidade do sistema eleitoral. Derrotado no Congresso e acossado na Justiça, o presidente resolveu reagir e anunciou que apresentará pedido de impeachment de Barroso e Moraes ao Senado. Ele também se empenha na convocação de uma manifestação popular, marcada para o feriado de 7 de Setembro, cujo objetivo é defender o seu governo e fazer pressão sobre o Legislativo e o Judiciário. Nas redes sociais, bolsonaristas tratam o ato como uma possibilidade de "contragolpe".

Foi o suficiente para que até o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (DEM-MG), um político que faz de tudo para não bater de frente com Bolsonaro, se postasse como biombo à ofensiva presidencial. Em público, Pacheco disse que rejeitará eventuais pedidos de impeachment de ministros do STF e lembrou que cabe ao Senado analisar também o afastamento do

presidente da República. Pau que dá em Chico, como bem lembrou a senadora Simone Tebet (MDB-MS), pode dar também em Francisco. Em conversas reservadas, Pacheco lembrou que a insistência no confronto pode prejudicar o avanço de pautas importantes para o país, como a agenda econômica, e para o próprio presidente, como as indicações de André Mendonça e Augusto Aras para, respectivamente, o Supremo e a Procuradoria-Geral da República (PGR). Até o fechamento desta edição, Bolsonaro insistia na promessa de pedir o impeachment de Barroso e Moraes. Seus assessores, no entanto, já estavam trabalhando para tentar, mais uma vez, acalmar os ânimos. Em conversas com integrantes do Judiciário e da cúpula do Congresso, eles alegaram que a retórica presidencial não é prenúncio de um golpe de Estado. Seria apenas uma estratégia para manter a base mais fiel de apoio arregimentada

MATEUS BONOMI/AGIF/AFP

RECUO O ministro Braga Netto: as Forças Armadas não são poder moderador

Desde o fim do ano passado, a popularidade do presidente e de seu governo está derretendo. Pesquisa encomendada pela XP mostra que a reprovação à gestão subiu para 54%, enquanto a aprovação caiu para 23%. Uma estimativa dimensiona o tamanho da erosão: o ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira, costuma dizer que Bolsonaro precisa de pelo menos 40% de aprovação para ter chances de ser reeleito. Hoje, o ex-capitão perde de todos os adversários nas simulações de segundo turno, conforme a sondagem da XP. Fiador do acordo entre o governo e o Centrão, Ciro Nogueira assumiu a linha de frente na tentativa de retomada de diálogo com os outros poderes. Esse trabalho foi iniciado quando o voto impresso ainda era a pauta dominante e foi acelerado nos últimos dias. Há cerca de três semanas, o decano do Supremo Tribunal Federal (STF), Gilmar Mendes, reuniu-se com o comandante da Aeronáutica, Carlos de Almeida Baptista Jr., o mais bolsonarista entre os chefes das Forças Armadas. Na sequência, foram procurados por emissários do presidente os ministros Dias Toffoli, Alexandre de Moraes e Luís

CARLOS ALVES MOURA/SCO/STF

PONTE Barroso: convite para que militar participe de comissão da eleição

Roberto Barroso. Na quarta-feira 18, Ciro Nogueira conversou com o presidente da Corte, Luiz Fux. Após o encontro, o ministro da Casa Civil publicou uma foto em sua rede social e escreveu que há um “consenso” sobre o que une o Executivo, o Legislativo e o Judiciário. Os dois posaram segurando a Constituição. Com pequenas variações, o recado a todos foi o mesmo: Bolsonaro não deve recuar de sua retórica beligerante porque precisa manter a grei unida, mas não quer briga com os poderes.

Aparentemente, esses encontros surtiram efeito. Barroso, por exemplo, conversou com o ministro da Defesa, general Walter Braga Netto, a quem pediu a indicação de um militar para integrar uma comissão sobre transparência nas eleições. Em depoimento a uma comissão da Câmara, o mesmo Braga Netto negou que as Forças Armadas possam atuar como uma espécie de poder moderador em cenários de crise e negou que tenha dito que, sem voto impresso, não haveria elei-

JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO

PÉ NO FREIO CPI da Pandemia: antecipação da data de encerramento e dispensa de depoimento de governistas

ção. Houve uma baixada de bola também no Senado. Enviados governistas procuraram integrantes da CPI da Pandemia, que tem contribuído para desgastar a imagem de Bolsonaro, para pedir moderação. A Omar Aziz (PSD-AM), presidente do colegiado, e Eduardo Braga (MDB-AM) fizeram chegar o recado de que ambos disputarão eleição no ano que vem, já conseguiram o palanque que desejavam e, de agora em diante, só têm a perder em manter o clima de beligerância com o Planalto. "O relatório da CPI vai ser ruim para o presidente Bolsonaro, mas pode ser menos incisivo", declara um auxiliar do presidente. "É tudo questão de dialogar, de fazer política."

Pode ser só coincidência, mas a CPI cancelou uma acareação entre o ministro do Trabalho e Previdência, Onyx Lorenzoni, e o deputado Luis Miranda (DEM-DF) e anunciou seu encerramento em 16 de setembro, antes do prazo permitido para o seu funcionamento. A possibilidade de convocação do ministro Braga Netto e a reconvocação do ex-ministro Eduardo Pazuello também perderam força. O problema de toda essa negociação está em Bolsonaro. Enquanto seus assessores dialogam, o presidente tende a insistir no confronto para entreter seus radicais. Em entrevista desastrosa a uma rádio, o general Augusto Heleno, chefe do Gabinete de Segurança Institucional, disse não ver a possibilidade de uma intervenção militar "no momento", mas não descartou a medida, que "poderia acontecer em um dado muito grave". Além de estratégia política, a insistência do presidente em intimidar as instituições encerra um traço de sua personalidade.

Afeito a teorias da conspiração, Bolsonaro tem certeza de que ministros do STF e do TSE trabalham para tirá-lo do poder. Ele dá como certo que o ministro Luís Roberto Barroso e o vice-presidente Hamilton Mourão combinaram na surdina, na terça-feira 10, a prisão preventiva de Roberto Jefferson, ocorrida três dias depois por ordem de outro ministro, Alexandre de Moraes. Bolsonaro também acredita que Mourão, Barroso, Moraes e o corregedor do TSE, ministro Luis Felipe Salomão, que deixará o cargo em outubro próximo *(veja a reportagem na pág. 38)*, estão mancomunados para abreviar seu mandato presidencial — e blindar o vice da cassação — por meio de ações na Justiça Eleitoral. A tese é compartilhada por generais como Heleno, que despacham como ministros no Planalto, embora em público o discurso seja outro.

Em seu pior momento desde o início do mandato e cercado de fantasmas reais e imaginários, o presidente tende a insistir no confronto, enquanto seus bombeiros prometem a moderação que falta ao chefe. O ministro Ciro Nogueira e companhia podem até costurar acordos momentâneos, mas há certo consenso de que esses durarão até a próxima crise. "Estamos gastando energia enxugando gelo. Quem briga não constrói", resumiu um ministro do STF a VEJA. ■

ALÉM DA VACINA Doria: o tucano posa à frente de equipamento que será usado na construção da Linha 6 do metrô paulista

A POLÍTICA DO COFRE CHEIO

Protagonistas na crise e com avaliação em alta, governadores se valem de privatizações e da retomada econômica para planejar obras em ano eleitoral **LEONARDO LELLIS** E **CAÍQUE ALENCAR**

UM DOS PRINCIPAIS alvos dos ataques de Jair Bolsonaro e da máquina bolsonarista nas redes sociais, ambos interessados em mudar o foco das responsabilidades pelos efeitos da crise da Covid-19, os governadores experimentaram nos últimos anos um protagonismo que havia muito não se via. Não só tiveram de, ao lado dos prefeitos, formar a linha de frente no combate à pandemia, em razão da postura errática da gestão federal, como assumiram o importante papel de defesa da democracia e das instituições ameaçadas pelos constantes — e indesejáveis — arroubos do presidente, como na última semana, quando catorze deles assinaram uma carta em apoio ao Supremo Tribunal Federal diante dos ataques do chefe do Executivo.

Esse protagonismo, ao que tudo indica, está longe do fim. Em 2022, os governadores devem chegar ao julgamento das urnas em um contexto favorável, com dinheiro em caixa, a economia sendo retomada com o esperado fim da pandemia e a popularidade em alta, após um duro período em que tiveram de tomar medidas contestadas, como fechar o comércio

e restringir atividades e a circulação de pessoas. Pesquisa XP/Ipespe mostra que a avaliação de ótimo/bom na condução da crise sanitária subiu 7 pontos entre julho e agosto (de 36% para 43%), enquanto a de ruim/péssimo caiu 9 (de 28% para 19%). Na contramão, Bolsonaro viu a sua taxa negativa chegar a 59%, contra 21% da positiva. "Os governos estaduais não costumam ter tanta atenção do público, mas as omissões de Bolsonaro na pandemia abriram espaço para os governadores se posicionarem e ocuparem esse vácuo", avalia o cientista político Claudio Couto, professor da FGV, que cita como exemplos a aposta na vacina feita por João Doria (PSDB) em São Paulo e a articulação de governadores no Consórcio Nordeste.

ROGERIO SANTANA/GOV RJ

DEPOIS DA CRISE Cláudio Castro: projetos com dinheiro da venda da Cedae

Se o arrefecimento da pandemia vai dando refresco na popularidade de um lado, de outro aponta para algo que pode ser ainda mais decisivo: cofres estaduais cheios no ano em que boa parte dos governadores tentará garantir a reeleição, emplacar sucessores ou viabilizar voos mais altos, como a Presidência, casos de Doria e do governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSDB). A perspectiva positiva se dá por causa do incremento das receitas, algo que já pode ser notado em 2021 *(veja o quadro nesta página)*, permitida pelo início da retomada da economia e auxiliada pela inflação de quase 9%, que se reflete no acréscimo da arrecadação. Ironicamente, uma parte da recuperação financeira dos estados pode ser atribuída aos 37 bilhões de reais que o governo federal distribuiu para fazer frente à emergência sanitária. Para receber o socorro, eles foram obrigados a congelar alguns gastos, como o reajuste salarial do funcionalismo, o que resultou em mais dinheiro em caixa.

A quase bonança atinge até quem não esperava. Estados que nos últimos anos se notabilizaram por agudas crises fiscais, como Rio Grande do Sul, Rio e Minas, onde servidores tiveram atrasos de salários, agora se permitem fazer planos de investimentos. A agenda daqui para a frente segue a receita que não é nova, mas que produz dividendos políticos: anúncios de obras, de preferência as de grande visibilidade, como estradas. "O saneamento das contas não é um fim em si mesmo, mas justamente um meio de viabilizar investimentos", aponta o secretário da Fazenda gaúcha, Marco Aurelio Cardoso.

Em paralelo, os governadores também cumpriram o seu papel no incre-

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

DINHEIRO EXTRA Eduardo Leite: o governador gaúcho bate o martelo na privatização da estatal de transmissão de energia

DINHEIRO EXTRA

Privatizações, crescimento econômico e acordo inflam orçamentos estaduais **(em bilhões de reais)**

36

O governador **João Doria** (PSDB) pretende investir em obras em 2021 e 2022, em parte alavancado por um crescimento projetado de até 7,5% do PIB neste ano

17

Foram anunciados pelo governador do Rio, **Cláudio Castro** (PL), em obras para os próximos três anos - 10 bilhões de reais virão da privatização da Cedae

11

Destinados pela Vale em acordo sobre a tragédia de Brumadinho serão utilizados em um pacote de investimentos pelo governador de Minas Gerais, **Romeu Zema** (Novo)

1,3

Terá o governador do Rio Grande do Sul, **Eduardo Leite** (PSDB), em obras rodoviárias até dezembro de 2022 com o reforço do dinheiro das privatizações de empresas estaduais

Fonte: *governos estaduais*

mento dos cofres, como ao viabilizar privatizações. No Rio Grande do Sul, a venda de estatais de gás e energia elétrica deve render pelo menos 4,5 bilhões de reais ao estado. Eduardo Leite já anunciou que 1,3 bilhão será usado em um pacote de obras viárias até dezembro de 2022. No Rio, o governador Cláudio Castro (PL), efetivado após o impeachment de Wilson Witzel, tenta superar o desconhecimento da população turbinado pela venda da Cedae (companhia de abastecimento de água), que rendeu 22 bilhões de reais aos cofres fluminenses. Agora, cumpre uma agenda digna de campanha eleitoral. Anunciou um plano para investir 17 bilhões de reais nos próximos três anos em projetos concebidos na medida para aparecer na propaganda eleitoral: construção de casas, salas de aula, unidades de saúde ou obras de mobilidade. Desde janeiro, participa de uma média de duas inaugurações por mês, além de celebrar convênios com prefeituras — seu estafe contabiliza o apoio de pelo menos setenta prefeitos (o estado tem 92). Em Minas Gerais, Romeu Zema (Novo) ainda patina para equilibrar as contas, mas terá um reforço providencial: 11 bilhões de reais pagos pela mineradora Vale em um acordo pelos danos causados em Brumadinho em 2019. O dinheiro vai financiar a manutenção de estradas, a implantação do rodoanel metropolitano e a conclusão de hospitais regionais. "Nós pegamos um estado estruturalmente deficitário, mas conseguimos quitar salários que eram pagos atrasados fazia cinco anos e meio", afirma o secretário da Fazenda, Gustavo Barbosa.

Principal opositor de Bolsonaro entre os governadores, João Doria tem outro motivo para se animar. Embora já tenha o trunfo nada desprezível da CoronaVac, o tucano lançará mão de um plano de grandes obras — a gestão espera 18 bilhões de reais apenas com concessões e privatizações, como a da Emae (empresa de águas e energia) —, a retomada da construção de linhas do metrô, de ao menos um trecho do Rodoanel Norte e obras viárias no interior. Para os próximos meses, a aposta é na retomada da economia, sobretudo com a flexibilização viabilizada pela vacinação de toda a população adulta com a primeira dose. Nas contas do secretário da Fazenda,

GUSTAVO MANSUR/PALÁCIO PIRATINI

Henrique Meirelles, a economia de São Paulo deve crescer entre 7% e 7,8% neste ano, enquanto a expectativa nacional é de 5%. “O reaquecimento foi puxado pelos setores de telecomunicações, tecnologia e transportes e, a partir do segundo trimestre, pelo setor de serviços. Mas em 2022 vai haver um avanço generalizado”, prevê.

Há quase 100 anos, em 1928, o presidente Washington Luís declarou que “governar é abrir estradas” e, com isso, cunhou a frase que se tornou símbolo de uma estratégia eleitoral predominante na história do país. Em 2022, outros fatores estarão na mesa, como a avaliação da atuação na pandemia e a situação econômica, mas é certo que os governadores terão bala na agulha para tocar uma campanha mais ostensiva, nos velhos moldes. O que se espera, claro, é que eles não transformem o ensaio da recuperação econômica em um show de irresponsabilidade fiscal. ■

RICARDO RANGEL

NA AREIA MOVEDIÇA

Quanto mais se afunda, mais Bolsonaro se debate — e mais se afunda

JAIR BOLSONARO está ficando cercado: suas diatribes surtem cada vez menos efeito, e todo dia surge uma nova má notícia. O TSE cortou a fonte de recursos de seus propagandistas digitais, seu ministro da Justiça está sob investigação, Roberto Jefferson está na cadeia, e fala-se até na prisão do filho Carlos.

O desfile de tanques e o exercício da Marinha viraram motivos de chacota na internet. O voto impresso caiu. O cantor Sérgio Reis, que convocou para o golpe, foi desautorizado pelos aliados e é alvo de uma representação de 29 subprocuradores-gerais e de uma investigação pela Polícia Federal. O próprio Bolsonaro é investigado em sete inquéritos, sem falar da CPI, que arrolará mais meia dúzia de crimes.

Há inflação alta, perspectiva de queda no crescimento e falta dinheiro para o necessário saco de bondades eleitoreiras — Paulo Guedes recorre, sem grande esperança, a expedientes estapafúrdios, como aumento de impostos, PEC do calote e até a venda de um tesouro cultural.

A popularidade cai, a rejeição cresce, a vantagem de Lula aumenta, e não é só o eleitorado que repudia o presidente. Entidades civis, empresários, economistas elaboram manifestos. Os senadores estão irritados com os ataques ao Supremo, e Rodrigo Pacheco, que até ontem fazia cara de paisagem, é agora um defensor da democracia e até critica, indiretamente, o presidente. Ninguém tem pressa para avaliar a indicação de André Mendonça para o STF.

Nada menos do que 27 subprocuradores-gerais — um terço do total — cobram que Augusto Aras aja contra os abusos do presidente, mais da metade dos ministros do Supremo está irritada com a omissão do PGR. Senadores, de quem Aras depende para ser reconduzido ou para chegar ao STF, denunciaram o procurador-geral, pelo crime de omissão, ao Supremo.

Para as Forças Armadas, Bolsonaro é fonte permanente de constrangimento e irritação. O capitão, que com frequência destrata Mourão, proibiu a punição de Pazuello, humilhou o comandante do Exército, usou os tanques para intimidar o Congresso e permitiu um esquema de corrupção na Saúde que inclui uma dúzia de coronéis.

“O presidente está ficando cercado, as diatribes surtem cada vez menos efeito e todo dia há uma má notícia”

A reação do presidente à perda de apoio é mais agressividade, o que afasta ainda mais os apoiadores, alimenta as ações do Judiciário e torna mais difícil para seus aliados (ou cúmplices) defendê-lo. Bolsonaro parece mergulhado em areia movediça: quanto mais se afunda, mais se debate, e quanto mais se debate, mais se afunda.

Também o país está na areia movediça, Bolsonaro nos impede de respirar. Fernando Collor e Dilma Rousseff caíram por muito menos, mas o capitão conta com a omissão deliberada de Augusto Aras, o apoio escancarado de Arthur Lira (e do Centrão) e a aparente sustentação dos generais.

Aqueles que sustentam Bolsonaro, que receberam e recebem dele inúmeras vantagens, precisam entender que o país não aguenta mais catorze meses de um presidente que todo dia esgarça o tecido institucional. É hora de ter espírito público, sair da frente e deixar a institucionalidade seguir seu curso.

É hora de deixar Jair Bolsonaro ir embora. ■

NA ESTRADA ACM Neto: viagens pelo interior para elaborar a plataforma de 2022

O TABULEIRO BAIANO

Herdeiro político do avô, ACM Neto se prepara para tentar recuperar o governo do estado, dezesseis anos após a derrota do carlismo e a ascensão do PT **JOÃO PEDROSO DE CAMPOS**

DOMINADA pelo ex-governador Antonio Carlos Magalhães por décadas, a política baiana tem permitido longos períodos de poder aos grupos vencedores das eleições. Abrigado no PFL, o carlismo emendou quatro vitórias consecutivas nas disputas a governador, entre 1990 e 2002. Meses antes da morte de ACM, aos 79 anos, em 2007, o grupo foi enfim desalojado por Jaques Wagner (PT), reeleito em 2010 e sucedido pelo atual governador, Rui Costa (PT), que está no segundo mandato. Até o fim de 2022, portanto, terão sido dezesseis anos de poder dos carlistas e dezesseis dos petistas. E o tira-teima na eleição do ano que vem entre os grupos hegemônicos no quarto maior colégio eleitoral do país será uma disputa acirrada e simbólica: de um lado, o petista Wagner, que encerrou o ciclo carlista; do outro, o ex-prefeito de Salvador ACM Neto (DEM), que tentará bater o algoz do avô, de quem é o herdeiro político.

O desafio de "vingar" ACM será o maior da carreira de Neto — e uma oportunidade para marcar diferenças com o avô. Deputado federal baiano mais votado em 2002 (aos 23 anos), 2006 e 2010, ele largou na política embalado pela influência de quatro décadas de ACM, cuja mão de ferro lhe rendeu o epíteto de "coronel". Apoiador do golpe militar e expoente da Arena, partido que sustentava o regime, ACM fez carreira em cargos sob a indicação da ditadura, como prefeito de Salvador e duas vezes governador, posto para o qual foi eleito em 1990, numa bem-sucedida transição do cacique à democracia. Eleito presidente

GILBERTO JUNIOR

CARLOS CASAES

LONGEVIDADE Wagner e Costa: os petistas comandam a Bahia desde 2007

do Senado em 1997, auge de seu poder, ajudou a eleger três governadores baianos pelo PFL.

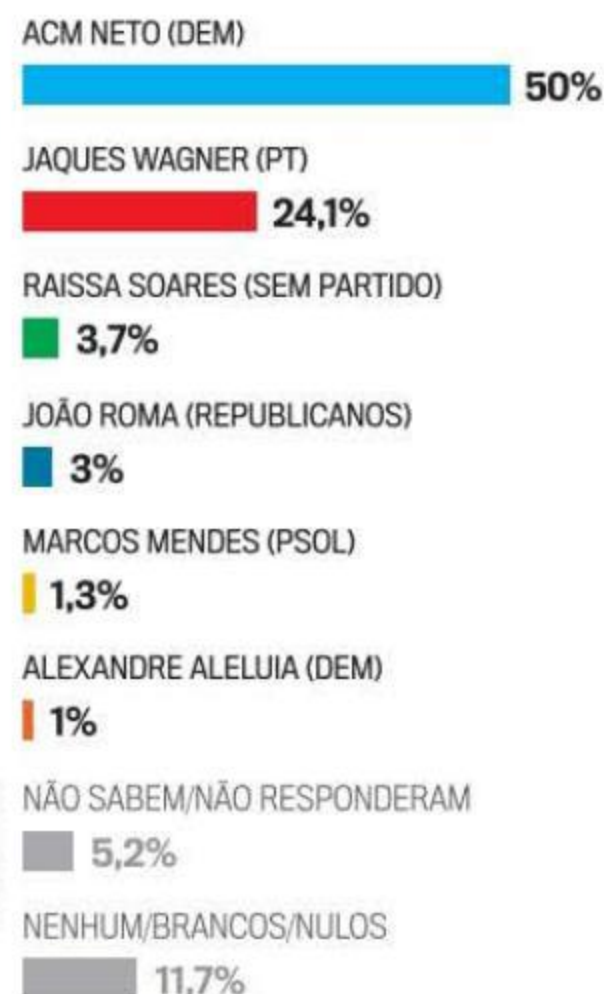
Rebatizado como DEM, o partido passou, sob ACM Neto, por movimentos que indicam profundas diferenças de estilo em relação ao avô, incluindo uma roupagem mais moderada e social-democrata. "ACM sempre foi situação e fazia política de modo governista. Neto teve de fazer grande parte de sua política na oposição, em uma renovação que percebeu a importância do partido", aponta a cientista política Carla Galvão Pereira, da UFBA. Se não bastasse, ACM Neto terá ainda nas costas a responsabilidade de liderar o principal projeto do DEM no país e levar a sigla ao poder no estado onde possui o maior número de deputados federais — cinco (igual a São Paulo). "A Bahia tem um peso muito grande, e Neto é o presidente do partido. É claro que essa candidatura é tratada com prioridade", diz o presidente estadual da legenda, Paulo Azi.

Embora o embate principal em 2022 seja a luta entre o carlismo e o petismo, nem só disso viverá a disputa pelo Palácio de Ondina. O tabuleiro baiano poderá ganhar uma força estranha à polarização local: o bolsonarismo, com a possível candidatura do ministro da Cidadania, João Roma (Republicanos). Caso ela se confirme, será uma luta duríssima. Com 84,3% de aprovação ao final de sua gestão em Salvador, segundo o Paraná Pesquisas, ACM Neto elegeu o seu vice, Bruno Reis (DEM), em 2020, e desponta como líder nas pesquisas ao governo. De fato, sua administração da

O PODER DOS CACIQUES

Líderes nacionais têm forte influência no voto baiano

PRIMEIRO TURNO

Candidato	%
ACM NETO (DEM)	50%
JAQUES WAGNER (PT)	24,1%
RAISSA SOARES (SEM PARTIDO)	3,7%
JOÃO ROMA (REPUBLICANOS)	3%
MARCOS MENDES (PSOL)	1,3%
ALEXANDRE ALELUIA (DEM)	1%
NÃO SABEM/NÃO RESPONDERAM	5,2%
NENHUM/BRANCOS/NULOS	11,7%

COM A CITAÇÃO DE PADRINHOS POLÍTICOS

Candidato	%
ACM NETO APOIADO POR CIRO GOMES (PDT)	37,9%
JAQUES WAGNER APOIADO POR LULA (PT)	35%
JOÃO ROMA APOIADO POR JAIR BOLSONARO	13,7%
NÃO SABEM/NÃO RESPONDERAM	4,7%
NENHUM/BRANCOS/NULOS	8,8%

Fonte: *Paraná Pesquisas. Levantamento feito com 2 008 eleitores de 186 municípios da Bahia entre os dias 4 e 7 de agosto. A margem de erro é de 2 pontos porcentuais*

ARISTEU CHAGAS

CACIQUE ACM: influência sobre a política baiana por quatro décadas, da ditadura à democracia, da Arena ao DEM

cidade foi competente, com entrega de obras e uma bem-sucedida reorganização urbana. Do outro lado, o PT tem em Rui Costa um gestor igualmente bem avaliado — 66% aprovam seu governo. Já Roma comanda a pasta responsável pelo Auxílio Brasil, o programa criado para substituir o "petista" Bolsa Família e que é apontado como um dos fatores que poderão alavancar os bolsonaristas na eleição.

Outra força que terá influência nesse ringue político para 2022 é o impacto dos apoios de fora. Wagner, por exemplo, terá a seu favor o fator Lula. O ex-presidente chegou a receber 66% dos votos no estado no primeiro turno da eleição de 2006 — o patamar dos 60% foi mantido quando Dilma Rousseff e Fernando Haddad foram candidatos. Com o nome associado ao do líder petista em pesquisa *(veja o quadro na pág. 33)*, Wagner sobe 10 pontos, assim como João Roma quando é associado a Bolsonaro — apesar de o presidente ser rejeitado por 62% dos baianos. Já ACM Neto perde votos quando tem sua candidatura ligada a Ciro Gomes (PDT), hoje longe de uma aliança com o DEM. Entre os aliados de Neto, a avaliação é a de que o seu principal obstáculo é exatamente essa equação envolvendo o cenário nacional.

ALAN SANTOS/PR

AZARÃO Roma: o ministro pode dar palanque a Bolsonaro onde ele é rejeitado

O importante seria conseguir um arranjo que não lhe traga desgastes. Hoje, o DEM trabalha a pré-candidatura do ex-ministro Luiz Henrique Mandetta e não descarta o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (MG). Caso não se concretize a candidatura própria, ACM Neto vê com bons olhos o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, que disputará prévias no PSDB contra o governador paulista João Doria, com quem o baiano está

estremecido. Outra possibilidade é seguir sem aliança formal com um presidenciável — a experiência de ter sido prefeito de uma capital com adversários no governo do estado ajudaria a ilustrar a tese de que não é necessário um alinhamento com Brasília. Para conter o peso do petista no estado e buscar o voto do eleitor de Bolsonaro, Neto pretende "desnacionalizar" o discurso e não entrar em "rinha ideológica". "Nosso foco é fazer um enfrentamento principalmente local, confrontando dois projetos: um que representa o passado e o outro que pretende refletir o futuro, que é o meu", afirma. "Serei candidato a governador, e não a presidente. Vamos aguardar para acompanhar os desdobramentos da política nacional e a definição do DEM", diz.

Na disputa atual no estado em que os ecos do carlismo serão nítidos, ainda que modernizados na figura de ACM Neto, a derrocada da linhagem nas últimas décadas gerou uma peculiaridade que terá influência na disputa. Com a perda do poder, houve uma dispersão de aliados. E alguns foram parar justamente no colo do PT, como o vice de Rui Costa, João Leão (PP), e o senador Otto Alencar (PSD). Leão e o PSD ameaçam agora romper a frente com o petismo, tentando viabilizar candidaturas próprias ao governo, enquanto Wagner aposta na união: "Seguramente vamos chegar juntos à eleição". Na outra extremidade também pode haver uma divisão. Embora Roma possa entrar na disputa turbinado pelo novo Bolsa Família, ele é visto ainda como um azarão. Mas sua presença no páreo pode roubar votos preciosos da faixa do eleitorado de ACM Neto, apimentando ainda mais a disputa do tabuleiro político baiano. ■

MURILLO DE ARAGÃO

O PESO DAS INSTITUIÇÕES

Os radicais fazem barulho, mas mandam pouco no cotidiano público

EM UM momento em que a tensão institucional permeia o cenário político, é importante saber até onde a instabilidade poderá nos levar. Para tal, é relevante entender as forças institucionais que atuam no país e as suas motivações.

O primeiro ponto que gostaria de abordar é o fato de o Brasil de hoje ser um país com múltiplos polos de poder. O que se revela, por exemplo, na dificuldade de se chegar a consensos em torno de matérias polêmicas, como uma ampla reforma tributária ou mesmo a reforma política.

O segundo ponto que devemos considerar é que a multipolaridade de atores atua de forma a conter excessos. Não somos um país onde poucas oligarquias controlam os destinos da nação. Existem vários atores com poder político atuando na disputa por recursos, influências e políticas públicas.

O terceiro ponto é que a prevalência que o Poder Executivo tinha sobre os demais poderes foi abalada pela Constituição de 1988, ainda que tenha demorado algumas décadas para isso se revelar por inteiro.

Considerando os três pontos mencionados, conclui-se que temos uma realidade multipolar de atores e de tendências que impede que apenas uma força prevaleça — de forma isolada — sobre as demais.

Dois extremos de nossa política — Lula e Bolsonaro — só conseguiram alguma governabilidade a partir do momento em que fizeram alianças com forças políticas de outros campos ideológicos.

Lula, que empreendeu uma caminhada ao centro ainda na campanha eleitoral de 2002, consolidou-a com as ações permeadas pelo escândalo do mensalão, em 2005. Bolsonaro, que anunciou o fim do toma lá dá cá, rendeu-se às coalizões em 2020 para assegurar alguma proteção política no final de sua gestão e a possibilidade de reeleição em 2022.

Na prática, os radicais, de lado a lado, servem para compor um cenário em que fazem muito barulho, mas mandam pouco no resultado final das políticas públicas. Lula teve em Henrique Meirelles uma âncora de previsibilidade, assim como Bolsonaro tem em Roberto Campos Neto.

Quem ameaça a previsibilidade desequilibra as relações multipolares dos detentores de poder. Nesse sentido, vale dizer que os principais atores e segmentos políticos do país querem previsibilidade e estabilidade institucional. Inclusive aqueles que são lembrados como potenciais ameaças às regras institucionais.

> "A maior ameaça à democracia está na desigualdade. E é sobre ela que devemos concentrar os nossos esforços"

Respondendo à pergunta embutida no início desta coluna, vemos franjas radicais que podem causar ruído, mas com pouca capacidade de romper a institucionalização. Pois ainda que estejamos em processo de aperfeiçoamento de nossas instituições — e há desequilíbrios graves —, existe um desejo da maioria dos detentores de poder político no Brasil de que as transformações ocorram *by the book*. Ou seja, seguindo a letra constitucional.

O que fica claro nos dias de hoje é que a ameaça real reside na fome e no abandono de milhões de brasileiros que vivem à margem da economia, longe do alcance dos serviços públicos essenciais e que sofrem com a inflação nos alimentos e o desemprego. São oito anos sem crescimento econômico relevante. E o que vem por aí parece não poder demolir as taxas de desemprego. Enfim, a maior ameaça à nossa democracia está na desigualdade. E é sobre ela que devemos concentrar os nossos esforços. ■

A BANCADA DO PRESIDENTE

Como uma das prioridades para 2022, Bolsonaro aposta forte na eleição de aliados para o Senado, a Casa que tem imposto derrotas sucessivas ao governo **REYNALDO TUROLLO JR.**

ALAN SANTOS/PR

DIFERENTEMENTE da Câmara dos Deputados, onde o governo possui maioria, o Senado tem se mostrado um terreno pantanoso ao Palácio do Planalto e é de lá que o presidente vem colhendo sucessivos reveses. Ali, as pautas caras ao bolsonarismo não avançam. Sem falar na CPI da Pandemia, dominada pela oposição. Nos últimos dias, mais um desgaste com a Casa, que é responsável por julgar ministros do STF: depois de Bolsonaro anunciar a intenção de pedir o impeachment de Alexandre de Moraes e Luís Roberto Barroso, seus desafetos no Supremo, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (DEM-MG), jogou um balde de água fria na ideia, dizendo que não a levaria adiante.

A tentativa de reverter esse ambiente hostil foi um dos fatores decisivos na escolha de Ciro Nogueira para assumir a Casa Civil. Dentro do pacote da campanha da reeleição, o senador do PP do Piauí deve assumir também o papel de escolher as principais apostas do bolsonarismo para a Casa em 2022. Assim, em uma eventual recondução do capitão ao Palácio do Planalto, ele finalmente teria maior controle sobre o Senado. O pleito será duro, com a renovação de apenas um terço das 81 cadeiras. "Ciro será o grande articulador da campanha", diz um interlocutor do presidente. O ponto principal dessa articulação inclui o apoio a nomes viáveis e capazes de se alinhar com o Centrão, sua base no Congresso. O próprio presidente cogita se candidatar à reeleição pelo PP do ministro da Casa Civil.

Seguindo o critério que leva em conta a possibilidade de vitória, alguns nomes do primeiro escalão do governo despontam no horizonte como os favoritos de Bolsonaro. O ministro do Turismo, Gilson Machado (sem partido), é um deles. O sanfoneiro da Esplanada pode se lançar por Pernambuco, seu estado natal, ou por outro menos concorrido, como o Tocantins. Ele evita falar em candidatura, mas diz que é um "homem de missão" (ou seja, cumprirá a tarefa que lhe for dada). Também são pré-candidatos os ministros Rogério Marinho, do Desenvolvimento Regional, e Fábio Faria (PSD), das Comunicações. Ambos são do Rio Grande do Norte, o que pode provocar uma disputa doméstica. Marinho tem feito viagens para inaugurar obras no estado. Faria, por sua vez, mostrando-se empolgado com a ideia de concorrer, publicou no Twitter, na quarta 18, uma pesquisa que o coloca no topo das intenções de voto para o Senado potiguar.

A exemplo do Rio Grande do Norte, em Santa Catarina há mais de uma opção. O presidente pode apoiar a candidatura de seu atual secretário da Pesca, Jorge Seif Jr., ou do deputado federal Daniel Freitas (PSL), que ganhou notoriedade como relator da PEC Emergencial. Ou, ainda, apostar no empresário Luciano Hang. Por Mato Grosso, Bolsonaro já declarou que tem seu candidato, o deputado Jo-

WELLINGTON MACEDO/THENEWS2/FOLHAPRESS

NO PARANÁ Eustáquio: nome que empolga os bolsonaristas radicais

HOMEM DE MISSÃO O ministro do Turismo, Gilson Machado, com o chefe: um dos favoritos para entrar na disputa

WAGNER PIRES/FUTURA PRESS

NO DISTRITO FEDERAL Bia Kicis, a radical: "Nada está fora de cogitação"

sé Medeiros (Podemos). "Meu estado é muito bolsonarista, todos querem o apoio do presidente", diz. Já em São Paulo, a definição do nome governista está em compasso de espera, mas a tendência é de apoio ao presidente da Fiesp, Paulo Skaf (MDB), caso ele decida se candidatar ao Senado.

Independentemente dos acertos firmados em Brasília, a militância bolsonarista tem se entusiasmado nas redes com outros pré-candidatos. No Paraná, pretende concorrer pelo PTB o jornalista Oswaldo Eustáquio, que chegou a ser preso preventivamente no curso do inquérito do STF sobre atos antidemocráticos, mas acabou liberado da prisão e das medidas restritivas um ano depois. No Distrito Federal, a deputada Bia Kicis (PSL), presidente da CCJ da Câmara, tem sido também incentivada a buscar o Senado. "Nada está fora de cogitação, mas nada está definido. Tudo depende das conversas com os aliados", diz a parlamentar, que é uma das aliadas mais radicais do governo. Falta ainda combinar com o eleitorado, é claro. Até agora, Bolsonaro não conseguiu se mostrar um cabo eleitoral eficiente. Se o apoio do presidente não ajudou a eleger muita gente no pleito de 2020, quando ele estava com a popularidade em alta, o desafio será ainda maior caso a atual fase de baixa de imagem não seja revertida até 2022. ■

RAFAEL LUZ/STJ

APAZIGUADOR Ministro Mauro Campbell e sua pregação: a Justiça Eleitoral não pode tolerar discursos raivosos

A RAZÃO CONTRA O ÓDIO

Futuro corregedor do TSE, Mauro Campbell assume em outubro os processos que pedem a cassação do mandato de Bolsonaro **RAFAEL MORAES MOURA** E **LARYSSA BORGES**

NAS ÚLTIMAS semanas, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) esteve no centro do palco político — e deve continuar lá por mais um bom tempo. Vencida a barulhenta questão do voto impresso, o órgão agora se prepara para finalizar os processos que pedem a cassação do mandato do presidente Jair Bolsonaro, a partir de denúncias de supostas irregularidades na campanha do então candidato do PSL em 2018. Pela tradição da Corte, o desfecho das ações parecia absolutamente previsível: o arquivamento. Mas há algumas novidades que, juntas, dificultam os prognósticos. A principal delas é que, em outubro, o ministro Mauro Campbell assume o comando da Corregedoria-Geral do tribunal e, por consequência, a relatoria dos casos. Indicado ao Superior Tribunal de Justiça pelo ex-presidente Lula, ele também vai herdar o polêmico inquérito administrativo que investiga os ataques de Bolsonaro ao sistema eletrônico de votação — e que pode, em um cenário extremo, levar à inelegibilidade do presidente da República em 2022.

As campanhas presidenciais sempre foram alvo de questionamentos legais, oriundos, na maioria das vezes, de candidatos ou partidos derrotados. Fernando Collor foi acusado de crime eleitoral. O tucano Fernando Henrique respondeu a processos por uso da máquina administrativa. Lula foi apontado como beneficiário de caixa dois. Dilma Rousseff teria recebido dinheiro ilegal de empreiteiras. Todos os processos acabaram arquivados. Os casos envolvendo Jair Bolsonaro provavelmente teriam o mesmo destino. O tribunal já encerrou onze de um total de quinze ações impetradas contra a chapa do presidente da República. O tal inquérito administrativo, porém, é algo inédito. No início do mês, Luis Felipe Salomão, o atual corregedor, decidiu abrir o procedimento para investigar os ataques do presidente contra o sistema de votação. Em uma *live,* Bolsonaro levantou suspeitas sobre as urnas eletrônicas e prometeu apresentar provas de que o sistema poderia ser fraudado. As provas, por óbvio, não apareceram. Por causa disso, o TSE enviou ao Supremo Tribunal Federal também uma notícia-crime contra o presidente. No pedido, o chefe da Corte, mi-

LUCAS PRICKEN/STJ

ESPERANDO PROVAS Luis Felipe Salomão: processos em "banho-maria"

CRISTIANO MARIZ

ESTRATÉGIA Moraes: inquérito, a rigor, é uma bomba armada para não explodir

nistro Luís Roberto Barroso, solicitou que o caso fosse apurado dentro do chamado inquérito das *fake news*, o que fez o presidente da República disparar uma bateria de acusações e impropérios contra o ministro.

Em princípio, a ascensão de Mauro Campbell em meio a esse tensionamento não deve alterar o desfecho previsto para o caso. Isso não significa que o presidente conquistará imunidade para continuar a promover ataques contra o tribunal. Magistrados consultados por VEJA avaliam que, mesmo com a troca de guarda na corregedoria, a Corte se manterá unida contra a verborragia presidencial. O presidente do TSE chegou a ouvir de colegas que Bolsonaro precisava ser contido e que ele estava ampliando seus ataques diante da posição retraída do Judiciário. Era necessário reagir. O inquérito administrativo foi concebido para servir como arma de defesa do tribunal, uma bomba de alto poder de destruição que permanecerá armada de agora em diante.

Com 21 anos de carreira no Ministério Público amazonense, Mauro Campbell vai cuidar da bomba e do acervo de processos ainda ativos contra o presidente. Luis Salomão tinha a intenção de julgar em 2020 as ações consideradas mais robustas, as que acusam a campanha de Bolsonaro de ter se utilizado de disparo ilegal de mensagens, o que poderia ser configurado como abuso de poder econômico e uso indevido de meios de comunicação. O prazo, no entanto, acabou não sendo cumprido. O ministro Alexandre de Moraes pediu ao corregedor que as ações ficassem em "banho-maria", enquanto avançavam as investigações que ele conduz no STF sobre a disseminação de *fake news*. Tempos depois, Salomão e Moraes se reuniram a sós para discutir se existiam evidências suficientes contra a chapa — e novamente optaram por manter o processo estacionado. "Deixar o caso em aberto é uma espada na cabeça do presidente, uma malícia política", resumiu um interlocutor dos dois ministros.

Discreto, o futuro corregedor teve passagens por cargos políticos no Amazonas — foi secretário estadual por três vezes — e em 2007 chegou a tornar-se alvo de um plano de assassinato quando concorreu ao cargo de chefe do Ministério Público estadual. Longe dos holofotes no STJ, Campbell defende o Judiciário como "apaziguador de ânimos" e em julgamentos é conhecido por impor penas mais brandas aos condenados. Isso nem de longe significa contemporizar com eventuais desmandos. Em um dos mais polêmicos casos julgados recentemente, o TSE discutiu os limites da liberdade de expressão e condenou por propaganda eleitoral antecipada um homem que publicou no Instagram um vídeo com ataques a Flávio Dino (PSB), governador do Maranhão. Nas imagens divulgadas, Dino era caracterizado como nazista, acompanhado da expressão "Fora, ladrão". "Estamos aqui a enfrentar uma situação de discurso de ódio intolerável pela Justiça Eleitoral", repudiou Campbell em seu voto. O precedente, em tese, abriria brecha para o tribunal punir, por exemplo, quem chamar o presidente de "fascista", "genocida" ou coisa pior, mas também pode ser usado contra o próprio Bolsonaro, caso ele insista no discurso inoportuno, ofensivo e desatinado contra o TSE e seus ministros. O novo corregedor não gosta de confusão. ■

DE VOLTA AOS N

A frase "Eu me reservo o direito de permanecer em silêncio", e suas variações, foi repetida 71 vezes pelo empresário Carlos Wizard em seu depoimento na CPI da Covid há pouco mais de um mês. O bilionário foi inquerido por causa de sua suposta participação no "ministério da saúde paralelo", que receitava tratamentos de eficácia não comprovada contra a doença. Em menor ou maior medida, a estratégia de silêncio do dono da rede de produtos naturais Mundo Verde, dos restaurantes Taco Bell no Brasil e das marcas esportivas Topper e Rainha tem sido utilizada por outros notórios defensores do presidente Jair Bolsonaro entre a nata do capitalismo nacional.

Parte da explicação para isso tem a ver com a franca queda de popularidade do político. Segundo as últimas pesquisas, cerca de 54% dos brasileiros consideram o governo ruim ou péssimo e a desaprovação à sua Presidência atinge 63% das pessoas ouvidas. Nesse cenário, o custo de endossar as ideias de Bolsonaro se tornou alto demais para a imagem das empresas envolvidas. Até mesmo apoiadores inequívocos como o performático Luciano Hang, dono da rede de lojas Havan, têm adotado o comedimento. Apesar de ter participado da motociata do presidente em Santa Catarina, há duas semanas, Hang está menos ativo na defesa a Bolsonaro nas redes sociais. Desde a manifestação, publicou apenas três postagens de cunho político — elogios ao ministro da Infraestrutura, críticas a Luiz Inácio Lula da Silva e um texto de apoio à criação de empregos.

Além da má fase do presidente, há no momento outros fatores que têm levado os empresários bolsonaristas a mudar o foco. Bancos que assessoram Hang no projeto de abertura de capital da empresa alertaram acertadamente que sua exposição política pode ser prejudicial. Em 2020, mesmo com a pandemia no auge, a Havan calculava que poderia alcançar um valor de mercado de 100 bilhões de reais. Hoje, analistas estimam que (em razão de um momento menos otimista do mercado) chegue, no máximo, a 45 bilhões de reais. Em situação mais complicada está a rede de restaurantes Madero, de Junior Durski. O empresário paranaense, famoso por declarar que a Covid faria, no máximo, entre "5 000 e 7 000 mortos", é hoje adepto do silêncio em questões político-sanitárias, pelo menos publicamente. Afetada pe-

EGÓCIOS

Famosos pela defesa incondicional do presidente, empresários bolsonaristas começam a se preocupar com o impacto em suas companhias

FELIPE MENDES

LINHA DE FRENTE Hang, em motociata em Santa Catarina: foco em posts pró-empresa

INSTAGRAM @LUCIANOHANGBR

WALDEMIR BARRETO/AGÊNCIA SENADO

71 VEZES SILÊNCIO Wizard *(no centro)* na CPI da Covid: exemplo negativo

la crise, a rede acumula quase 1 bilhão de reais em dívidas e luta para sobreviver. Depois de reconhecer em balanço que há "dúvidas substanciais sobre a capacidade da companhia de continuar em funcionamento dentro de um ano", a empresa tenta convencer investidores de que será possível nos próximos meses fazer uma abertura de capital avaliada em 2 bilhões de reais. É um processo em que a exposição demasiada costuma ser nefasta. "Toda tomada de posição política traz vantagens e desvantagens. O ideal é tentar se manter neutro", analisa Eduardo Tomiya, sócio-fundador da consultoria de gestão de marcas TM20 Branding. "Uma vez assumido um lado, não tem mais meio-termo. E hoje a conotação negativa está pesando mais que a positiva para essas empresas."

Apesar de se considerar mais um fã do direcionamento econômico do governo, Henrique Bredda, gestor do fundo de investimentos Alaska Asset Management, notoriamente defende Bolsonaro em alguns de seus posicionamentos, como em relação à pandemia e ao aborto, e é um caso exemplar do momento mais discreto entre seus apoiadores. Reconhecidos por trazer altas rentabilidades nos últimos anos, os seus dois fundos estão entre os que mais sofreram com a crise econômica, colhidos em um momento de alta exposição ao risco. Ainda hoje, mesmo com a melhora do desempenho do Ibovespa, operam com perdas de 40% em relação ao período pré-pandemia e perderam quase 50 000 dos seus 207 000 cotistas. A profusão de pronunciamentos de Bredda sobre os mais diversos assuntos levantou suspeitas de que não dedicava a devida atenção à gestão financeira. Ele próprio reconheceu, em conversas, que se expôs no Twitter além do que deveria e decidiu apagar os 1 100 tuítes de sua conta com cerca de 185 000 seguidores. Também bloqueou os comentários de suas postagens no Instagram. Procurados para esta reportagem, não surpreendentemente, todos os personagens citados declinaram de fazer declarações. Mais prudentes agora, entenderam que misturar política com negócios pode ser perigoso. ■

FÁBIO POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL

AUTONOMIA PARA INOVAR Campos Neto: o meio ambiente virou prioridade

LUCAS LACAZ RUIZ/FUTURA PRESS

CRÉDITO VERDE

O Banco Central assume o protagonismo para incentivar um sistema financeiro mais sustentável, atitude positiva para o planeta e para os negócios **LUISA PURCHIO** E **VICTOR IRAJÁ**

MAIS FREQUENTES e devastadores, os eventos climáticos extremos se tornaram uma pauta impossível de ser ignorada — seja o calor calcinante do verão do Hemisfério Norte, seja a seca que afeta os reservatórios brasileiros. São eventos que não apenas surpreendem em sua magnitude, como impactam a economia afetando a produção agrícola, a geração de energia e, em última análise, os preços de uma vasta gama de produtos. Não é à toa que as discussões sobre sustentabilidade ambiental migraram dos debates das ONGs e chegaram aos balanços de bancos e empresas.

As grandes instituições financeiras já se autorregulamentam por meio da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), que estabelece diretrizes para mitigar os impactos dos riscos ambientais nas operações. Uma normativa da entidade de classe estabelecia parâmetros sustentáveis para serem seguidos pelas instituições, como pedir o registro de perdas efetivas causadas por eventos socioambientais e a previsão de impactos negativos de novos produtos e serviços. Tal postura já dificultava a concessão de empréstimos a propriedades dedicadas à agropecuária encrencadas por desmatamentos na Amazônia ou em outros biomas.

Esse cenário entra agora numa outra fase, uma vez que, neste ano, o Banco Central, presidido por Roberto Campos Neto, assumiu o tema como uma de suas prioridades. Com uma agenda batizada de BC# Sustentabilidade, a instituição propôs uma guinada nas diretrizes sobre o assunto, com forte enfoque na análise de riscos, com peso substancial para as ameaças das mudanças climáticas. Até então, cabia aos bancos avaliar os riscos do mercado e de crédito aos quais estão expostos, com foco nas condições

EXEMPLO Fazenda sustentável em São Paulo: crédito só para proprietários responsáveis

da economia e da própria instituição. Agora, o BC avisa que deseja saber também se problemas ambientais podem afetar o setor. "As consequências econômicas dessas mudanças vão além dos impactos dos eventos climáticos extremos ao considerar os custos associados à transição para uma economia de baixo carbono", diz Fernanda Guardado, diretora de assuntos internacionais e de gestão de riscos corporativos do BC. "O setor financeiro deve estar pronto não apenas para dar crédito para financiar esse processo, mas também para gerenciar os riscos envolvidos."

Desde o início do ano, o BC lançou três consultas públicas para discutir sua agenda ambiental. A primeira delas, encerrada em abril, se refere a normas para a concessão de crédito rural. Já a segunda e a terceira, finalizadas em junho, tratam do aprimoramento de regras que gerenciam o risco social, ambiental e climático, e o estabelecimento de critérios para divulgação de informações pelas instituições financeiras. "Os bancos centrais não têm de olhar só para a inflação, mas também para a melhoria do ambiente financeiro como um todo. Com isso têm de estar preparados para aprimorar a competitividade do segmento, o que, hoje, passa pela sustentabilidade", afirma o economista Carlos Thadeu de Freitas Gomes, ex-diretor do BC e ex-presidente do conselho do BNDES. Quando um banco opera com empresas não sustentáveis, há o risco de o fator ambiental prejudicar os negócios e levá-las eventualmente à falência e, dessa forma, gerar um impacto capaz de afetar o sistema financeiro. "Mesmo em um governo que não liga para isso como o atual, a questão é importante para o BC, principalmente depois de conquistada a sua autonomia", explica Gomes.

Mesmo antes de encerradas as consultas do BC, o setor já começa a se movimentar. O Itaú Unibanco, ao definir a concessão de crédito, se vale de questionários com parâmetros sinalizados pelo BC. Além disso, criou um plano para treinar seus 80 000 funcionários e, principalmente, os gerentes de agências. "O grande desafio é justamente fazer o conceito chegar à pessoa física", diz Luciana Nicola, superintendente de relações institucionais e sustentabilidade do Itaú Unibanco. No fim de 2019, a instituição firmou um compromisso de impactos positivos via concessão de crédito, com a meta de conceder 100 bilhões de reais em empréstimos a empresas responsáveis até 2025. No mês passado, ao ultrapassar a cifra de 122 bilhões de reais, o objetivo foi elevado para 400 bilhões. O Banco do Brasil, numa decorrência de seu perfil de clientes, adota classificações nas carteiras para agricultura. Em junho deste ano, essa modalidade de operação com parâmetros sustentáveis bateu em 102,5 bilhões de reais. Todas as operações de crédito rural do banco público já passam pelos sistemas do BC, sujeitas a mais de 1 200 verificações. Com isso, não basta mais às empresas que buscam empréstimos provar que são boas pagadoras. É preciso também mostrar que em suas atividades zelam pela preservação da natureza. ■

RETROCESSO A

Os afegãos julgavam estar livres dos horrores do Talibã. Mas ele voltou a mandar, ameaçando mergulhar outra vez o país nas trevas do obscurantismo insuflado pelo fanatismo religioso

JULIA BRAUN E **ERNESTO NEVES**

Durante cinco longos e tenebrosos anos, de 1996 a 2001, Talibã virou sinônimo de fanatismo religioso e tirania, e o Afeganistão, país sob seu domínio, se tornou palco de seguidos e horrendos atos de obscurantismo e repressão. Foi, pois, com indignada incredulidade que o mundo deparou com a imagem de comandantes armados da milícia radical sentados em volta da mesa do gabinete da Presidência em Cabul.

Era a confirmação de que os mulás voltaram a dar as ordens. Sua primeira providência foi anunciar aos quatro ventos que os barbudos de hoje não são como os de antigamente, prometendo anistia a quem colaborou com o governo anterior e acesso das mulheres à educação e ao trabalho. Tendo cravados na mente as execuções sumárias, os apedrejamentos, o lazer restrito e, acima de tudo, as burcas com que qualquer pessoa do sexo feminino acima de 10 anos tinha de se cobrir dos pés à cabeça para sair à rua, a população se recolheu amedrontada — e coberta de razão.

Para os afegãos e para o resto do mundo, a única coisa certa neste mo-

OLIVER CONTRERAS/EPA/EFE

VEXAME Biden: erros e imprevistos na retirada das tropas americanas

CAPA: MONTAGEM COM FOTOS DE SHUTTERSTOCK

ASSUSTADOR

SUCESSO Barbas, turbantes e armas na sala da Presidência: o Talibã no comando outra vez

ZABI KARIMI/AP/IMAGEPLUS

mento é que, exatos vinte anos depois de as tropas americanas terem invadido o país e enxotado os radicais do poder, a longa, custosa e impopular presença dos Estados Unidos no Afeganistão se encerra do mesmo jeito que começou, logo após os atentados do 11 de setembro: com o Talibã no comando. No dia seguinte ao da tomada de Cabul, o temor do retorno à barbárie cotidiana esvaziou as ruas. Fechadas em casa, trabalhadoras, alunas e professoras usavam as redes sociais para se despedir, antecipando outra era toldada pelo atraso que germina quando o despotismo encontra a religião, emperrando o progresso que vigora em ambiente de liberdade. A título de exemplo: no fim da dominação talibã, havia quase 1 milhão de estudantes no Afeganistão — todos homens. Hoje são 39% do sexo feminino, pelo menos até agora. Cautelosos, comerciantes trataram de pintar ou arrancar cartazes de propaganda que exibiam mulheres de rosto descoberto, um alvo preferencial da fúria dos extremistas. As apresentadoras sumiram das emissoras de TV. O noticiário tomou conta da programação, com risco de se eternizar nela — no passado, os religiosos proibiram música, cinema e entretenimento em geral, expressões malvistas da demonizada cultura ocidental.

O único ponto da cidade com intenso movimento era o aeroporto, sob controle de 5 000 soldados americanos, onde milhares de afegãos desesperados lotavam pistas de decolagem e se penduravam em escadas, tentando entrar nos aviões militares reservados para a retirada de estrangeiros. Na terça-feira 17, abriu-se uma brecha na rampa de acesso de um Boeing de carga preparado para levar 100 passageiros ao Catar e ele acabou decolando com mais de 600 pessoas amontoadas. Famílias inteiras tomaram a pé o caminho das fronteiras, preparando-se para engrossar os 3,5 milhões de afegãos que constituem o segundo maior contingente de refugiados do mundo. Boa parte da população em fuga trabalhou para o governo ou para os Estados Unidos durante os anos de ocupação e se apavora com os requintes de crueldade com que "traidores" eram punidos nas mãos de algozes movidos pelo fanatismo.

Havia meses que o Talibã vinha ocupando províncias inteiras, muitas vezes sem trocar um tiro, com o evi-

VINTE ANOS DE CONFLITO

Caindo na mesma armadilha de tentar controlar o incontrolável que abateu os soviéticos após dez anos de ocupação (1979-1989), os Estados Unidos encerram vinte anos de presença no Afeganistão deixando o país na mesma situação em que encontraram

O INÍCIO 2001

Reagindo ao atentado de 11 de setembro, George W. Bush ordenou a invasão do Afeganistão. Acusado de dar guarida a **Osama bin Laden,** o governo do Talibã caiu um mês depois

A ESCALADA 2009

Barack Obama decidiu aumentar a presença militar americana para conter ofensivas do Talibã. Ao todo, Estados Unidos e Otan chegaram a ter quase 100 000 soldados e equipes de apoio no país

HOSHANG HASHIMI/AFP

LAURENCE BRUN/GAMMA-RAPHO/GETTY IMAGES

DOIS TEMPOS Burca obrigatória: com o Talibã, as mulheres perderam todas as liberdades que tinham antes deles, como nos anos de 1960 *(acima)*

dente conluio das autoridades e das forças de segurança, mas sem entrar nas capitais. A Casa Branca, por sua vez, depois de alguns adiamentos, começou em maio a pôr em prática o acordo assinado em 2020 ainda pelo governo Donald Trump — negociado diretamente com o Talibã, o que já dava uma amostra do que estava por vir —, em que o grupo extremista se comprometia a combinar uma divisão de poder com o governo central, em troca do recuo americano. O presidente Joe Biden previa manter uma presença discreta no Afeganistão até setembro. De repente, em menos de dez dias, o cronograma foi por água abaixo: as capitais regionais foram caindo perante o Talibã, uma a uma, até chegar a vez de Cabul — de onde o presidente Ashraf Ghani, com óbvia concordância prévia dos sucessores, saiu de fininho rumo aos Emirados Árabes Unidos e, segundo denúncias, carregando tantas malas de dinheiro que não couberam todas no jatinho. "Fui para evitar um banho de sangue", justificaria ele depois.

O porta-voz do Talibã, Zabihullah Mujahid, deu uma entrevista coletiva em tom conciliador, afirmando que "as animosidades acabaram" e prometendo "um governo forte, islâmico e inclusivo". Em uma imagem inédita, um representante do grupo foi entrevistado na TV por uma jornalista de rosto descoberto. Ninguém mencionou, claro, que Dawa Khan Meenapal, porta-voz do governo Ghani, tinha sido morto pelos radicais dias antes. Os primeiros grandes protestos contra a volta dos radicais, em Jalalabad, Cabul e outros centros, foram reprimidos com tiros e várias pessoas morreram. Uma jornalista da CNN, reportando da capital, ouviu ameaças veladas de grupos de rapazes na rua. Há notícias de que, em cidades ocupadas há mais tempo, jovens estão sendo obrigadas a se casar com combatentes e as mulheres solteiras não podem mais circular sem que um familiar — homem, claro — as acompanhe.

O retrocesso civilizatório ganha contornos mais preocupantes em um país onde quase metade da população vive abaixo da linha da pobreza e a atividade econômica é precária. "O Talibã

O TROFÉU
2011

Com acompanhamento em tempo real na **Situation Room da Casa Branca,** Bin Laden foi capturado e morto pelas Forças Especiais americanas em um esconderijo no Paquistão

O RECUO
2020

Após ter assinado um acordo de paz com o Talibã, o governo de Donald Trump anunciou a retirada total das tropas americanas — cerca de 14 000 — até maio de 2021

O FIM
2021

Quando assumiu a Casa Branca, Joe Biden decidiu estender o prazo da retirada até 11 de setembro de 2021, mas acelerou o processo, **apoiado pela população.** O Talibã avançou e retomou a capital, Cabul

AFP; PETE SOUZA/WHITE HOUSE; MICHAEL REYNOLDS/EPA/EFE

AKHTER GULFAM/EPA/EFE

A PÉ Corrida à fronteira: a multidão se apressa para deixar para trás a ameaça do obscurantismo e de represálias cruéis

não tem capacidade técnica, recursos nem experiência para comandar sem auxílio externo", ressalta Vanda Felbab-Brown, especialista do Brookings Institution. "O esperado declínio dos direitos civis deve vir acompanhado de uma grave crise econômica." Impulsionar a economia parece ser a principal motivação para as palavras conciliatórias em tom de promessa no dia seguinte ao da tomada do poder. Acredita-se que o novo líder de fato do Afeganistão, Abdul Gani Baradar, político da velha guarda mas de convicções um tanto mais pragmáticas, esteja empenhado em fazer alianças com adversários dos Estados Unidos, sobretudo a China — que já anunciou o plano de retomar a exploração da segunda maior mina de cobre do mundo, vizinha a Cabul, interrompida em 2008.

O Talibã nasceu nas madraçais, escolas religiosas frequentadas por refugiados afegãos no Paquistão, no fim dos anos 1980, à época da invasão soviética do Afeganistão — outro lodaçal motivado por apoio a um governo comunista em Cabul que sugou vidas e dinheiro até a finada União Soviética revolver ir embora sem nada em troca *(veja a linha do tempo na pág. 46)*. Como todos os grupos que se insurgiram contra a invasão, o Talibã também foi financiado e treinado pela CIA. Diferentemente dos demais, ele pôs em prática um plano de dominação territorial, sob a liderança do sinistro mulá Mohammed Omar e sua visão religiosa ultrarradical. À medida que avançava, o grupo foi impondo o terror na vida cotidiana. A certa altura, chocou o planeta ao explodir estátuas milenares de Buda, um patrimônio histórico de valor inestimável. "Acho impossível reformar o Talibã", afirma Jessica Berlin, analista política do centro de estudos Europa Nova, de Paris. "Sua ideologia é profundamente arraigada no fundamentalismo." Execrados em toda parte, inabaláveis na sua cruzada pela "pureza" do Islã, os mulás acabaram atropelados pela ação terrorista de um de seus poucos amigos: a Al-Qaeda de Osama bin Laden. Após a queda das torres gêmeas do World Trade Center em Nova York, em 11 de setembro de 2001, atentado que matou 3 000 pessoas e disparou ondas de choque até hoje sentidas (*veja a reportagem na pág. 50*), Bin Laden se refugiou nas montanhas do Paquistão — e os Estados Unidos foram atrás. Em pouco tempo, o Talibã acabou depos-

to, mas permaneceu ativo, seja em ataques armados a posições do governo, seja explodindo homens-bomba. Morto Bin Laden e removidos os grupos terroristas abrigados no Afeganistão, os Estados Unidos quiseram implantar um governo solidamente aliado no país, de cultura tribal, corrupção endêmica e antipatia por potências estrangeiras — e assim como a URSS e, antes dela, o Reino Unido, fracassaram fragorosamente. "Os americanos cometeram diversas falhas, a começar pela ausência de objetivos claros. Envolveram-se em uma missão de reconstrução nacional que não produziu progresso social nem econômico", avalia David Dumke, especialista em Oriente Médio da Universidade Central da Flórida.

A guerra mais longa em que o país se engajou, envolvendo quatro presidentes (os republicanos George W. Bush e Donald Trump e os democratas Barack Obama e Joe Biden), consumiu mais de 2 trilhões de dólares, ou 300 milhões por dia, e nela perderam a vida 2 500 militares americanos e 4 000 civis prestadores de serviços, além de 69 000 soldados afegãos, 48 000 civis e 51 000 combatentes extremistas. Coube a Biden encerrar a participação americana no conflito, medida inicialmente apoiada por 70% da população, e recaiu sobre seus ombros o vexame da queda de Cabul — um passeio para o Talibã e um salto no escuro para milhares de afegãos apavorados. "Os Estados Unidos não podem se dar ao luxo de se aferrar a políticas relacionadas a um mundo que não existe mais", tentou se justificar o presidente, em discurso à nação.

Por mais atrapalhado que tenha sido o desfecho, Biden fez o que, em algum momento, de forma mais ordeira, tinha mesmo de ser feito. Ele conta agora com o tempo para amenizar a péssima impressão — e deletar a insistente comparação com os últimos e inglórios dias da Guerra do Vietnã e a derrota imposta pelas forças comunistas ao governo de Richard Nixon. As cenas de desespero no aeroporto de Cabul resgataram na memória a fila para embarcar no último helicóptero a decolar do teto da embaixada americana em Saigon (atual Ho Chi Minh), em 1975. Trata-se de uma analogia imprecisa — os Estados Unidos nunca estiveram em guerra com o Talibã, nem este derrotou o Exército mais poderoso do planeta. O que une os dois episódios é a fuga da tirania. "O governo Biden não tinha outra alternativa senão retirar as tropas, mas a falta de planejamento gerou a primeira grande crise do novo presidente", afirma Sergio Amaral, ex-embaixador em Washington e conselheiro do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri). Teimosamente resistentes a investidas estrangeiras, os afegãos viram mais uma potência ir embora de mãos abanando. Resta saber como vão se defender do despotismo e do fanatismo religioso dentro de suas próprias fronteiras, um retrocesso assustador em pleno século XXI. ■

REPRODUÇÃO

PELO AR Caos na pista do aeroporto de Cabul: tentativa desesperada de embarcar nos aviões militares para escapar do país reavivou na memória a fila por um lugar no último helicóptero a deixar Saigon, em 1975 *(abaixo)*

BETTMANN ARCHIVE/GETTY IMAGES

O DIA QUE NÃO TERMINOU

O 11 de setembro de 2001 ganha outra dimensão em coletânea de depoimentos que dá voz aos que viveram aquela jornada, de anônimos a autoridades **DIEGO BRAGA NORTE**

GEORGE W. BUSH participava de um prosaico encontro com crianças numa escola da Flórida, em 11 de setembro de 2001, quando recebeu a notícia ao pé do ouvido: "Os Estados Unidos estão sob ataque". Pouco depois, o então presidente americano embarcou no Air Force One, rumo a Washington, contra a vontade de sua conselheira de Segurança Nacional, Condoleezza Rice. De um bunker na Casa Branca, ela fez com que Bush fosse mantido no ar por motivos de segurança, escoltado por caças militares. Enquanto observava pela televisão as duas torres do complexo World Trade Center, em Nova York, arderem em chamas e ruírem — e trabalhava para manter o presidente vivo —, Condoleezza foi tomada por um pensamento. "Temos de transmitir ao mundo a mensagem de que o governo americano não está acéfalo. Aquelas imagens davam a impressão de que o país estava desmoronando. Meu desafio era manter a cabeça no lugar e garantir que não houvesse pânico pelo mundo afora", disse. A preocupação com a imagem dos

O ÚNICO AVIÃO NO CÉU, de Garrett M. Graff (tradução de Julia Debassi e Érico Assis; Todavia; 560 páginas, 99,90 reais ou 54,90 reais o e-book)

SOB ATAQUE A tragédia das Torres Gêmeas em Nova York: o evento mudou a história

MASATOMO KURIYA/CORBIS/GETTY IMAGES

SHANNON STAPLETON/AFP

SIMBÓLICO Capelão dos bombeiros carregado por amigos: a vítima número 1

Estados Unidos em um momento de inominável tristeza não era trivial: Condoleezza tinha plena noção da relevância da democracia americana no contexto global — fundamento evidenciado pelos últimos acontecimentos no Afeganistão.

O relato da conselheira, que viria a ser secretária de Estado no governo Bush, o mais alto título no gabinete presidencial, é um entre os 500 que compõem o ótimo livro *O Único Avião no Céu,* do historiador e jornalista americano Garrett M. Graff, recémlançado no Brasil. Em ritmo de thriller, a obra recria em ordem cronológica o dia dos ataques, há exatos vinte anos, por meio de depoimentos de sobreviventes, entre bombeiros, policiais, militares, políticos e tantas outras testemunhas do dramático evento.

Os relatos orais não são melhores nem piores que a narrativa oficial, mas complementares. A oralidade sincera e emotiva, ponto alto da obra, distancia-se da objetividade fria e acadêmica da história com agá maiúsculo, dando ao ocorrido uma dimensão humana. Assim, é possível ter acesso tanto às versões dos trabalhadores anônimos vizinhos do WTC, como do alto escalão do governo — e até entrar no Air Force One naquele dia em que, mantido no ar enquanto o espaço aéreo foi fechado, dá título ao livro.

Uma interessante testemunha, aliás, é Ellen Eckert, estenógrafa que anotava as conversas e as reações do presidente no avião. Durante um telefonema de Bush com assessores na Casa Branca, seu escritório aéreo foi esvaziado, exceto pela presença de Ellen, que o descreveu como "calmo" diante do caos. A estenógrafa se revelou outra prova da força da democracia americana: mesmo atordoado pelos ataques, o governo prezou pela importância de documentar aquele momento para as futuras gerações.

Mesma linha de pensamento teve Sunny Mindel, a assessora de comunicação do então prefeito de Nova York, Rudolph Giuliani. Ela conta que tentou encobrir com as mãos as câmeras que registravam corpos caindo dos prédios. Desistiu: "Aprendi que jamais se tapa a lente de uma câmera. A história precisa desse registro". No mesmo local, o policial David Brink sentiu o peso da impotência diante do horror. "Vi grupos de quatro pessoas saltando dos prédios de mãos dadas, formando correntes. Eu olhava para cima e pensava: 'Quero ajudar vocês. Por favor, aguentem firme'. Mas sabia que não podia fazer nada", lembrou.

Há ainda episódios comoventes que foram literalmente soterrados pela magnitude da queda das torres de 110 andares e mais de 400 metros. Como o resgate do padre Mychal Judge, um simpaticíssimo e querido irlandês que era capelão dos bombeiros. A imagem dos colegas carregando Judge se tornou uma das mais icônicas daquele dia. O padre não resistiu e morreu. Seu corpo foi o primeiro a ser liberado; seu atestado de óbito tem o número 1. Oficialmente, Judge foi a primeira vítima do 11 de Setembro.

Outras histórias provocam esperança e também assombro. É o caso do funcionário de um escritório que escapou da morte porque teve de descer ao térreo para liberar a entrada de um colega que tinha esquecido sua carteira em casa; ou da funcionária que foi de-

mitida no dia 10 de setembro, o que a salvou da morte; e do bombeiro que trabalhou por horas pensando que sua mulher tinha morrido no atentado e a encontrou viva no fim do dia.

De maneira dramática, mas inequívoca, o século XXI foi inaugurado com o 11 de Setembro. Suas consequências reverberam até hoje. É inimaginável, por exemplo, embarcar em um avião com um cortador de unha na bagagem de mão — os terroristas da Al-Qaeda embarcaram com facas, dizendo serem colecionadores. O constante medo de um novo atentado se tornou parte do cotidiano americano. Nem a morte de Osama bin Laden, em 2011, no Paquistão, amenizou o temor. "Estamos mais seguros hoje", afirmou a VEJA o almirante William H. McRaven, 65 anos, que supervisionou a operação *(leia a entrevista abaixo)*. A atual retomada do Afeganistão pelo terror do Talibã, porém, põe em xeque a afirmação. É dever da humanidade, portanto, manter viva a memória daquele dia infame, não somente para evitar que se repita, mas como homenagem à vida e à liberdade — os bens mais caros da civilização. ■

DAVID BOHRER/U.S. NATIONAL/GETTY IMAGES

BASTIDORES Condoleezza *(no centro)* e Bush *(à dir.)*: calma para lidar com o caos

"OS ESTADOS UNIDOS CONTINUARÃO DE OLHO NO AFEGANISTÃO"

Aposentado em 2014 e um dos mais condecorados militares dos Estados Unidos, o almirante William H. McRaven lançou recentemente o livro *O Código do Herói* e falou a VEJA sobre a caçada a Osama bin Laden liderada por ele.

O senhor estava no Afeganistão, em maio de 2011, monitorando a distância a ação que matou Bin Laden. Foi também o responsável por reconhecer o corpo dele. O que mais o marcou naquela missão? Uma operação militar precisa de muito planejamento, mas não sabíamos se o complexo onde ele estava escondido tinha armadilhas explosivas ou minas terrestres. Nem se Bin Laden estaria usando um colete explosivo. Havia muitas variáveis desconhecidas. Mas, ainda sim, fomos lá e cumprimos a missão porque era a coisa certa a ser feita.

A morte de Bin Laden não necessariamente deixou o mundo mais seguro, não é mesmo? O objetivo da missão era levar Bin Laden à Justiça por suas ações em 11 de setembro de 2001. Muitos achavam que ele não comandava mais nada e estava ocupado em se esconder. Na verdade, o que nossa Inteligência mostrou é que ele continuava planejando operações contra os Estados Unidos e nossos aliados. Estamos mais seguros hoje, sim. Tenho certeza. Isso significa que o mundo todo está a salvo? Não. Ainda temos muitos problemas.

DIVULGAÇÃO

TERRORISMO McRaven: líder da operação que matou Bin Laden

A retirada das tropas americanas do Afeganistão mostrou que a instabilidade continua. Há uma solução para a paz naquela região? Eu me preocupo com o ressurgimento do Talibã. Todo o progresso que fizemos em termos de direitos das mulheres poderá retroceder. Também me preocupa a imigração e a estabilidade do país. Não só a volta do Talibã, como outros grupos extremistas vão avançar no Paquistão. Os Estados Unidos continuarão de olho no Afeganistão e no Paquistão, mas remotamente.

O senhor lançou recentemente o livro *O Código do Herói*. Sobre o que se trata? As pessoas sempre me perguntam que heróis me inspiraram. Fui buscar a definição de herói e descobri que ele é feito de valores e nobres qualidades que qualquer pessoa pode ter. Elenquei dez delas e conto dez histórias inspiradoras que fazem uma pessoa ser considerada herói, tanto na vida militar quanto na vida civil ou no trabalho.

Felipe Branco Cruz

FAMOSOS E ARREPENDIDOS

Lançado em 2009 e disponível no YouTube, o filme-exaltação *Flordelis – Basta uma Palavra para Mudar* é o tipo de obra que todo mundo que aparece lá preferia esquecer: Flordelis dos Santos, retratada como anjo de candura, mãe extremada de mais de cinquenta filhos adotivos, está presa, acusada de mandar matar o marido. Na época das filmagens, porém, a admiração por seu trabalho era tamanha que o diretor, Marco Antonio Ferraz, lembra de **BRUNA MARQUEZINE** cair em prantos ao conhecer Rayane Oliveira – neta adotiva da ex-deputada, interpretada pela atriz e também detida por ser apontada como cúmplice no crime. "Bruna chorou tanto que precisamos refazer algumas cenas", diz. Stylist de famosos, Ferraz embarcou na canoa furada um grande elenco de estrelas – Reynaldo Gianecchini, Rodrigo Hilbert, Fernanda Lima, Deborah Secco, Letícia Spiller – que nem cachê cobraram.

INSTAGRAM @BRUNAMARQUEZINE

INSTAGRAM @NICOALIWALSH

ALI NO RINGUE

Primeira herdeira do lendário boxeador Muhammad Ali a seguir seus passos, a filha Laila aposentou-se em 2007 sem sofrer uma derrota. Agora é a vez de outro Ali entrar no ringue: o neto **NICO ALI WALSH,** de 21 anos, faz sua estreia profissional no sábado 21, em Tulsa, no estado de Oklahoma, em luta que – por ser quem é – será transmitida pela TV. Ali Walsh, como é chamado, está bem ciente do peso do sobrenome. "Não dá para escapar de quem foi meu avô", diz. "O jeito é abraçar o legado, qualquer que seja ele." Estudante de economia em Las Vegas, Ali neto – que tem o rosto do campeão tatuado no braço – aproveitou a pandemia para treinar durante seis meses, preparando-se para o primeiro embate. E já tem planos para a vida pós-boxe: atuar no cinema.

INSTAGRAM @MADONNA

A LOIRA DA ETERNA JUVENTUDE

Já virou tradição: a cada aniversário, a cantora **MADONNA** aparece comemorando, impecável, como que provando que, para ela, o tempo não passa. Não foi diferente neste 16 de agosto, em que completou 63 anos de vestido de seda azul decotado, pernas à mostra e nem uma única linha marcando o rosto um tanto quanto imobilizado. "Que os jogos do aniversário comecem", convoca ela no vídeo da festinha em família, da qual participou, muitíssimo enturmado, o namorado Ahlamalik Williams, 27 anos — três a mais que Lourdes, sua primogênita. Antecipando outra data festiva, Madonna anunciou que a partir de 2022, quando completa quarenta anos de carreira, todos os seus álbuns serão relançados em edições de luxo.

OLHAR POSITIVO

O empresário **EIKE BATISTA,** 64 anos, já sabe que o filme sobre sua ascensão e queda não será chapa branca e mostrará em detalhes a cena de sua primeira prisão, em 2017, por corrupção e lavagem de dinheiro. Mesmo assim, Eike, homem de inabalável otimismo mesmo após cair do pedestal de mais rico do Brasil e o sétimo do mundo, acredita que sairá bem na fita. "Vejo como uma boa oportunidade de retratar a realidade e a grandiosidade dos meus projetos", aposta. As filmagens já começaram, com Nelson Freitas no papel principal. A estreia está prevista para 2022 e, se depender do empresário, eventualmente ganhará continuação. "Ele espera que a parte 2 mostre sua volta por cima", revela um amigo do ex-milionário. ■

INSTAGRAM @REALEIKEBATISTA

UMA PANDEMIA

Desde a chegada do novo coronavírus, as queixas de falta de sono explodiram e os pesadelos substituíram os sonhos. Mas a ciência busca formas de devolver ao ser humano o necessário e merecido descanso noturno

CILENE PEREIRA E **SIMONE BLANES**

Em 1932, Pablo Picasso pintou *O Sonho*. O quadro retrata a doce entrada no universo onírico de sua amante Marie-Thérèse Walter, jovem francesa por quem o pintor se apaixonou com tal volúpia que, dizia ele, até seu sono lhe faltava. Mas, em sentido figurado, claro, olhar o descanso da amante lhe bastava. Privar-se de sono por amor pode até inspirar um certo romantismo. A realidade, porém, é que ficar sem dormir não é bom para ninguém, como estão deixando claro esses tempos de pandemia, quando fechar os olhos e repousar até o dia seguinte passou a ser um privilégio. Como o novo coronavírus, a insônia também se tornou pandêmica.

Desde o início dos casos, em janeiro de 2020, queixas vinculadas ao sono apareciam aqui e ali, mas eram insuficientes para entender o que acontecia e apontar o tamanho do problema. Recentemente, no entanto, pesquisadores da Universidade Estadual do Arizona, nos Estados Unidos, apresentaram os resultados do maior levantamento feito até agora sobre o tema, que incluiu entrevistas com 991 indivíduos de 79 países. O estudo apurou dados sobre o padrão de repouso noturno dos voluntários durante doze meses ao longo de um ano e meio de Covid-19. A conclusão preocupa. "Em geral, os distúrbios do sono aumentaram. Verificamos que 56% dos entrevistados relataram níveis clínicos de sintomas de insônia", afirma Megan Petrov, coordenadora da pesquisa.

Megan estuda o comportamento do sono humano há dezesseis anos. Sabe que nas últimas duas décadas dormir bem transformou-se em artigo de luxo para cada vez mais gente. Porém, ela ficou surpresa ao consta-

CHRISTIE'S

REPOUSO *O Sonho*, de Picasso: retrato sereno da amante no universo onírico

DE INSÔNIA

tar que hoje mais da metade da população mundial enfrenta dificuldades para relaxar totalmente. E por mais diferentes que sejam em cultura e estágios de desenvolvimento, os países apresentam índices e queixas semelhantes. No Reino Unido pré-pandemia, uma em cada seis pessoas tinha insônia. Atualmente, uma em cada quatro encontra-se nessa condição. Na China, os índices saltaram de 14,6% para 20%. No Brasil, segundo pesquisa da Associação Brasileira do Sono (ABS), houve diminuição na quantidade de horas de sono, de 7,12 horas diárias antes de 2020 para 6,23 horas agora. Na história da ciência do sono, esse período ficará conhecido como os tempos da *coronasomnia* (coronainsônia, em tradução livre do inglês), termo que já se popularizou entre os especialistas.

O cenário não incomoda somente porque a ausência de repouso noturno leva, entre outros prejuízos, ao cansaço, à irritabilidade ou à dor de cabeça no dia seguinte. O sono é um estado fisiológico fundamental para o organismo. Durante o repouso, o corpo trabalha para manter o equilíbrio dos sistemas imunológico, endocrinológico e neurológico. O armazenamento de informações pelo cérebro, por exemplo, ocorre à noite. "Dormir é uma parte essencial do viver, assim como o ar, a água e a comida", explica a americana Megan Petrov. "Sua saúde fica comprometida quando a qualidade do ar que você respira, da água que bebe e do alimento que ingere é ruim. Esse também é o caso quando seu sono é péssimo ou insuficiente."

Idealmente, o adormecer deve responder ao que é determinado pelo relógio biológico, programado para funcionar em ciclo de 24 horas. O aviso de que é hora de o corpo começar a se preparar para o repouso é dado pela fabricação da melatonina a partir do pôr do sol. O hormônio é o indutor do sono. A partir daí, a temperatura corporal baixa e a pressão arterial, tam-

ANTES DO AMANHECER

O que aconteceu com o sono dos brasileiros na pandemia

Dorme-se menos

de **7,2 horas** diárias — para **6,3 horas** diárias

A dificuldade para adormecer e continuar dormindo cresceu

de **27,6%** — para **58,9%**

A insatisfação quanto à duração e à qualidade do sono aumentou

de **44,5%** — para **72,7%**

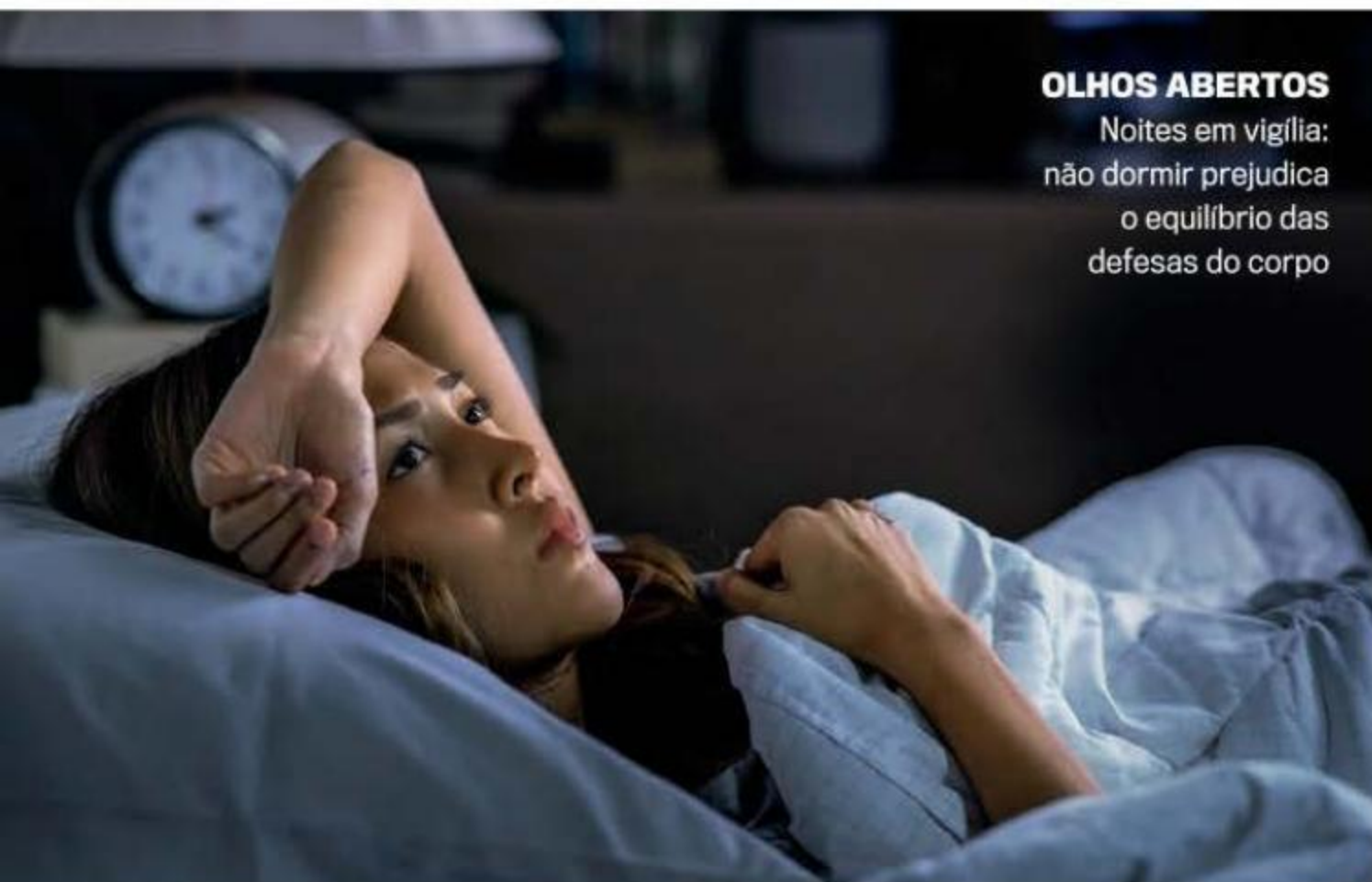
Principais queixas

- ACORDAR DURANTE A NOITE
- DESPERTAR MUITO CEDO E NÃO CONSEGUIR VOLTAR A DORMIR
- DIFICULDADE PARA INICIAR OU MANTER O SONO
- DESADORMECER COM DOR DE CABEÇA
- LEVANTAR-SE SENTINDO-SE CANSADO
- SONOLÊNCIA EXCESSIVA DIURNA
- PESADELOS

Fonte: *Associação Brasileira do Sono*

O VÍRUS ROUBOU OS SONHOS

Sonhos representam nossos medos e desejos. "Nada mais compreensível, portanto, do que constatar na pandemia a prevalência de sonhos entrecortados, pontuados por situações de ameaças e ansiedade", diz o médico Sérgio Arthuro, pesquisador do Instituto do Cérebro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Afinal, é assim, em permanente montanha-russa de humores, que boa parte da humanidade se sente há dezoito meses.

Relatos coletados pela pesquisa internacional COVID Sleep Study, realizada em catorze países envolvendo cerca de 20 000 voluntários, registraram as transformações nos padrões de sono e sonhos no período em que o mundo vive sob a ameaça do vírus. Arthuro é o líder do braço brasileiro do estudo, que conta com aproximadamente 2 000 participantes. O levantamento não está finalizado, mas algumas observações já puderam ser feitas. Uma delas é o aumento dos chamados sonhos lúcidos, quando o indivíduo tem consciência de que está sonhando. A elevação aconteceu com frequência no Brasil, pelo que se sabe até agora. Também houve crescimento na ocorrência de pesadelos. "Muitos deles estão relacionados à pandemia, como os associados ao medo da contaminação", diz o pesquisador. Resultados de outros estudos convergem para as mesmas conclusões: por enquanto, as representações oníricas da mente nesses tempos pandêmicos são mais de angústia do que de alívio.

OLHOS ABERTOS
Noites em vigília: não dormir prejudica o equilíbrio das defesas do corpo

SHUTTERSTOCK

bém. Depois de poucas horas, o sono chega. Na pandemia, o processo virou de cabeça para baixo. Primeiro, porque desapareceu a rotina de acordar, sair para trabalhar, voltar para casa e dormir. Trabalho, descanso e lazer ficaram misturados. "O fato de as pessoas não conseguirem mais separar vida profissional da pessoal, levar trabalho para a cama, não ter horários para dormir e despertar faz com que o cérebro não entenda quando deve desacelerar", explica o médico Gabriel Natan Pires, pesquisador do Instituto do Sono, ligado à Escola Paulista de Medicina (Unifesp). Segundo, como agravante, há a ansiedade e o stress de lidar com situações novas, por vezes desagradáveis ou amedrontadoras.

Com sinal vermelho aceso, médicos agem para evitar que essa "coronainsônia" deixe um legado igualmente nocivo. A primeira preocupação é impedir que o crescimento descontrolado do consumo de remédios para dormir, observado do ano passado para cá, resulte em milhares de indivíduos dependentes. "Em um primeiro momento tomar remédio pode parecer uma solução", afirma a médica Andrea Bacelar, presidente da Associação Brasileira do Sono. "Mas depois pode se transformar em dependência." Importantíssimo: medicamentos com essa finalidade são prescritos por médicos e exigem acompanhamento cuidadoso justamente para não se tornarem mais um problema. O ideal é pôr em prática ações cotidianas e eficazes. A primeira é estabelecer uma rotina, em especial para dormir e despertar sempre no mesmo horário. Respeitar a necessidade individual de sono é outro passo. Nem todo mundo precisa dormir oito horas por dia, mas menos de cinco horas não é recomendável. Se essas e outras medidas não forem suficientes, quem deve cuidar do problema é o médico. No arsenal disponível, há inclusive vários recursos não medicamentosos. Um deles é a terapia cognitivo-comportamental, cujo objetivo é identificar e modificar pensamentos e comportamentos associados que sirvam de gatilho para piorar o quadro. Seguindo orientações assim, quem sabe a humanidade volte enfim, com a paixão de Picasso, para os braços serenos de Hipnos, o deus grego que embala nosso sono. ■

APROVEITAMENTO DE RESÍDUOS IMPULSIONA PRODUÇÃO DE BIOCOMBUSTÍVEIS

O PAÍS PODE LIDERAR A REVOLUÇÃO GLOBAL QUE VAI SUBSTITUIR OS COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS

Em 50 anos, o Brasil mudou completamente sua matriz energética. Não só diversificou as fontes como apostou naquelas com origem renovável. Essa mudança não aconteceu por acaso: foi resultado de investimentos que seguiram uma estratégia de longo prazo, centrada, principalmente, na construção de usinas hidrelétricas.

O mundo, por sua vez, continuou dependente de petróleo e carvão. O Brasil tem 43% do seu mix energético gerado por fontes renováveis, já a média global é de apenas 16%.

Enquanto o resto do planeta corre atrás do prejuízo, o país está bem posicionado para liderar o novo cenário, em que reduzir emissões de gases poluentes é uma obrigação, e encontrar substitutos para a queima de combustíveis e as fontes de eletricidade fósseis se mostra o caminho mais rápido.

Assim como no passado, esse esforço continua seguindo uma estratégia de longo prazo, desde 2016, delineada pela Política Nacional de Biocombustíveis, que define políticas públicas de incentivo ao aumento do uso de combustíveis renováveis. "O RenovaBio veio para fomento à expansão da produção de biocombustíveis no Brasil, reduzindo as emissões de gases do efeito estufa provocadas pelos combustíveis fósseis, que serão substituídos", avalia Alexandre Pereira, diretor da JBS Biodiesel.

"O consumidor mudou, as pessoas querem saber como o produto foi desenvolvido, em que condições, com que recursos", lembra Davi Bontempo, gerente executivo de meio ambiente e sustentabilidade da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

RESÍDUOS ÚTEIS

Em coerência com esse momento, utilizando os princípios da economia circular, a JBS, segunda maior empresa de alimentos do mundo e líder no setor de proteína, desenvolve uma série de ações na direção de não só aumentar o uso de biomassa para produzir biocombustíveis, como também revolucionar a forma de criar esses produtos.

A empresa produz biodiesel feito de resíduos orgânicos de sua cadeia produtiva e de óleo de cozinha que coleta em mais de 40 cidades brasileiras, em ações de caráter educativo, como o Programa Óleo Amigo. Assim, reaproveita materiais que, à primeira vista não teriam mais utilidade e ao mesmo tempo reduz a necessidade de matéria-prima. "Eram resíduos de difícil destinação, agora são base para produzir biocombustível que emite 80% menos gases poluentes do que as alternativas fósseis", diz Pereira.

Levando-se em consideração que cada litro de óleo de fritura usado pode poluir até 20 000 litros de água potável, o volume coletado pela JBS já contribuiu para evitar a contaminação de mais de 270 bilhões de litros de água. Apenas em 2020, a Biodiesel produziu 265 milhões de litros de biocombustível e tende a aumentar a produção quando a terceira fábrica estiver pronta, até o final do ano.

FOTO: ISTOCKPHOTO

ADESÃO IMEDIATA Tela da Gettr: Jair Bolsonaro e seus filhos Eduardo e Flávio já abriram perfis na nova plataforma

REDE DE MENTIRAS

Criada por ex-assessor de Donald Trump, a Gettr se diz contra a cultura do cancelamento, mas a ideia é usá-la para que se espalhem *fake news* e desinformação **ALESSANDRO GIANNINI**

NO DIA 4 DE JULHO, o senador Flávio Bolsonaro (Patriota) foi ao Twitter anunciar o lançamento da Gettr, nova rede social associada ao ex-presidente americano Donald Trump. O filho Zero Um do presidente Jair Bolsonaro acrescentou na postagem que já havia aberto uma conta em seu nome na nova plataforma. Antes de conclamar seus seguidores a acompanhá-lo, ele não se furtou a uma provocação. "Mais uma rede em defesa da liberdade", afirmou. Coincidência ou não, um dia depois da celebração bolsonarista os registros de novos usuários falantes de português no recém-criado ambiente virtual ultrapassaram temporariamente os que se comunicavam em inglês. Segundo dados da própria empresa, depois dos Estados Unidos, o Brasil é o país com maior número de participantes: em torno de 80 000 pessoas.

Embora seja abertamente pró-Trump, a Gettr não conta com o antigo inquilino da Casa Branca em suas fileiras. Na verdade, a nova rede social foi criada por Jason Miller, que atuou como porta-voz do ex-presidente americano. Miller é o CEO da empresa, que tem sede em Nova

York. Ele foi o primeiro a dar boas-vindas a Flávio Bolsonaro em uma publicação, destacando que sua conta era uma das poucas brasileiras com selo de verificação. "É uma honra ter o Brasil representado de uma forma tão proeminente", escreveu o executivo. Além de Flávio, o pai e o irmão Eduardo também têm perfis verificados. Não por acaso, Miller vem ao país na próxima semana. Na agenda, está previsto um encontro com os Bolsonaro.

Segundo o *Wall Street Journal*, a Gettr seria parcialmente financiada por um bilionário chinês, Guo Wengui, associado a Steve Bannon, ex-marqueteiro de Trump e agora cotado para trabalhar na campanha de reeleição de Bolsonaro. Oriundo do mercado imobiliário de Pequim, Guo é acusado pelo governo chinês de corrupção e lavagem de dinheiro. Ele se notabilizou por espalhar *fake news* sobre a Covid-19 por meio da GNews, veículo que pertence ao conglomerado Guo Media, braço de comunicação de sua holding. Na nova plataforma, se identifica como Miles Guo e é bastante ativo.

Apresentada como um espaço em favor da liberdade de expressão e contra a cultura do cancelamento, a Gettr parece ser, na verdade, uma ferramenta para que se espalhem *fake news*, replicando a estratégia adotada pelos radicais pró-Trump. Assuntos fantasiosos como fraudes na eleição americana e vírus desenvolvidos em laboratório para acabar com o Ocidente estarão lá, e provavelmente serão levados a sério pelos usuários, dispostos a acreditar em qualquer bizarrice.

O início da Gettr foi atribulado. Entre outras ações duvidosas, foi acusada de inflar os números de novos seguidores. Além disso, sofreu invasões e a segurança de dados foi questionada. O código da plataforma também acabou sendo acessado por hackers, que revelaram características como a capacidade de eliminar itens dos trending topics. Na semana passada, sites americanos reportaram que a rede havia sido inundada por apoiadores do Estado Islâmico que estavam publicando propaganda terrorista. As polêmicas foram rebatidas pelo CEO no próprio ambiente virtual. Em nota pública, Miller disse que os extremistas islâmicos estavam apenas se vingando de Trump, que os teria varrido da face da Terra.

Com menos usuários do que Facebook (3 bilhões) e Twitter (1,3 bilhão), o Gettr necessita desesperadamente que Trump escolha a rede para amplificar seu discurso, como fazia antes de ser banido das redes sociais em razão dos ataques ao Capitólio, em 6 de janeiro. "Como um ambiente comunitário, ela terá certo nível de engajamento, mas não permitirá o conflito, como acontece, por exemplo, no Twitter", diz Benjamin Rosenthal, professor e pesquisador da Fundação Getulio Vargas especializado em redes sociais. Não haverá confronto porque a ideia da Gettr, afinal, é atrair a turma disposta a espalhar *fake news*, e só. Nestes tempos conflituosos, tudo o que o mundo não precisa é mais uma plataforma com essa disposição. ■

SHUTTERSTOCK

AFP

TRUMP Alvo: serviço dará voz a falácias como fraude na eleição americana

CRESCIMENTO VELOZ

Os números da nova plataforma

1,58 milhão

de usuários em pouco mais de um mês de existência — o Facebook demorou dez meses e o Twitter, dois anos para atingir a marca

* O Gettr permite que os usuários acrescentem uma localização ao perfil, ainda que a plataforma não verifique essas afirmações

Fonte: *Stanford Internet Observatory*

CHEVROLET ONIX 2022
Premier (motor 1.0 Turbo)
91090 reais

A ARRANCADA DOS PREÇOS

Inflação de insumos, falta de componentes e reviravolta no foco da indústria redefinem o conceito de automóvel popular, transformando modelos simples em artigos de luxo **LUIZ FELIPE CASTRO**

NO INÍCIO dos anos 1990, quando o Brasil buscava recuperação política e econômica na esteira do impeachment do presidente Collor, um capricho de seu vice e sucessor ajudou a moldar o conceito de carro popular no país. Itamar Franco (1930-2011) era um entusiasta do Fusca e insistiu que a Volkswagen voltasse a produzir o clássico carrinho, que havia saído de linha seis anos antes. Foi atendido ao oferecer a redução da alíquota do imposto sobre produtos industrializados (IPI), de 20% para simbólico 0,1%. Itamar, então, teve de expandir o benefício tributário para veículos de menor cilindrada e, como consequência, as ruas foram tomadas por versões 1.0 do Fiat Uno e do Volkswagen Gol. A onda perduraria por mais duas décadas, passando por modelos como Ford Ka e Chevrolet Celta, entre tantos outros. No cenário atual, porém, os carros populares — no sentido de preços acessíveis às pessoas — estão em processo de extinção.

Vinte anos atrás, os modelos de motor 1.0 respondiam por cerca de 70% das vendas. Em 2020, ano em que a pandemia passou como um trator por cima de tudo, a participação foi de apenas 12,7%, de acordo com a Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave). O carro mais barato do país hoje é o Mobi, cujo preço do modelo básico subiu de 38 000 reais em janeiro para 44 000 em julho, uma variação de

VOLKSWAGEN POLO 2022
Highline 200 (motor 1.0)
99 990 reais

15,8%. Ainda que a realidade dos carros 1.0 seja diferente do que era há duas décadas (hoje em dia existem até mesmo versões turbo, com 180 cavalos de potência), o fato de vários modelos do tipo já rondarem a casa dos 100 000 reais assusta o consumidor.

É verdade que veículos 1.0 começaram a ser equipados com tecnologia embarcada em carros mais caros, mas o que moldou mesmo o novo cenário foi a quebra da cadeia de suprimentos, em especial dos semicondutores (chips), que hoje estão presentes em quase tudo, do freio ao sistema de injeção. Além disso, insumos como aço, vidro e plástico tiveram aumento estratosférico de custo, que foi repassado ao produto final. Para completar, a demanda do consumidor por ar-condicionado, câmbio automático e central multimídia tem colaborado para a acelerada de preços, e há ainda o fator legislação, que fez com que as montadoras gastassem mais com dispositivos de controle de emissão de gases de efeito estufa e com aparatos de segurança, como airbags e luzes de rodagem diurna. Tudo isso acabou contribuindo para a formação do novo patamar de preços.

FOTOS DIVULGAÇÃO

CAOA CHERY TIGGO 3X 2022
T Plus (motor 1.0)
100 990 reais

A mudança do gosto dos brasileiros também mexeu com o mercado, fazendo as montadoras apostarem nos utilitários esportivos (SUVs), que já respondem por mais de 40% das vendas. A nova ordem, portanto, é priorizar os modelos com maior margem de lucro e, com isso, tirar de circulação os mais simples. A carga tributária brasileira, uma das maiores do mundo, também não ajuda na composição do preço, assim como o contexto político. "Houve uma profunda crise em 2016, na época do impeachment de Dilma Rousseff, mas vínhamos em recuperação até surgir a Covid-19", explica Flávio Padovan, sócio da MRD Consulting, com experiência no comando de empresas como Ford e Volkswagen. Segundo Padovan, as incertezas políticas, em meio a um contexto de pandemia, tornam o cenário ainda mais desafiador.

Os carros zero-quilômetro estão, portanto, virando artigo de luxo e o mercado de seminovos tenta preencher esse vácuo. No primeiro semestre, 7,3 milhões de veículos usados foram vendidos no país — uma alta de 63% em relação ao mesmo período do ano anterior. Por outro lado, esses usados também carregam aumento de preço devido à escassez de oferta — há veículos 2019 sendo vendidos hoje pelo mesmo valor nominal pelo qual foram comprados dois anos atrás. A pandemia está arrefecendo e o mercado sempre se adapta, mas o sinal de alerta está ligado. "O brasileiro não tem renda para suportar tanto aumento de preço", diz Paulo Cardamone, CEO da Bright Consulting. "Existe um limite e estamos chegando perto dele." Em outras palavras, se o cenário não mudar logo, haverá uma crise estrutural de mercado. ■

HONDA CITY 2021
EX (motor 1.5)
98 600 reais

Fonte: *Kelley Blue Book (KBB)*

BYE-BYE, BRASIL

Atraídos pelas facilidades oferecidas por universidades estrangeiras no meio da pandemia, cada vez mais jovens brasileiros voam atrás do diploma no exterior **NATHALIE HANNA**

MANIA DE INVENTAR

A veia criativa de **João Boechat,** 17 anos, acabou desabrochando também no aeroporto, onde ele posou para a foto antes de embarcar para a universidade americana de Duke. Filho de eletricista, criou um clube de robótica na escola e agora vai estudar engenharia no exterior.

O TÃO TEMIDO Enem, passaporte para ingressar na maioria das universidades do país, se avizinha, logo ali em novembro, mas para uma turma de brasileiros a ansiedade gira em torno de outro grande e decisivo acontecimento: eles estão de malas prontas para fazer faculdade no exterior. Esses jovens embalam uma tendência que já vinha tomando corpo nos últimos anos, com a ascensão da ideia de que, além de uma segunda língua, a experiência estudantil longe de casa ajuda a dar estofo para que se convertam em cidadãos do mundo. A pandemia, sempre ela, contribuiu para turbinar o movimento — no isolamento, muitos jovens curiosos experimentaram aqueles cursos livres das faculdades de fora, a distância mesmo, e, quando

as aulas voltaram a ser presenciais, as próprias instituições estimularam as matrículas dos estrangeiros. Resultado: em 2020 aumentaram em 41% as inscrições de brasileiros no Common Application, sistema de admissão usado por 900 universidades americanas — e não param de subir.

O vasto acesso às plataformas digitais de universidades no exterior, ainda que de forma despretensiosa em meio às incertezas trazidas pelo novo coronavírus, abriu a pais e alunos brasileiros uma janela para o exterior antes mais longínqua. Eles passaram a encarar com maior naturalidade o desafio de estudar longe de casa e começaram a caçar possibilidades, inclusive na seara de faculdades menos famosas, mais acessíveis e de bom ensino. Estas, por sua vez, dão boas-vindas a gente de variadas nacionalidades para compensar as perdas recentes: nos Estados Unidos, a queda foi de 603 000 alunos nos bancos universitários para o ano escolar que se inicia em setembro. "Diversas instituições derrubaram a exigência de que estrangeiros passassem por avaliações como o SAT, o que estimula o ingresso dos estrangeiros", diz Simone Ferreira, orientadora do EducationUSA, que divulga o sistema de ensino superior americano.

Atualmente, cerca de 70 000 brasileiros fazem faculdade fora, e a procura dispara, entre outras razões, sob o impulso de programas de países desenvolvidos para atrair talentos de toda parte. "Estamos em busca de diversidade. Os estudantes brasileiros têm perfis muito diferentes e podem contribuir com visões múltiplas para os problemas globais", avalia Simon Nascimento, brasileiro que estudou relações internacionais na Universidade de Chicago e dirige agora a área de admissões para graduação na instituição. É na UChicago, considerada o berço do neoliberalismo, que Vinicius Alvarez, 18 anos, começa no mês que vem o curso de economia e matemática. "Sei que ter esse diploma será um grande diferencial", afirma Alvarez, que, como outros, nem chegou a prestar o Enem. "Sempre quis que meu filho fosse capaz de se virar e ter destaque em qualquer ambiente", ressalta o pai dele, o empresário Thiago Alvarez.

RICARDO BORGES

Os Estados Unidos são, de longe, a meca dos brasileiros que procuram excelência cruzando fronteiras. Neste último ano, o estado que mais vem registrando matrículas é a Flórida, onde não há universidade de ponta, como nas costas Leste e Oeste. Preços variam imensamente — em instituições sem grife, custam em média o dobro de uma universidade particular no Brasil, com casa e comida incluídas e chances de bolsas para amenizar a conta. É preciso pôr tudo na balança e pesar custos e benefícios. Ao estudar em outro país, o jovem afia a capacidade de se adaptar a outras culturas, além de ganhar destreza em um segundo idioma. "Eles desenvolvem habilidades valorizadas no mercado de trabalho, como a de assumir riscos, encarar o novo e demonstrar empatia", lista Ronaldo Mota, membro da Academia Brasileira de Educação. O carioca João Vitor Boechat, 17 anos, mostrou iniciativa ainda no processo de seleção: criador de um clube de robótica na escola, obteve bolsa integral para cursar engenharia elétrica na renomada Duke University, nos Estados Unidos. "Não imaginava conseguir estudar em uma das melhores universidades do mundo", comemora.

Diante do interesse, colégios brasileiros tradicionais estão oferecendo

ARQUIVO PESSOAL

VALEU ESPERAR
Por quatro anos, **Gabrielle Balestra,** 18, meteu as caras no francês e passou para o curso de relações internacionais que queria, em Paris. Mas, com a pandemia, ainda viveu tempos de suspense. "Foram dois meses de ansiedade até me darem o visto", diz.

RENATO RAMALHO

turmas específicas a quem busca os ares acadêmicos de fora, com aulas preparatórias para exames internacionais, reforço na língua estrangeira e orientação vocacional. "Ao longo da preparação, percebemos os anseios dos alunos e os direcionamos para as universidades com que têm mais afinidade", explica Edmilson Motta, coordenador-geral do Etapa, em São Paulo. Escolas no topo do ranking aplicam a metodologia International Baccalaureate, aceita mundo afora e um ponto altamente positivo no currículo do aluno estrangeiro. "No IB, além das áreas de conhecimento, abordamos projetos práticos, valores humanistas e questões globais", frisa Marcio Cohen, vice-presidente pedagógico do Eleva, do Rio de Janeiro. Outra trilha percorrida com mais frequência para conseguir uma vaga fora são as escolas internacionais, que seguem o currículo do seu país de origem e dão os diplomas aceitos lá.

SEU NOME É PLANEJAMENTO

Desde o 9º ano, **Vinícius Alvarez,** 18 anos, não titubeava quando lhe perguntavam o que ia fazer da vida: estudar economia na prestigiada Universidade de Chicago. "Fiz um ensino médio todo voltado para conseguir a vaga no exterior", conta ele, já de passagem comprada.

Ainda que facilitados nos últimos tempos, os processos de seleção seguem árduos e longos. Na maioria dos casos, exige-se um exame de proficiência em língua estrangeira, carta de recomendação, bom desempenho em redação e nas entrevistas. Notas altas nos exames nacionais, como o próprio Enem e o americano SAT, ajudam, mas não são decisivas, e atividades como participação em olimpíadas acadêmicas, serviço voluntário e esportes são muito bem-vistas. "Tive de fazer oito redações e entrevistas com dois professores, além de estudar intensamente francês e integrar clubes acadêmicos", diz Gabrielle Balestra, 18 anos, que está de malas prontas para cursar relações internacionais na École Sciences Po, em Paris — depois de uma queda de braço, vencida pelos alunos, para que o governo francês afrouxasse os protocolos e aprovasse o visto para brasileiros. E assim a sala de aula sem fronteiras vai ficando a cada dia mais cheia. ■

alegria *s.f.*

Sentimento de contentamento, prazer de viver, satisfação.
Nas pessoas, costuma ser expressa através de *sorrisos.*

alegria
+ *Erbus*

É rolar na grama ***conforto e segurança.***
É saber que fez as melhores escolhas ***manutenção simples.***
É brincar, correr e se divertir ***alta durabilidade e resistência.***
É tornar tudo isso possível ***instalação limpa, rápida e prática.***

Sorria! Conheça as linhas exclusivas de **grama sintética** Erbus.

www.erbus.com.br | +55 11 2365-4786

FOME DE MUDANÇA

Depois do sucesso da carne de planta, agora é a vez de hambúrgueres, bacons e filés feitos a partir de fungos ganharem espaço na indústria de alimentos. Novo mercado cresce no Brasil e no mundo

ÁGUA NA BOCA Sanduíche feito com um tipo de cogumelo: no embalo da onda vegetariana

TWITTER @PRIMEROOTSFOODS

NA IMPRESSIONANTE velocidade de transformação da indústria alimentícia, as carnes com base em plantas não são mais novidade. A onda agora são hambúrgueres, bacons e filés feitos a partir de fungos — aqueles organismos onipresentes que dão origem a leveduras, bolores e cogumelos. Segundo as empresas que estão por trás da invenção, sua textura filamentosa é similar à do músculo animal, característica que plantas raramente apresentam. Em maio, a companhia escocesa Enough anunciou um acordo para vender as proteínas alternativas à Unilever. Dois meses depois, a americana Nature's Fynd levantou 158 milhões de dólares com o objetivo de desenvolver carnes a partir de fungos encontrados no Parque Nacional de Yellowstone. Também nos Estados Unidos, a startup Prime Roots faz hambúrgueres de fungos que já estão disponíveis no mercado.

A Nature's Fynd garante que as proteínas de fungo têm valor ambiental. Segundo a empresa, a sua produção consome apenas 1% da energia e 13% da água usada pela agricultura tradicional. Outro ponto levantado é que as carnes compostas de fungos possuem mais nutrientes e menos aditivos do que aquelas feitas com plantas, e apresentam um décimo da gordura e trinta vezes menos sódio do que a carne bovina. "Os benefícios nutricionais e ambientais convencerão o público a procurar alternativas à proteína animal", espera Karuna Rawal, diretora de marketing da Nature's Fynd.

O Brasil é o terceiro maior consumidor de carne bovina do mundo, mas o movimento vegano avança. "Somos um mercado em crescimento aos olhos da indústria de proteínas alternativas", constata Marcos Leta, fundador da Fazenda Futuro, especializada na produção de carnes de plantas. Segundo estudo realizado pela consultoria Boston Consulting Group, o segmento plant-based dobrou de tamanho no país nos últimos cinco anos. "No futuro, nossos descendentes vão olhar para fotos de sistemas intensivos de produção animal e se perguntar como a humanidade foi capaz de fazer isso", diz Carla Molento, coordenadora do Laboratório de Bem-Estar Animal da UFPR. Talvez lancem a pergunta saboreando um belo sanduíche de fungos — ou de carne mesmo. ■

Sabrina Brito

EM EXPANSÃO

Por que o mercado de proteínas alternativas é promissor

Em 2020, o setor faturou **5,6 bilhões de dólares** globalmente

A expectativa é crescer, em média, **15%** ao ano até 2027, quando deverá alcançar a marca de **14,9 bilhões de dólares**

Em tempos de preocupação com o meio ambiente, a carne baseada em fungos usa apenas **1%** da energia, água e terra exigidos pela **agricultura tradicional**

Nomes como **Jeff Bezos,** fundador da Amazon, e **Bill Gates,** da Microsoft, já investiram em empresas que desenvolvem carnes de fungos

Fonte: *Emergy Foods*

DANIEL WEBER

FUI AMARRADA E ESPANCADA NA ESCOLA

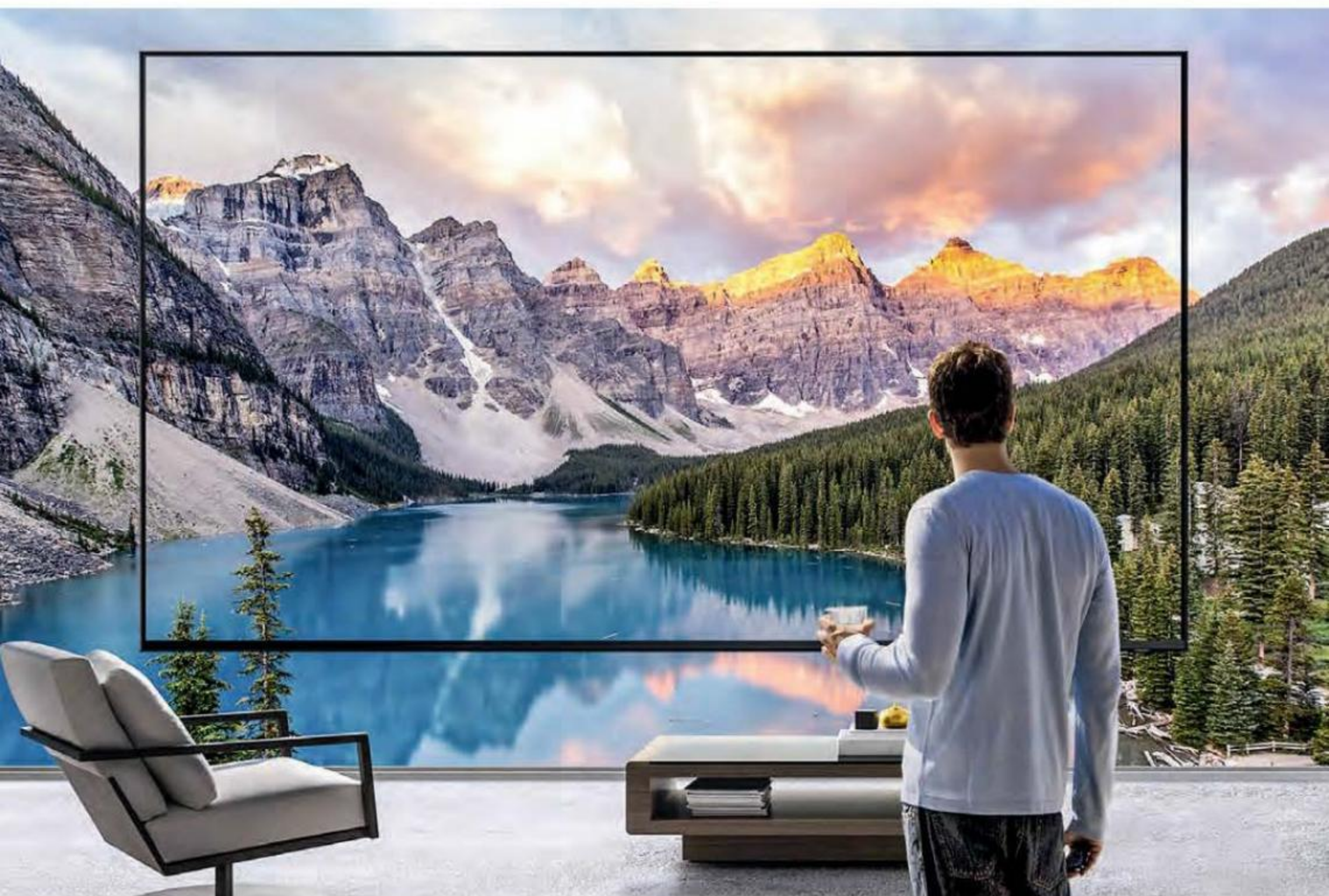
A transexual Alice Marcone, 26 anos, venceu o preconceito e hoje é roteirista de uma cultuada série da Amazon

QUANDO FUI CONVIDADA a participar do grupo de roteiristas da série nacional *Manhãs de Setembro,* do Prime Video *(plataforma de streaming da Amazon),* eu me vi diante de uma missão que diz muito sobre os dilemas da minha própria identidade. Cassandra, a protagonista, é uma mulher trans que finalmente encontrou um rumo para si. Mas, trabalhando de dia como motogirl e à noite como cantora, ela se abala ao descobrir que tem um filho de uma antiga relação hétero. A premissa da série já existia quando me juntei ao grupo, mas o desafio era fazer com que a história não caísse num grande drama, e sim que fosse leve, uma "dramédia". Para isso, a trama não deveria girar em torno do fato de a protagonista, vivida pela cantora Liniker, ser trans. Ela não é uma bandeira: é um ser humano, que comete erros e acertos. É fácil se identificar com a Cassandra, pois seus dilemas são universais. Como uma mulher trans, creio ser essa a melhor maneira de mostrar quem são as pessoas dentro da dita diversidade da televisão.

Cresci em um ambiente embebido em cultura popular, na zona rural de Serra Negra, no interior de São Paulo. Todos os dias, ouvia meu pai — consumidor assíduo de música sertaneja — contar causos. Minha mãe era colecionadora obstinada de livros. Depois da faculdade, eu me arrisquei como atriz e cantora. Minha carreira de roteirista começou quando passei em um teste para protagonizar um filme que, por fim, não saiu da gaveta. Lá conheci o Daniel Ribeiro (diretor do longa *Hoje Eu Quero Voltar Sozinho),* que me chamou para ser consultora de roteiro da série *Todxs Nós,* da HBO, com personagens LGBT. A partir daí, deslanchei. Além de *Manhãs de Setembro,* trabalhei em *Noturnos,* série de terror do Canal Brasil, e, agora, estou em *De Volta aos Quinze,* trama teen da Netflix. Quero mostrar mais pessoas trans na TV. Assim como quero trabalhar com temas que vão além da sexualidade.

Para chegar aqui, passei por bons bocados. Enquanto menino gay, sofri preconceito e fui arrancada do armário quando meu primeiro beijo foi exposto nas redes sociais. O bullying, então, se tornou insustentável. Cheguei a ser amarrada em uma cadeira e espancada na escola. Foi nesse episódio que meus pais souberam da minha sexualidade e, apesar de terem um casal de amigos LGBT, não encararam muito bem de início. Meu pai disse que aceitaria um filho homossexual, contanto que não fosse efeminado. Até o último ano da escola, engoli essa parte feminina de mim. Passei a me entender como mulher aos 20 anos e, aos 21, estava usando hormônios — hoje, ainda bem, meus pais são mais militantes da causa trans que eu. Agora, aos 26, me sinto mais confortável que nunca em minha própria pele.

Cursei psicologia na Universidade de São Paulo *(USP)* e, durante meu estágio, notei que preferia ouvir os pacientes no consultório com um olhar narrativo e não clínico. Eu terminava o atendimento e pensava: "Uau, que história". Optei então por cursar algumas matérias com os alunos de audiovisual — meu primeiro passo para a carreira artística. Fui bem acolhida na faculdade. O problema era entrar e sair dos portões da USP: eu me vestia como homem no transporte público, com medo de ser agredida no trajeto. A faculdade me acolhia, mas também me oprimia, porque eu era a única trans ali. Infelizmente, como roteirista, não é raro sentir o mesmo. Muitas vezes, sou a única trans na sala, e a solidão é forte. Chego até a assumir um papel de educadora para as pessoas ao redor. Mas sou uma só, não respondo por um grupo inteiro de pessoas trans tão diferentes entre si. Ao mesmo tempo, felizmente, vejo o mercado audiovisual cada vez mais preocupado em ter equipes criativas diversas. Em breve não serei mais a única — ainda bem. ■

Depoimento dado a Tamara Nassif

MUDANDO A PAISAGEM Smart TVs, conectadas à internet e cada vez maiores e mais sofisticadas: janelas para o mundo

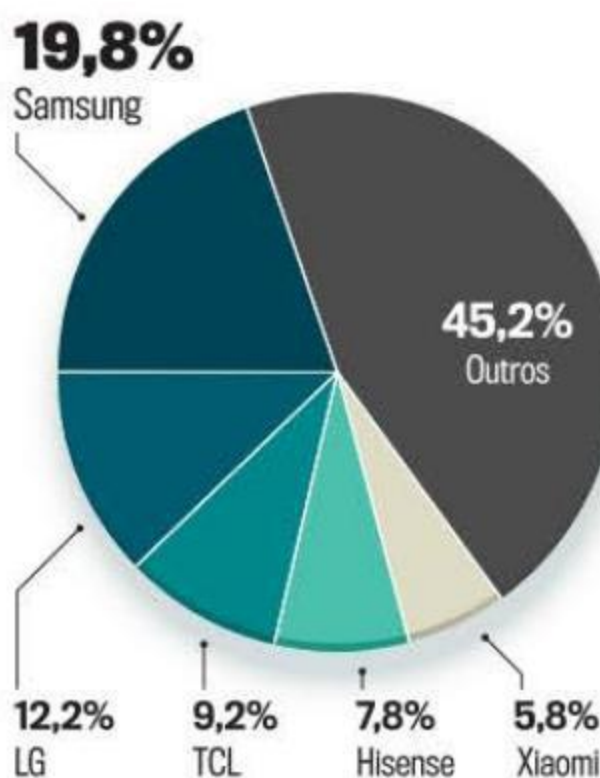
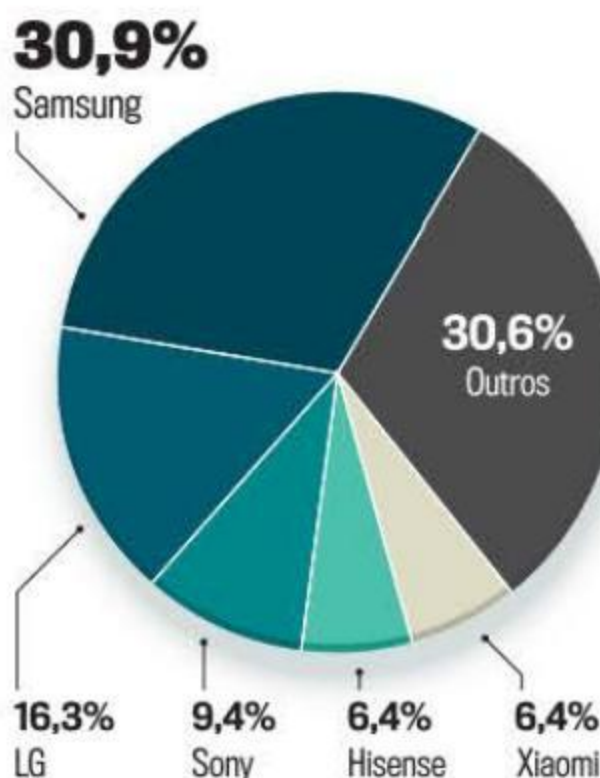
AS DONAS DA SALA

Marcas sul-coreanas lideram o mercado de televisores, desbancando tradicionais empresas japonesas, mas já veem os chineses aparecendo na tela **SÉRGIO FIGUEIREDO**

DUAS MARCAS japonesas de televisores, com as quais os brasileiros se familiarizaram ao longo de décadas, disseram adeus ao país. A Sony encerrou a produção em Manaus há quatro meses. A Panasonic anunciou o fim das operações neste mês. Ambas continuam em atividade com a oferta de outros produtos, mas, para elas, a era dos aparelhos de TV, pelo menos no Brasil, acabou. Uma análise precipitada pode levar à conclusão de que as multinacionais foram vítimas da conjuntura econômica local, mas isso está longe da verdade. Tanto uma quanto a outra estão desembarcando também de outros territórios — a Panasonic, por exemplo, desistiu dos Estados Unidos. Na verdade, a derrocada dos japoneses, outrora vistos como paradigmas de qualidade e inovação no setor, é apenas efeito colateral do triunfo de Samsung e LG, duas sul-coreanas que estão abocanhando fatias cada vez maiores do mercado global e se firmando como as novas donas da sala.

Diagnosticar mercados específicos é tarefa hercúlea, mesmo porque executivos evitam falar abertamente sobre o assunto, seja por respeito à concorrência, seja para não revelar aspectos cruciais da estratégia. No entanto, quando se examina a outrora líder Sony, percebe-se que ela perdeu o bonde quando se recusou a mudar, no fim do século passado, seu modelo de negócio baseado na compra de peças baratas da China e da Coreia do Sul para a subsequente montagem e venda de televisores a preços muito acima da média. Quando Samsung e LG se deram conta de que poderiam ser mais do que fornecedores, elas entraram na seara japonesa e, mesmo sem reputação à época, começaram a ganhar a briga dos televisores, oferecendo melhor preço com qualidade.

O horizonte ficou azul para os sul-coreanos assim que a classe média passou a acolher os dispositivos de tela fina, principalmente a de cristal líquido, conhecida pela sigla LCD. As novas donas da sala centraram fogo nos displays elegantes e assumiram a ponta de todas as melhorias que vieram na sequência, sobretudo no caso das smart TVs, que se conectam à internet por wi-fi ou cabo, permitindo acesso a aplicativos e aos serviços de streaming como Netflix, Disney+ e HBO Max, com milhares de horas de programação.

Se uma criança for perguntada se prefere um celular de última geração ou uma nova TV no quarto, é bem possível que ela opte pelo primeiro, mas isso não significa que o mercado global de smart TVs, ainda que 50% menor que o de smartphones, seja pouco atraente. Em 2020, mesmo em meio a uma crise sanitária, o segmento faturou 190 bilhões de dólares — número que, segundo a consultoria T4, poderá chegar a 278 bilhões de dólares em 2024. As vendas serão capitaneadas por telas cada vez maiores, de alta resolução e perfeita definição de imagem, capazes de abrir janelas para o mundo e até mesmo mudar o visual da casa. VEJA conversou com Erico Traldi, diretor da divisão de TV da Samsung Brasil, que acredita que, em pouco tempo, o consumidor brasileiro migrará das telas de 40 e 50 polegadas — hoje as mais vendidas — para as gigantes de mais de 65 polegadas. "Além do tamanho e da alta definição, nosso público quer aparelhos customizados, como os modelos verticais ou aqueles que simulam um quadro pendurado na parede, com moldura e tudo", explica Traldi.

O investimento em pesquisa e desenvolvimento é um dos elementos que conferem vantagem competitiva à Samsung sobre seus concorrentes. Essa é a opinião de Rodrigo Catani, da consultoria AGR, que, no entanto, aponta um desafio para a empresa sul-coreana e todas as demais que atuam no setor: "Elas precisam combinar a inovação de produtos com preços compatíveis, atendendo todos os públicos, e não apenas os de alta renda". Catani esclarece que, por se tratar de um mercado de escala, o volume de vendas é fundamental.

O vacilo da Sony tem suas origens prováveis na decisão estratégica de se posicionar como fornecedora de TVs premium, sem entregar a contrapartida em qualidade e inovação, o que minou seu diferencial. Correndo por fora, os chineses devem ter tirado muitas lições a partir da experiência de seus concorrentes, pois são eles que estão agora nos calcanhares dos sul-coreanos. Os números de participação de mercado de 2019 indicam que a TCL já desponta como a terceira potência do segmento, pelo menos em unidades vendidas. Ela tem forte presença nos Estados Unidos e, por aqui, está em sociedade com a brasileira Semp, que já foi parceira da japonesa Toshiba. Os deuses da televisão tiraram férias do Japão, mas, pelo jeito, não arredam pé da Ásia. ■

DOMÍNIO ASIÁTICO

No mercado mundial de televisores, as empresas coreanas abrem vantagem, enquanto as chinesas ganham terreno

PARTICIPAÇÃO 2019

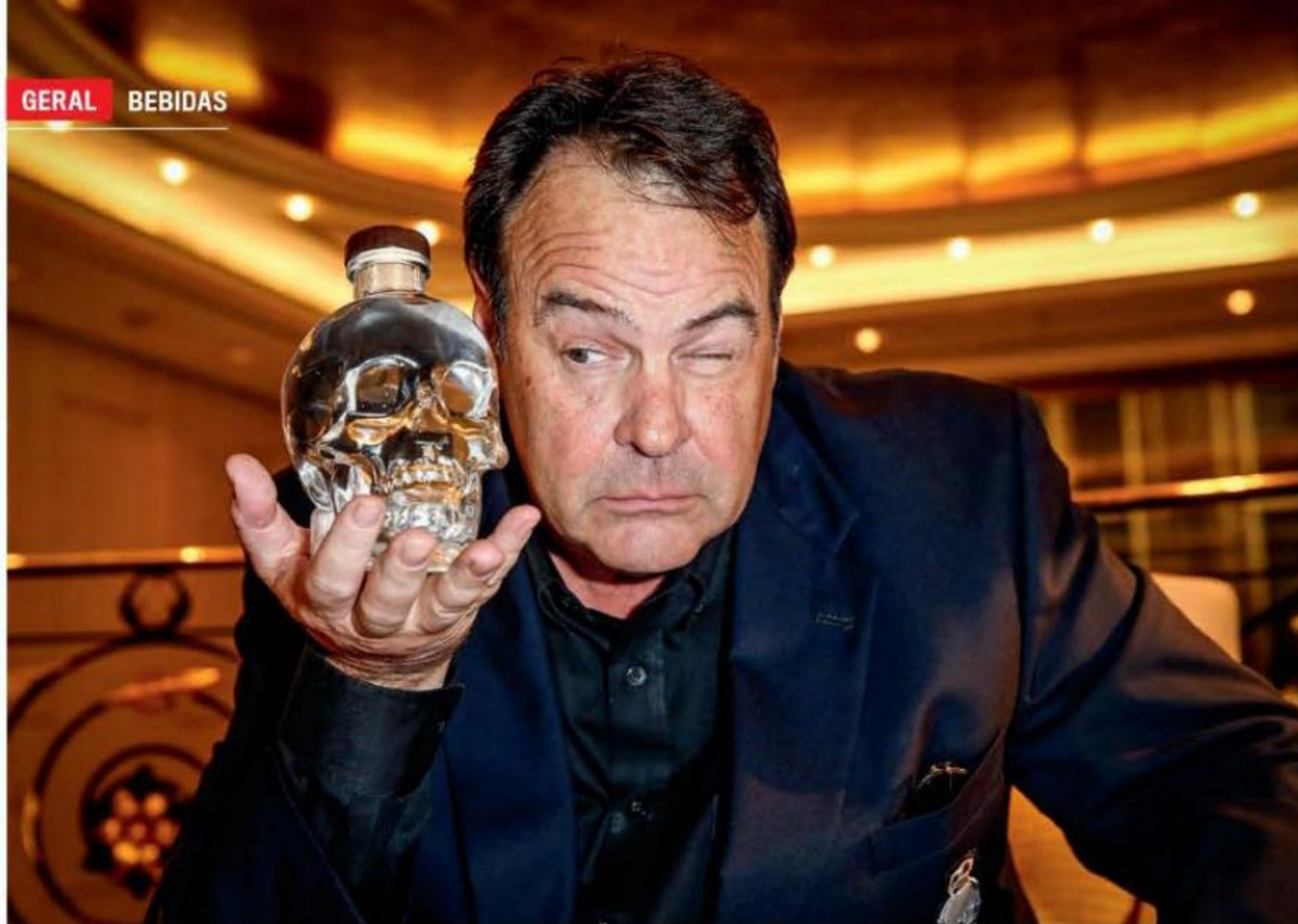
POR UNIDADES VENDIDAS

$

POR FATURAMENTO

Fonte: *Statista/IHS Markit*

DIVULGAÇÃO

MATHIS WIENAND/GETTY IMAGES

CAVEIRA DE CRISTAL O comediante Dan Aykroyd e sua vodca diferenciada: o que vale é a qualidade e a personalidade

A FAMA DESTILADA

As bebidas criadas e divulgadas por astros do cinema, da TV, da música e do esporte ganham o mundo, pondo à prova o poder de influência das celebridades **SÉRGIO FIGUEIREDO**

FOI-SE O TEMPO em que astros de Hollywood sonhavam com aposentadoria no interior da França, onde fariam vinho para consumo próprio e talvez para ganhar dinheiro. É notório o caso do diretor Francis Ford Coppola, que, depois do sucesso dos dois primeiros episódios da franquia *O Poderoso Chefão*, lançados em 1972 e 1974, adquiriu uma vinícola para produzir seus próprios rótulos, negócio que seria abarcado pela filha Sofia e a neta, Gia. Ainda que celebridades como Cameron Diaz — com a marca orgânica Avaline — e Brad Pitt e Angelina Jolie — com o champanhe Fleur de Miraval — estejam colhendo frutos de seus investimentos em vinhos, são os destilados que agitam o mundo das celebridades hoje. O ex-jogador de futebol David Beckham é parceiro do uísque Haig Club. Os amigos Aaron Paul e Bryan Cranston, depois de ficarem famosos com o seriado *Breaking Bad*, lançaram Dos Hombres, uma bebida de mezcal similar à tequila. Esses e outros famosos estão seguindo a regra que ganhou status de lei imutável com o astro George Clooney: melhor do que ser garoto-propaganda é fazer parte do negócio.

A investida de Clooney começou quase como uma brincadeira quando ele visitava o balneário de Cabo San Lucas, no México. Diz a lenda que o galã experimentou todos os tipos de tequila até encontrar aquela de que mais gostasse. Depois de importar 2 000 garrafas para si e para o *entourage* que o cerca, ele foi praticamente forçado pelo dono da destilaria a entrar de sócio como distribuidor. Exageros à parte, o fato é que, em 2017, quatro anos depois de ter introduzido a Casamigos nos Estados Unidos, Clooney a vendeu por 1 bilhão de dólares (700 milhões à vista, 300 milhões na participação em vendas) à Diageo, a maior fabricante de destilados do mundo, dona do scotch Johnnie Walker e do gim Tanqueray.

O gim, por sinal, foi a bebida que engordou os cofres de outro ator: o irreverente Ryan Reynolds. Mais conectado ao consumidor jovem do que o sessentão Clooney, o protagonista de *Deadpool* fez Aviation estrear justamente no momento em que o gim ressurgia nas baladas mundo afora, inclusive no Brasil. Depois de investir

DIVULGAÇÃO

CARLOS MARINO/FILMMAGIC/GETTY IMAGES

FACEBOOK @MELANDROSF

ELES SÃO A MARCA Ryan Reynolds, fundador do gim Aviation *(no alto)*, o rapper Sean "Diddy" Combs, embaixador mundial da vodca francesa Cîroc *(acima)*, e a modelo Kendall Jenner, novata no ramo: a aposta é no consumo dos destilados de qualidade

por alguns anos em sua marca, Reynolds também acabou sendo procurado pela Diageo, que pagou 610 milhões de dólares pelo Aviation.

Gigantes como a Diageo, no entanto, não almejam apenas comprar o negócio da celebridade e dispensá-la com o bolso cheio. Eles querem os famosos engajados ou o esforço de credibilidade vai por água abaixo. O mercado mundial de destilados de alta qualidade é estimado em 100 bilhões de dólares e, apesar do tropeço na pandemia, ele já está se recompondo para a temporada 2022. VEJA conversou com Cris Broilo, CEO da Selecta, importadora de bebidas que tem os direitos exclusivos para o Brasil da Crystal Head, vodca envazada em uma caveira de cristal, concebida e produzida por Dan Aykroyd, herói de *Os Caça-Fantasmas*. Livre de açúcar, quatro vezes destilada e filtrada em cristais de quartzo, a Crystal Head emula o espírito irônico de Aykroyd. "O astro influencia na decisão de consumo", explica Cris. "Mas não basta estampar o rosto na garrafa. Para funcionar mesmo, a celebridade tem de ser parte no negócio, inclusive zelando pela qualidade."

É dessa forma que pensa Sean Combs, o "Diddy", rapper e produtor musical que se dedica há anos a divulgar a vodca Cîroc e que é considerado pelos fabricantes o responsável pelo sucesso do produto além das fronteiras da França. E, para quem pensa que os destilados estão restritos ao clube dos homens, a supermodelo Kendall Jenner lançou recentemente a tequila 818, originária de Jalisco, no México, de onde também vem a Casamigos. Kendall, assim como seus colegas, está investindo reputação e dinheiro em uma marca própria, talvez porque goste mesmo de tequila ou talvez porque, em três ou quatro anos, ela venha a valer milhões de dólares. As celebridades brasileiras talvez devessem ficar de olho nisso. ■

JOHN SPRINGER/CORBIS/GETTY IMAGES

EM AÇÃO Fellini: o diretor criou uma obra memorialista e nostálgica

LORENZO BURLANDO

"EU ME LEMBRO"

O cineasta italiano Federico Fellini ganha museu no centro histórico de sua cidade natal, a pequena Rimini, imortalizada em seus filmes **ALESSANDRO GIANNINI**

TÍTULO do mais nostálgico entre os filmes de Federico Fellini (1920-1993), *Amarcord* (1973) tem origem no dialeto de Rimini, cidade natal do cineasta, na região da Emilia-Romagna, no nordeste da Itália. A palavra, originária da expressão em italiano "*io mi ricordo*", significa "eu me lembro", em português. Rodada in loco, a produção que revisita a infância e a juventude do excêntrico diretor está entre as evocações do novo Museu Fellini, que abre ao público esta semana com espetáculos especiais e visitas guiadas — tudo, garantem os organizadores, dentro dos protocolos sanitários. Trata-se, na verdade, de um polo museológico espalhado por três pontos de destaque no centro histórico do balneário: o Castelo Sismondo, o Palácio Fulgor e a Praça Malatesta.

Conhecido por envolver sua vida em um véu de ambiguidade e por se definir como um mentiroso contumaz, Fellini transportou para sua obra muitos dos mitos que fabricou sobre si próprio. Um deles, alimentado até pelo sogro, pai da atriz Giulietta Masina, dizia que o cineasta havia nascido no vagão de primeira classe de um trem que viajava da estação de Viserba, em Rimini, até a vizinha Riccione. Outra lenda, ainda mais elaborada, dava conta de que, aos 7 anos, ele fugiu com uma trupe circense que passara na cidade para voltar apenas alguns dias depois. Assim como o cineasta não via limites para a imaginação, os curadores incentivam os visitantes a se portarem do mesmo modo nas atrações. No Castelo Sismondo, uma fortaleza do século XV, exposições multimídia imersivas usarão tecnologia de ponta para fazer com que eles se sintam dentro de filmes como *Noites de Cabíria* (1957), *A Doce Vida* (1960) e *Casanova de Fellini* (1976).

Fellini dizia que não era muito de ir ao cinema quando pequeno, mas lembrava vivamente de quando assistiu, no colo do pai, vestido de marinheiro, a uma sessão do então popular *Maciste no Inferno* (1925), no lendário Fulgor, um dos quatro cinemas em atividade em Rimini. Anos mais tarde, já jovem e com fama de bom ilustrador, desenhou para o gerente da sala cartazes com os grandes astros da época em troca de ingressos grátis. Imortalizado em *Amarcord*, o cinema instalado em uma construção do século XVIII faz parte do conjunto de atrações dedicadas ao cineasta e abrigará

exposições permanentes com as cenografias desenhadas por Dante Ferretti para filmes como *Ensaio de Orquestra* (1978), *Cidade das Mulheres* (1980) e *Ginger e Fred* (1986), além de uma biblioteca de pesquisa física e digital, e até um "cineminha" onde serão exibidos os clássicos fellinianos.

A Praça Malatesta, uma grande área externa com gramados, arenas para shows e um espaço que remete tanto ao circo quanto ao final de *Oito e Meio* (1963), completa o circuito. É o local reservado para instalações de vídeo, de realidade aumentada e programações de curta duração. E também onde se encontra uma estátua da rinoceronte-fêmea que aparece no fim de *E la Nave Va* (1983), que causou polêmica na cidade por atrair crianças e não ser segura para que se suba nela. "O museu não interpreta o cinema de Fellini como uma obra acabada, mas como a chave para sua crença de que 'tudo é imaginado' ", declarou o prefeito de Rimini, Andrea Gnassi, citando parte de um verso de Fernando Pessoa usado no filme *A Voz da Lua* (1990).

Os museus descobriram o potencial dos cineastas como fortes chamarizes. Na Ilha de Fårö, no Mar Báltico, o Centro Bergman presta tributo à obra do sueco Ingmar Bergman (1918-2007) e preserva sua memória filmográfica. O americano George Lucas, com 77 anos, está construindo o Lucas Museum of Narrative Art, em Los Angeles, para preservar o seu legado, que se resume em grande parte à saga *Star Wars*. No Brasil, a Cinemateca Brasileira, em São Paulo, guarda em seus dois endereços materiais igualmente preciosos para a manutenção da história cultural do país. Um deles, na Vila Mariana, permanece fechado e o outro, na Vila Leopoldina, pegou fogo no fim de julho, com perdas inestimáveis. É preciso mirar no exemplo de quem cuida de sua memória para construir um futuro melhor. ■

MONTAGEM Marcello Mastroianni na nova galeria: a força da imaginação

LUCAS MUSEUM OF NARRATIVE ART

EM VIDA Nave: George Lucas construirá seu próprio centro de exposições

O DRAGÃO IMORTAL

Uma nova e detalhada biografia joga luz sobre o notável legado de Bruce Lee para o cinema e conta como o astro se tornou uma ponte cultural entre China e Estados Unidos

FELIPE BRANCO CRUZ

A morte precoce de Bruce Lee, aos 32 anos, no dia 20 de julho de 1973, por motivos até hoje misteriosos, foi marcada por uma dualidade que reflete o que foi sua vida. O ator e professor de lutas marciais chinês, que tentou ascender em Hollywood sem muito sucesso, teve dois funerais: um em Hong Kong, apinhado de fãs, e outro em Seattle, cidade natal de sua esposa, Linda Lee, nos Estados Unidos, onde foi realizado seu sepultamento, acompanhado por pouquíssimas pessoas. Em um dos obituários publicados pela imprensa americana na época, Lee foi confundido com outro ator oriental, nascido na Indonésia. O descaso parece absurdo quando se observa, com a distância temporal, a fama estrondosa que Bruce Lee alcançou — e o legado indelével deixado por ele para o cinema, além de sua contri-

SUNSET BOULEVARD/CORBIS/GETTY IMAGES

O MESTRE Chuck Norris com Lee em *O Voo do Dragão:* discípulo do lutador

BRUCE LEE – UMA VIDA,
de Matthew Polly (tradução de Danilo Di Giorgi; Seoman; 712 páginas; 109,90 reais e 76,90 reais em e-book)

buição para amenizar a belicosa relação entre China e Estados Unidos.

Se hoje a discussão sobre o trato recebido por orientais em Hollywood vem pegando fogo, nos anos 60, quando o ator chegou por lá, a conversa era inimaginável. Tanto que, em 1964, Lee burlou a lei vigente em alguns estados americanos ao se casar com Linda: na época, a união inter-racial era proibida no país. Tamanho preconceito se refletiu em seu reconhecimento tardio. O estrelato e o status de mito das artes marciais vieram de forma póstuma, com *Operação Dragão* (1973), lançado seis dias após a sua morte. Apesar de ter feito séries de TV e uma dezena de filmes antes, esse foi o primeiro e o único trabalho no qual ele atua como protagonista em Hollywood. A dedicação draconiana de Lee ao filme, com ensaios exaustivos e revisão do roteiro, fez do título um clássico do gênero das artes marciais.

Embora o ator dispense apresentações, são pouquíssimos os livros que analisam o seu legado. Lançado recentemente, ***Bruce Lee — Uma Vida,*** do escritor americano Matthew Polly, chega para suprir essa lacuna. O calhamaço de 712 páginas se impõe co-

SUCESSO Bruce Lee em *Operação Dragão*: o filme que o levou ao estrelato estreou após sua morte

PHOTO12/AFP

FENÔMENO GLOBAL

Sob a influência de Bruce Lee, Hollywood amenizou o modo pejorativo de retratar asiáticos e adicionou ao cinema de ação a graciosidade das artes marciais

GOLDEN HARVEST COMPANY

INCLUSÃO

Até os anos 80, os chineses mal apareciam nos filmes e, quando surgiam, eram caracterizados de forma preconceituosa, como vilões cruéis ou tipos atrasados de visual rústico. Graças a Lee, astros como Jackie Chan *(foto)*, Jet Li e Liu Yifei (a atual *Mulan*) ganharam espaço.

MIDWAY GAMES

VIDEOGAMES

O legado de Lee se estende até o vasto mundo dos games. Jogos de luta ganharam popularidade devido à crescente onda das artes marciais. O já clássico *Mortal Kombat* tem até um personagem inspirado em Lee: Liu Kang *(foto)*, que se movimenta e grita como o ator.

KOBAL/SHUTTERSTOCK

NOVAS COREOGRAFIAS

O cinema de ação pré-Bruce Lee se resumia a socos insossos. Depois dele, as lutas ganharam plasticidade para causar impacto visual, com movimentos coreografados e mais lentos que o normal. A influência vai de *Karatê Kid* (1984; *foto*) a *John Wick* (2014), com Keanu Reeves.

mo a biografia definitiva ao destrinchar a vida particular e profissional do ator. Com uma vasta pesquisa e centenas de entrevistas, Polly conta como o artista fez uma ponte cultural entre o Ocidente e o Oriente, quebrando estereótipos, ao mesmo tempo que apresentou a cultura chinesa e suas peculiaridades, especialmente a graciosidade das artes marciais. Além de abrir portas para atores orientais, ele cravou na cultura pop o subgênero cinematográfico do herói do kung fu e criou uma nova arte marcial: o jeet kune do, uma mescla de modalidades coreografada como uma dança, para ser mais bem captada pela câmera *(veja o quadro acima)*. "O soco de John Wayne, então, virou coisa do passado", disse o a VEJA o biógrafo Polly.

Bruce Lee nasceu em 27 de novembro de 1940, em São Francisco, na Califórnia, por um golpe do destino. Seu pai, um artista de ópera chinesa, estava na cidade com sua trupe e com sua mãe, que acompanhava o marido na turnê. Calhou então de Lee nascer por lá. Meses depois, o casal retornou para Hong Kong, de onde o rapaz não sairia até os 18 anos. Sua carreira começou ainda na infância, em filmes chineses. Problemático, frequentemente envolvido em brigas na rua, Lee foi despachado pelos pais para os Estados Unidos. Munido de dupla cidadania e quase sem saber falar inglês (ele nunca perderia o sotaque cantonês), o ator notou a desconfiança mútua entre chineses e americanos. Foi nesse contexto que decidiu dar aulas de artes marciais a não orientais e seu primeiro aluno foi um estudante negro. A vontade de quebrar barreiras fez com que ele estudasse também boxe, caratê e jiu-jítsu. "Se os brasileiros Gracie são os messias do vale-tudo, Bruce Lee pode ser chamado de São João Batista do MMA", brinca o biógrafo.

Com contas para pagar e dois filhos para criar, Lee deu aulas particulares a celebridades como Steve McQueen e Roman Polanski e foi consultor de lutas para astros do cinema — recorte apresentado por Quentin Tarantino no filme *Era Uma Vez em... Hollywood* (2019). Em 1971, Lee lançou seu primeiro filme de kung fu, *O Dragão Chinês*, gravado na Tailândia. Nos dois anos seguintes, faria outros três filmes com a mesma temática, até morrer repentinamente. O subgênero criado por ele atingiu o auge em seguida, com Chuck Norris e Jackie Chan, seus discípulos diretos. Não há consenso sobre a causa de sua morte, mas o biógrafo acredita ter sido por hipertermia. "Morte pelo calor mata jovens atletas com muito mais frequência que reações alérgicas", diz. Seu legado, porém, se provou imortal. ■

CLAY ENOS/NETFLIX

VINGATIVO Momoa no filme: entre as típicas cenas de pancadaria, o ator expõe sua veia dramática em trama sobre o luto

GRANDALHÕES TAMBÉM CHORAM

Após o sucesso em *Game of Thrones* e *Aquaman*, Jason Momoa quer provar no filme *Justiça em Família* ter outros talentos para além de seus músculos **AMANDA CAPUANO**

DO ALTO DE SEU 1,93 metro de altura e quase 100 quilos de puro músculo, o ator havaiano Jason Momoa, de 42 anos, não demorou a ser encurralado no estereótipo do brutamontes acéfalo cujo coração, aparentemente, serve apenas para bombear sangue. Por debaixo dos grunhidos e do visual bárbaro do sanguinário Khal Drogo, papel que o lançou ao estrelato em *Game of Thrones*, Momoa é, na realidade, um paizão coruja, dono de tiradas sarcásticas e, segundo o próprio, bastante sensível. "Quem me conhece sabe quão mole eu sou", disse ele em entrevista a VEJA via Zoom. A decisão de protagonizar o filme ***Justiça em Família,*** que acaba de chegar à Netflix, atesta o desejo do ator de mostrar sua faceta dramática, provando que os grandalhões também choram — e podem ostentar mais do que dez palavras no vocabulário.

Momoa interpreta Ray Cooper, um pai exemplar e marido apaixonado que desaba quando sua esposa, com câncer, morre sem ter acesso a um remédio de alto custo que poderia lhe dar mais tempo de vida. A ganância da empresa farmacêutica que produz o medicamento é personificada como a vilã da trama. Na caçada por vingança contra o laboratório, Cooper incomoda os poderosos, colocando a vida de sua filha (Isabela Merced) em perigo.

Questionado se o gosto pelo gênero de ação foi o que pautou sua carreira até aqui, Momoa usa seu afiado bom humor: "Você viu meu tamanho? Acha que alguém vai me chamar para uma comédia romântica?". O havaia-

no não está só no nicho dos personagens à la Shrek — mas encabeça uma mudança paulatina e essencial que, em breve, pode, sim, colocá-lo numa produção açucarada. Entre idas e vindas, os fortões do cinema são parte da cultura hollywoodiana. Se nos anos 80 e 90 nomes como Arnold Schwarzenegger e Sylvester Stallone representavam a força viril dos americanos, ainda sob a sombra da Guerra Fria, agora os marmanjos abraçam uma masculinidade mais afinada com os novos tempos.

A necessidade de adaptação começou lá em 1999, quando *Matrix* revolucionou os filmes de ação, tornando quase obsoleto o perfil brutamontes. Dwayne Johnson é um bom exemplo dessa mudança. Astro da franquia *Velozes e Furiosos*, ele vem se aventurando em filmes infantis, comédias e até dramas. O ex-lutador Dave Bautista, com 1,93 metro e mais de 130 quilos, também se adaptou à nova onda, assumindo os papéis do emotivo Drax, herói de *Guardiões da Galáxia*, e do pai preocupado com a filha num apocalipse zumbi em *Army of the Dead*.

Momoa segue a mesma jornada. Após estrear como um surfista bonitão na série *Baywatch*, em 1999, o havaiano só conseguiu outro papel relevante em 2011, com *Game of Thrones* — que, aliás, abriu portas para atores de tamanhos incomuns, como o fisiculturista Hafthór Július Björnsson, intérprete do Montanha, com 2,06 metros de altura e 156 quilos. O carimbo definitivo do passaporte de Momoa para Hollywood veio com o super-herói bonachão Aquaman. Suas habilidades nos filmes de ação são indiscutíveis. Agora, ele quer mostrar que é mais que um corpinho (ops, corpão) bonito. Haja esforço. ■

VICIADOS EM APLICATIVOS

Ao deixar decisões com o mundo virtual, afeto minha criatividade

DE UNS TEMPOS para cá, ninguém mais dirige sem Waze. Mesmo sabendo o caminho, as quebradas, os truques. Confesso: conheço bastante bem São Paulo e mal sei usar o aplicativo. Não que eu seja contra. Há muitos anos, no Japão, fiquei deslumbrado com a possibilidade de chegar aonde quisesse. O aplicativo também me salvou em uma viagem à Alemanha. Quando o Waze desembarcou aqui, achei ótimo. Mas aí estava com um amigo, indo para minha casa. Um caminho conhecidíssimo. Ele botou o Waze.

— Não precisa, o trajeto é aquele lá mesmo.

— É melhor — respondeu ele, com expressão de esfinge.

Fomos. O trajeto congestionado. Propus uma rota alternativa. O motorista não gostou. Deu uma súbita guinada à direita.

— Por que virou?

— O Waze mandou. Aqui está vazio.

Estava. Todos os veículos, todos, todos, todos, viraram imediatamente na mesma direção, congestionando toda a rua. Óbvio. O aplicativo dissera para fazerem o mesmo. E aí foi: uma sucessão de conversões, desvios, para chegar a novos congestionamentos. Quem vive há muito tempo em uma cidade tem seus truques. O Waze segue a lógica, inclusive de quilometragem. Mas não dá margem ao jeitinho pessoal, que é, frequentemente, a salvação. Por exemplo, se eu vou para o Rio de Janeiro, quero pegar a Ayrton Senna, que é uma rodovia mais tranquila em termos de caminhões. O Waze sempre indica a Dutra. Quando há outro no volante, começa a briga.

— Vai pela direita.

— O Waze está mandando à esquerda.

— Mas eu prefiro...

— É melhor. Diz que está vazia.

— ENTRA À DIREITA DE UMA VEZ!

Mas a questão não é exatamente essa. Motoristas experientes abdicam de todo seu conhecimento. Anos de tráfego para não pensarem um segundo sequer no caminho.

Não sou maluco por aplicativos. Até hoje não incorporei a Siri à minha vida. Fico satisfeito em teclar. Sim, é uma facilidade. Temos de viver entre tantas.

Existe uma tal de Alexa, que torna a casa inteligente. Uma companheira. Lê as notícias, toca músicas, prevê o tempo. Controla a casa. Pede comida. Até conta piadas. Há também a Siri, já citada aqui, e o Google Home. Aplicativos que cuidam da sua, da minha, da nossa vida.

> **"Se eu sigo o caminho do Waze, nunca entrarei por acaso numa ruazinha diferente e apaixonante"**

Fazem parte de uma mesma tendência. Deixar tarefas e decisões por conta do mundo virtual. Ninguém mais tem de escolher uma música. Basta abrir uma lista do Spotify, que nem precisa ser sua mesmo, mas de alguém que você admira. É fascinante. Mas sinto que cada vez mais me torno menos criativo. Se eu sigo o caminho do Waze, nunca entrarei por acaso numa ruazinha diferente e apaixonante. Se me entrego à Alexa, algo do meu estilo e modo de ser estará se transformando.

Não importa o que eu diga agora, sempre será incrivelmente careta. Os aplicativos estão aí, mais cedo ou mais tarde também me entregarei a eles, e assim o mundo vai. Só me pergunto: cada vez que eu abdicar de uma pequena capacidade de tomar decisões, não estarei abrindo mão de uma partezinha de minha humanidade? ■

A MUSA IMPROVÁVEL

Após o sucesso com *Grey's Anatomy* e o protagonismo em *Killing Eve*, Sandra Oh estrela a nova série da Netflix *The Chair*, outra comédia ácida encabeçada por uma "mulher difícil"

EM 1995, Sandra Oh, aos 24 anos, deixava sua casa em Ottawa, no Canadá, para se aventurar por Los Angeles, nos Estados Unidos, movida pelo sonho de ser atriz. A jovem, descendente de imigrantes sul-coreanos, logo de cara encontrou portas fechadas. "Não tenho nada para lhe oferecer", disse um agente de talentos. A recusa ainda se revelou racista. "Você não tem o perfil de protagonista, não é bonita o suficiente. Deveria fazer uma cirurgia plástica." Por um longo período, a previsão parecia se concretizar. Sandra passou uma década pulando entre papéis sem relevância. Insistente, centrada e determinada, a atriz quebrou barreira por barreira e refletiu essa "teimosia" em suas personagens — caso da popular médica Cristina Yang, de *Grey's Anatomy*, que a fez famosa. Hoje, aos 50 anos, Sandra não só é um nome cobiçado na TV e no cinema, como deu novos ares ao papel da dita "mulher difícil".

Leia-se "difícil" como um adjetivo amplamente usado para caracterizar mulheres que fogem de padrões. São aquelas que priorizam o trabalho, falam o que pensam e tomam decisões impopulares. É o caso da professora Ji-Yoon Kim, protagonista da comédia dramática da Netflix ***The Chair,*** vivida por Sandra. Primeira mulher a comandar o Departamento de Inglês de uma renomada universidade, Ji-Yoon tenta trazer para o século XXI um corpo docente de homens idosos, pouco afeitos a mudanças.

INSTAGRAM @IAMSANDRAOHINSTA

PIONEIRA Sandra: contra previsão de agente, a atriz alcançou o protagonismo

Com humor ácido e carisma abundante, Sandra traz em sua atuação um delicado equilíbrio entre qualidades e imperfeições, além de dilemas que acompanham o sexo feminino, como a relação entre a maternidade e a vida profissional. Ela ainda ajudou a tirar dessas personagens o rótulo de enfadonhas ou infelizes — claro, pela falta de um romance estável. Da força explosiva de Cristina Yang ao poder compassivo de Ji-Yoon, Sandra também vem brilhando na pele de Eve Polastri, agente do serviço secreto britânico na primorosa série *Killing Eve*. Longe da perfeição de um 007, Eve se coloca em situações kafkianas — especialmente ao criar laços com uma assassina. O papel lhe rendeu o histórico primeiro Globo de Ouro de melhor atriz para uma oriental. É bom ser difícil. ■

Marcelo Canquerino

WALT DISNEY STUDIOS

EXISTO, LOGO... EXISTO Guy (Reynolds) começa a sair do programa: feito de zeros e uns, mas cheio de sentimentos

QUERO SER GENTE

Em *Free Guy,* Ryan Reynolds descobre que nem é humano nem seu mundo é real: ele não passa de um personagem de fundo em um game. O que não impede que seja ótima pessoa

GUY é um exemplo de contentamento com a própria vida: toda manhã, acorda feliz ao som de *Fantasy,* de Mariah Carey, dá bom-dia ao peixinho-dourado, veste a camisa azulzinha e as calças cáqui (seu armário não tem outra combinação possível) e segue para o trabalho como caixa de banco. Guy nem dá bola aos numerosos roubos, tiroteios, homicídios e atos de vilania em geral que acontecem nas ruas de Free City. Nas várias vezes ao dia em que algum mal-encarado assalta o banco, ele e o segurança Buddy se jogam tranquilos no chão e aproveitam para fazer planos para o fim de semana. Guy (que além de ser um nome quer dizer "cara") e Buddy (que pode ser um apelido como "amigão") não participam da bagunça; isso é para quem usa óculos escuros — pessoas de outra categoria. Ou pessoas, simplesmente: Guy (Ryan Reynolds) e Buddy (Lil Rel Howery) creem existir e viver em uma cidade real, mas não passam de NPCs, a sigla em inglês para os personagens de fundo em um game. Mas, quando Guy cruza com a Garota Molotov (Jodie Comer) e se apaixona, ele faz o que nenhum NPC jamais fez: sai do programa e começa a evoluir. Ou seja, age, deseja, experimenta, entra em crise e as provoca também: Molotov — o avatar da criadora original do game — percebe que está caidinha por esse homem que, apesar de não existir de verdade, é muito gente (e Jodie, a maravilhosa Villanelle de *Killing Eve,* torna a ideia tão natural quanto inevitável).

Free Guy (Estados Unidos, 2021), em cartaz nos cinemas, é um cruzamento de *O Show de Truman* e *Detona Ralph* com *Grand Theft Auto,* aquele game em que qualquer barbaridade é permitida. Em tese, seria díspar demais para funcionar. Mas, da mesma maneira que seu protagonista, o filme tem uma espécie de vida própria: é tolo mas esperto, doce, cheio de energia e muito bom de olhar — o que serve também para descrever Reynolds no modo censura livre (aliás, o modo habitual do diretor Shawn Levy, dos três *Uma Noite no Museu* e de vários episódios de *Stranger Things,* série da qual vem Joe Keery, um dos atores mais simpáticos do filme). Em uma coincidência que talvez diga algo sobre o espírito do momento, em suma, *Free Guy* opera no mesmo comprimento de onda que o estouro do ano, a adorável série *Ted Lasso.* Se até os vilões do *Esquadrão Suicida* acabam de descobrir que têm um coração, é oficial: 2021 é dos mocinhos. ■

Isabela Boscov

EXPOSIÇÃO

LYGIA CLARK (1920-1988) 100 ANOS

(De 23 de agosto a 23 de outubro, na Pinakotheke Cultural, no Rio de Janeiro)

Nos anos 50, a casa de Lygia Clark (1920-1988) no Rio era ponto de encontro de artistas. Entre eles Ferreira Gullar. Certo dia, diante de uma obra criada por ela, levantou-se a questão: o que é isso? Não era uma escultura, nem uma pintura, nem um relevo. Gullar então cravou: "É o não objeto". Nascia ali o manifesto neoconcretista, que teve Lygia como expoente — ela viria a se autointitular de "não artista". Após um período em Paris, na década de 60, tornou-se adepta da arte interativa e performática. Chegou ao extremo de fundir psicanálise e arte em uma espécie de terapia. A mostra da Pinakotheke que celebra o centenário da artista — evento adiado pela pandemia — revisita cada fase, trazendo objetos inéditos. A entrada é gratuita e feita via agendamento on-line.

FASES Mostra: a artista brasileira transitou por movimentos variados e se autodenominou de "não artista"

HBO MAX

LIBERDADE Cristin Milioti na série: fuga de um casamento à la *Black Mirror*

TELEVISÃO

MADE FOR LOVE

(Estados Unidos, 2021. Na HBO Max)

Nos dez anos desde que se casou com o triliardário Byron (Billy Magnussen), dono do gigante da tecnologia Gogol, Hazel (a ótima Cristin Milioti) nunca saiu do Eixo, o paraíso parte real, parte virtual em que o marido hipercontrolador a aprisionou. Mas, ao descobrir que o próximo projeto de Byron é implantar no cérebro dela um chip capaz de fundir a consciência dos dois, ela finalmente dá um basta (tarde demais, porém) e vai procurar o pai fracassado (Ray Romano), que vive um segundo "casamento" com uma boneca inflável. Criada pela autora Alissa Nutting, a série é parte sátira, parte comédia aflitiva, parte drama.

JAIME ACIOLI

LIVRO

ELIZE MATSUNAGA: A MULHER QUE ESQUARTEJOU O MARIDO, **de Ullisses Campbell (Matrix Editora; 368 páginas; 64 reais)**

Após a minissérie da Netflix, o caso de Elize Matsunaga, que matou o marido, o empresário Marcos Matsunaga, e cortou seu corpo em pedaços, ganha uma investigação aprofundada neste livro-reportagem. Elize trazia cicatrizes, do abuso do padrasto à dura sobrevivência na prostituição. Viu no tímido Matsunaga, um homem violento, apaixonado por armas e viciado em sexo pago, a chance de mudar de vida. Uma escalada de ciúmes detonou a relação que parece ter nascido fadada a terminar em tragédia. ■

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

1. **OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO** Taylor Jenkins Reid [1 | 20#] PARALELA
2. **A GAROTA DO LAGO** Charlie Donlea [5 | 103#] FARO EDITORIAL
3. **TORTO ARADO** Itamar Vieira Junior [3 | 32#] TODAVIA
4. **AMIGO IMAGINÁRIO** Stephen Chbosky [0 | 1] RECORD
5. **A IRMÃ DESAPARECIDA** Lucinda Riley [4 | 2] ARQUEIRO
6. **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS** George Orwell [6 | 156#] VÁRIAS EDITORAS
7. **TETO PARA DOIS** Beth O'Leary [10 | 34#] INTRÍNSECA
8. **É ASSIM QUE ACABA** Colleen Hoover [9 | 5#] GALERA RECORD
9. **TUDO É RIO** Carla Madeira [0 | 1] RECORD
10. **1984** George Orwell [7 | 113#] VÁRIAS EDITORAS

NÃO FICÇÃO

1. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS** Clarissa Pinkola Estés [1 | 70#] ROCCO
2. **POLÍTICA É PARA TODOS** Gabriela Prioli [0 | 1] COMPANHIA DAS LETRAS
3. **VIDA INTEIRA** Ana Michelle Soares [0 | 1] SEXTANTE
4. **ESCRAVIDÃO – VOLUME 2** Laurentino Gomes [2 | 10] GLOBO LIVROS
5. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE** Yuval Noah Harari [3 | 236#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS
6. **O DIÁRIO DE ANNE FRANK** Anne Frank [0 | 243#] VÁRIAS EDITORAS
7. **RÁPIDO E DEVAGAR** Daniel Kahneman [5 | 126#] OBJETIVA
8. **ESCRAVIDÃO – VOLUME 1** Laurentino Gomes [4 | 60#] GLOBO LIVROS
9. **LADY KILLERS: ASSASSINAS EM SÉRIE** Tori Telfer [7 | 34#] DARKSIDE
10. **PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA** Djamila Ribeiro [9 | 80] COMPANHIA DAS LETRAS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **AS 9 LEIS INEGOCIÁVEIS DA VIDA** Marcel Scalcko [0 | 1] GENTE
2. **MAIS ESPERTO QUE O DIABO** Napoleon Hill [1 | 121#] CITADEL
3. **DO MIL AO MILHÃO** Thiago Nigro [2 | 133#] HARPERCOLLINS BRASIL
4. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA** George S. Clason [3 | 43#] HARPERCOLLINS BRASIL
5. **PAI RICO, PAI POBRE – PARA JOVENS** Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [6 | 45#] ALTA BOOKS
6. **O PODER DO HÁBITO** Charles Duhigg [4 | 245#] OBJETIVA
7. **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA** T. Harv Eker [7 | 335#] SEXTANTE
8. **A CORAGEM DE SER IMPERFEITO** Brené Brown [9 | 47#] SEXTANTE
9. **A NOVA BATALHA** Reginaldo Manzotti [0 | 9#] PETRA
10. **O DILEMA DO PORCO-ESPINHO** Leandro Karnal [0 | 6#] PLANETA

INFANTOJUVENIL

1. **MENTIROSOS** E. Lockhart [1 | 15] SEGUINTE
2. **VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL** Casey McQuiston [2 | 23#] SEGUINTE
3. **COLEÇÃO HARRY POTTER** J.K. Rowling [5 | 83#] ROCCO
4. **AMOR & GELATO** Jenna Evans Welch [8 | 8#] INTRÍNSECA
5. **A LÂMINA DA ASSASSINA** Sarah J. Maas [0 | 1] GALERA RECORD
6. **CORTE DE ESPINHOS E ROSAS** Sarah J. Maas [7 | 42#] GALERA RECORD
7. **A RAINHA VERMELHA** Victoria Aveyard [0 | 69#] SEGUINTE
8. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL** J.K. Rowling [6 | 314#] ROCCO
9. **UM DE NÓS ESTÁ MENTINDO** Karen M. McManus [4 | 11#] GALERA RECORD
10. **CORTE DE CHAMAS PRATEADAS** Sarah J. Maas [9 | 9#] GALERA RECORD

Pesquisa: Yandeh / Fontes: **Aracaju:** Escariz, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Belém:** Leitura, SBS, **Belo Horizonte:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Cultura, Leitura, **Campinas:** Cultura, Disal, Leitura, Loyola, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas:** Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Cascavel:** A Página, **Caxias do Sul:** Saraiva, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, Kunda Livraria Universitária, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, Vozes, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, **João Pessoa:** Leitura, Saraiva, **Joinville:** A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí:** Leitura, **Lins:** Koinonia Livros, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, **Manaus:** Leitura, Vozes, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva, **Natal:** Leitura, **Niterói:** Blooks, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Passo Fundo:** Santos, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** Cameron, Disal, Santos, Saraiva, SBS, Vozes, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Saraiva, **Rio Claro:** Livruz, **Rio de Janeiro:** Argumento, Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Santa Maria:** Santos, **Santana do Parnaíba:** Leitura, **Santo André:** Disal, Saraiva, **Santos:** Loyola, Saraiva, **São Caetano do Sul:** Disal, **São José:** Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, **São José dos Campos:** Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís:** Leitura, **São Paulo:** 30porcento, Aeromix, A Página, Blooks, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Nobel Mais Shopping, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **Sorocaba:** Saraiva, **Taboão da Serra:** Curitiba, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, SBS, **Vila Velha:** Leitura, Saraiva, **Vitória:** MultiLivros, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **Internet:** A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

INTENÇÃO E GESTO

UMA COISA é o chefe do Poder Executivo dizer que vai fazer isso ou aquilo, outra é o Judiciário e o Legislativo fazerem acontecer exatamente o contrário, esvaziando com atos as palavras que ao longo do tempo tendem a cair no descrédito.

É o que acontece no Brasil: enquanto o presidente e apoiadores mais estridentes elevam os decibéis e acionam o modo da briga de rua, tribunais superiores, Câmara e Senado põem a bola para rolar no campo da legalidade deixando que Jair Bolsonaro e companhia façam gols contra em série.

Temos aí um embate entre a intenção de provocar e o gesto de enquadrar os provocadores aos costumes institucionais. De um lado, a gritaria, e de outro, o braço firme, por ora o vencedor do certame.

Em 28 de maio de 2020 o presidente reagiu à operação de busca e apreensão determinada pelo Supremo Tribunal Federal em endereços de gente investigada por participar de uma rede de disseminação de notícias falsas com a frase que lhe pareceu definitiva: "Acabou, p..., ontem foi o último dia".

Pois aquele 27 de maio de 2020 marcou justamente o início de uma sucessão de decisões que viriam a colocar adoradores bolsonaristas em situações adversas e tornar o presidente em pessoa alvo de investigações variadas.

Vão de abuso de poder político e uso indevido de recursos públicos com fins eleitorais à inclusão em inquérito sobre organização criminosa digital, prevaricação e acusação de atacar a legitimidade do sistema eleitoral. Atrapalhar a realização de eleições é considerado crime contra o estado de direito, segundo o texto aprovado pelo Congresso em substituição à Lei de Segurança Nacional, ainda no aguardo de sanção do Planalto.

Mas, antes de a empreitada legalista alcançar os calcanhares presidenciais, atingiu gente cuja valentia não resistiu ao trajeto da prisão à tornozeleira eletrônica. A militante loura que queria "trocar socos" com Alexandre de Moraes e ameaçava "não dar paz" ao ministro até que ele pedisse "para sair" hoje se diz arrependida. O deputado que sonhou dar "uma surra" em Edson Fachin e pregou a destituição dos onze ministros do STF pediu desculpas, reconheceu o exagero e está com o mandato suspenso.

"A barreira da legalidade mostra que no campo das ameaças é mais fácil falar do que fazer acontecer"

O ex-deputado delator do mensalão, preso e cassado na ocasião, voltou à cadeia por incitação à violência, suspeita de participação na quadrilha das notícias falsas. Ganhou a notoriedade buscada depois de longo ostracismo, mas usufrui a fama atrás das grades. Já o cantor sertanejo que deu ordens ao Senado e prometeu desalojar o colegiado do Supremo "na marra", caso não fosse obedecido, alegou ter sido mal interpretado e caiu em depressão.

É pouco? Pois há mais em matéria de gols contra. A Câmara derrotou o voto impresso e, de quebra, mostrou que o presidente não tem 257 votos para aprovar nem projetos de lei sem suar a camisa. Isso sem falar das manifestações em defesa da democracia vindas de variados e importantes setores da sociedade e de gente se fez com o apoio de Bolsonaro, como os presidentes da Câmara e do Senado.

Há quem reclame por mais veemência da parte de Rodrigo Pacheco e Arthur Lira, mas, convenhamos, não cabe a eles radicalizar o discurso muito, menos entrar na toada do presidente. Se vão muito adiante, daqui a pouco não lhes sobra nada a dizer além de mata e esfola como se faz por aí sem o compromisso institucional inerente aos comandantes do Legislativo.

Note-se, a propósito, que, se Lira não pôs a exame do plenário os pedidos de impeachment, tampouco os arquivou. Presidentes da Câmara nos governos de Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio da Silva deram um fim à conversa sem acanhamento. Os de Bolsonaro estão lá, para todos os feitos e efeitos. Quanto aos pedidos de impedimento dos ministros Alexandre de Moraes e Luís Roberto Barroso que o presidente diz pretender apresentar ao Senado, Rodrigo Pacheco já avisou de antemão que não passarão. Se de fato for levar os pedidos pessoalmente, o mandatário será cordialmente recebido, mas não será atendido.

Melhor evitar esse constrangimento, já que não desistirá de continuar a provocar a fim de "cavar" um impasse para 2022. A ideia é explícita, mas contra ele a institucionalidade constrói antídotos na forma de diálogo entre os poderes do qual se alija o presidente.

O recado é o seguinte: há forças com armas eficientes para o exercício do poder moderador. Mas, definitivamente, não são as Forças Armadas. ■

■ *Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de* VEJA